



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

***COPING ATRAVÉS DO USO DE MÍDIAS E SUA RELAÇÃO COM A
PERSONALIDADE E O BEM-ESTAR SUBJETIVO***

Thamires Pereira Alves

JOÃO PESSOA – PB

2019

Thamires Pereira Alves

***COPING* ATRAVÉS DO USO DE MÍDIAS E SUA RELAÇÃO COM A
PERSONALIDADE E O BEM-ESTAR SUBJETIVO**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Carlos Eduardo Pimentel.

JOÃO PESSOA – PB

2019

A474c Alves, Thamires Pereira.

Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a
Personalidade e o Bem-estar Subjetivo / Thamires
Pereira Alves. - João Pessoa, 2019.
117 f.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. validação. 2. mídias. 3. coping. 4. personalidade.
5. bem-estar subjetivo. I. Pimentel, Carlos Eduardo.
II. Título.

UFPB/CCHLA

Thamires Pereira Alves

**COPING ATRAVÉS DO USO DE MÍDIAS E SUA RELAÇÃO COM A
PERSONALIDADE E O BEM-ESTAR SUBJETIVO**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

BANCA AVALIADORA



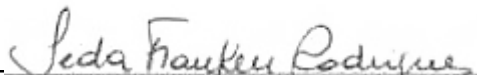
Prof.º Dr.º Carlos Eduardo Pimentel

**Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília
Orientador (PPGPS – UFPB)**



Prof.ª Dr.ª Maria da Penha de Lima Coutinho

**Pós-doutorado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Aberta de Lisboa
Membro Interno (PPGPS – UFPB)**



Prof.ª Dr.ª Ieda Franken Rodrigues

**Pós-doutorado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Aberta de Lisboa
Membro Externo (Departamento de Psicologia – UFPB)**

AGRADECIMENTOS

Apesar das controvérsias, acredito que o momento de escrever os agradecimentos é um dos mais difíceis. São muitas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram durante essa jornada de dois anos, seja por meio de conhecimentos compartilhados, seja através de palavras de suporte, atitudes de carinho e, porque não, críticas construtivas. Portanto, torna-se impossível agradecer a todos que fizeram parte dessa conquista, concretizada por meio da presente dissertação, porém, em poucas palavras buscarei resumir minha gratidão por cada um.

Inicialmente, deixo meus agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, por proporcionar qualidade em ensino e pesquisa, em especial ao corpo discente e docente, pela rica troca e construção de saberes.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta investigação.

Ao Prof.^o Dr.^o Carlos Eduardo Pimentel, pela oportunidade de ser sua orientanda e incentivo durante o processo de definição e orientação, colaborando para o meu crescimento científico e intelectual.

À banca examinadora, que gentilmente aceitou participar e contribuir com esta dissertação. À Prof.^a Dr.^a Maria da Penha de Lima Coutinho, referência na Psicologia Social, pelas considerações feitas durante a Jornada de Mestrado enquanto leitora interna, assim como pela disponibilidade em colaborar na defesa final. À Prof.^a Dr.^a Ieda Franken Rodrigues, a qual sou grata pelos ensinamentos e estímulos, sendo a responsável pelos meus primeiros passos na pesquisa, desde a graduação.

Ao Núcleo Laboratório de Psicologia da Mídia – LPM, onde me senti acolhida e pude expandir e partilhar meus conhecimentos, bem como experienciar momentos ímpares. Não poderia deixar de citar o nome de cada um daqueles que me impulsionaram e contribuíram para a realização deste trabalho: Helena Vasconcelos, Isabella Santos (Bella), Pierre Junior, Tailson Mariano, Tamyres Tomaz (Tamy), Thaís Galdino e aos novos membros que estão no início dessa eterna caminhada chamada pesquisa.

Aos 677 participantes e às Instituições as quais realizei este trabalho, por tornarem possível a concretização dos três estudos, bem como pela disponibilidade e colaboração. Meus sinceros agradecimentos!

Às “friends”, Celiana Pereira, Eveline Holanda e Wilza Karla, pelos inúmeros momentos de descontração e conversas sobre as inquietações presentes na vida de pós-graduando, sem dúvidas a amizade de vocês tornou esse período mais leve e menos árduo.

Aos meus amigos, pelo suporte nos momentos de incertezas e ausências. Francis Dantas, uma irmã que me escuta quando preciso falar, mas também respeita meu silêncio. Giordano Bruno e Lorraine Lacerda, presentes que a Psicologia me proporcionou e guardo no coração como se fossem as mais preciosas joias, mesmo com a distância sempre se fazem presentes.

À Talles Chateaubriand de Macedo, pelo companheirismo, amizade, incentivo, críticas e discussões sobre o meio científico e o mundo acadêmico, além da compreensão nos momentos de atenção dividida. Obrigada por permitir te conhecer!

Aos meus familiares, pelo incentivo e apoio. Em especial, à minha avó Francisquinha, exemplo da garra e honestidade da mulher nordestina, com sabedoria ímpar que não pode ser encontrada em nenhum livro ou exemplar científico.

À minha mãe Marlene, que me ensinou que a vida é um caminho de alegrias, mas também de percalços e me preparou a passar por cima de todos eles com humildade e sorriso no rosto. Mesmo diante das adversidades, acreditou no poder de transformação da educação e me proporcionou, hoje, estar em uma pós-graduação. Palavras são ínfimas diante o que sinto por você.

Enfim, a todos aqueles que ajudaram a colocar cada degrau deste caminho, me permitindo chegar até aqui.

Imensa gratidão!

“Tornou-se espantosamente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade.”

Albert Einstein

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo adaptar e reunir evidências de validade e precisão de três escalas de *coping* através do uso de mídias: Escala de *Coping* através da Leitura de Livros, Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, e Escala de *Coping* através do Uso da Internet. Além disso, buscou-se investigar suas relações com os traços da personalidade e o bem-estar subjetivo. Para tal, foram realizados três estudos empíricos com estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior do Estado da Paraíba, Brasil. No Estudo 1, a Análise Fatorial Exploratória (AFE) recomendou a solução trifatorial, conforme descrito na literatura especializada, apresentando as variáveis latentes *coping* focado na emoção, *coping* focado no problema e *coping* evitação. Os percentuais de variância explicada variaram entre 71,65% e 76,80% ($\alpha \geq 0,89$; $\lambda - 2 \geq 0,89$), indicando estrutura fatorial apropriada e confiável, visto os bons índices de consistência interna nos três instrumentos. No Estudo 2, a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) ratificou as validades das estruturas fatoriais com três dimensões nas escalas propostas. A partir da testagem dos modelos alternativos, os modelos trifatoriais (original e reduzido) exibiram melhores índices de ajuste, sendo considerados equivalentes. Portanto, optou-se pelo modelo trifatorial original, uma vez que o mesmo mostrou adequação satisfatória aos dados e, além dos critérios estatísticos, ponderou-se o significado teórico pertinente à extração destes fatores. Subsequentemente, o Estudo 3 revelou que ouvir músicas é o comportamento de *coping* mais utilizado pela amostra em questão, enquanto a leitura de livros apresentou média consideravelmente inferior, sendo esta a estratégia menos usada. O fator *coping* focado na emoção foi o mais empregado, principalmente pelas mulheres, apresentando correlações com agradabilidade, conscienciosidade, satisfação com a vida e afetos positivos. O *coping* focado no problema exibiu relacionamento positivo com a abertura à experiência e os afetos positivos, no entanto, o *coping* evitação correlacionou-se com neuroticismo e afetos negativos, sendo o estilo menos empregado. Verificou-se também a presença de relações significativas entre os traços de personalidade e as dimensões do bem-estar subjetivo. Os padrões de relacionamento testados determinaram que o *coping* focado na emoção prediz a satisfação com a vida, os afetos positivos e os afetos negativos, já o *coping* focado no problema prenuncia os afetos positivos e negativos, enquanto o *coping* evitação os afetos negativos. Observou-se o aumento da porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade nas relações do *coping* focado na emoção e do *coping* focado no problema com os afetos positivos, e do traço neuroticismo na relação do *coping* evitação com os afetos negativos, sugerindo que os indivíduos com estes traços de personalidade tendem a recorrer às referidas estratégias, que determinam seus afetos. As estimativas de correlação e predição se mostraram em concordância com o aporte teórico e empírico, indicando que as características positivas da personalidade e do BES implicam nas estratégias focadas na emoção e no problema, enquanto as características negativas são arroladas ao estilo evitação. Isto posto, espera-se que as medidas validadas e suas implicações sejam úteis para pesquisas futuras voltadas à temática do *coping* e mídias.

Palavras-chave: validação; mídias; *coping*; personalidade; bem-estar subjetivo.

ABSTRACT

This dissertation aimed to adapt and gather evidence of validity and accuracy of three coping scales through the use of media, the Coping Scale through Book Reading, the Coping Scale through Watching Movies, and Series, and the Coping Scale Using the Internet. In addition, we sought to investigate their relationships with personality traits, and subjective well-being. For this, three empirical studies were conducted with high school, and higher education students from the state of Paraíba, Brazil. In Study 1, the Exploratory Factorial Analysis (EFA) recommended the trifactorial solution, as described in the specialized literature, presenting the latent variables emotion focused coping, problem focused coping, and avoidance coping. The percentages of variance explained ranged between 71,65%, and 76,80% ($\alpha \geq 0.89$; $\lambda - 2 \geq 0.89$), indicating appropriate and reliable factorial structure, considering the good indexes of internal consistency in the three instruments. In Study 2, Confirmatory Factor Analysis (CFA) ratified the validates of factorial structures with three dimensions in the proposed scales. From the testing of the alternative models, the Trifactorial models (original and reduced) exhibited better adjustment indexes, being considered equivalent. Therefore, the original trifactorial model was chosen, since it showed satisfactory adequacy to the data and, in addition to the statistical criteria, it was considered the theoretical significance pertinent to the extraction of these factors. Subsequently, the Study 3 revealed that listening to music is the most used coping behavior by the sample in question, while reading books showed a considerably inferior average, and this is the least used strategy. The factor emotion focused coping was the most used, mainly by women, presenting correlations with agreeableness, conscientiousness, satisfaction with life, and positive affections. The problem focused coping exhibited a positive relationship with the openness to experience, and positive affections, however the avoidance coping correlated with neuroticism, and negative affections, this style was less used. It was also verified the presence of significant relationships between personality traits and dimensions of subjective well-being. The observed relationship patterns determined that emotion focused coping predicts satisfaction with life, positive affections, and negative affections, while problem focused coping predicts positive, and negative affections, and avoidance coping with negative affections. It was also observed the increase of the percentage of variance with the entry of the variable agreeableness in relationships emotion focused coping, and focused problem with positive affections, and the neuroticism trait in the relationship of avoidance coping with the negative affections, suggesting that individuals with these personality traits tend to resort to these strategies, that determine their affections. The estimates of correlation, and prediction were in agreement with the theoretical, and empirical contribution, indicating that the positive characteristics of the personality, and the SWB imply in the strategies focused on emotion, and problem, while the characteristics are arrotoed to the avoidance style. This is expected that the validated measures, and their implications are useful for future research focused on the thematic of coping, and media.

Keywords: validation; media; coping; personality; subjective well-being.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Gráfico de sedimentação da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros.....	42
Figura 2. Gráfico de sedimentação da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries.....	45
Figura 3. Gráfico de sedimentação da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	47
Figura 4. Análise fatorial confirmatória da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros....	53
Figura 5. Análise fatorial confirmatória da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries.....	55
Figura 6. Análise fatorial confirmatória da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estrutura fatorial da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros.....	42
Tabela 2. Matriz de correlações entre itens da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros.....	44
Tabela 3. Estrutura fatorial da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries.....	45
Tabela 4. Matriz de correlações entre itens da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries	46
Tabela 5. Estrutura fatorial da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet	47
Tabela 6. Matriz de correlações entre itens da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	48
Tabela 7. Índices de ajuste dos modelos da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros.....	53
Tabela 8. Índices de ajuste dos modelos da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries.....	55
Tabela 9. Índices de ajuste dos modelos da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	57
Tabela 10. Dados sociodemográficos referentes ao uso das mídias (música, livros, filmes/séries e internet).....	60
Tabela 11. Preferência dos participantes referente as mídias (música, livros e filmes/séries).....	60
Tabela 12. Correlações dos fatores do <i>coping</i> através de ouvir música com a personalidade e o bem-estar subjetivo.....	64
Tabela 13. Análise de regressão múltipla da Escala de <i>Coping</i> através de Ouvir Música.....	65
Tabela 14. Correlações dos fatores do <i>coping</i> através da leitura de livros com a personalidade e o bem-estar subjetivo.....	67
Tabela 15. Análise de regressão múltipla da Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros.....	68

Tabela 16. Correlações dos fatores do <i>coping</i> através de assistir filmes e séries com a personalidade e o bem-estar subjetivo.....	70
Tabela 17. Análise de regressão múltipla da Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries.....	71
Tabela 18. Correlações dos fatores do <i>coping</i> através do uso da internet com a personalidade e o bem-estar subjetivo.....	73
Tabela 19. Análise de regressão múltipla da Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	74
Tabela 20. Correlações dos fatores do <i>coping</i> através do uso de mídias com a personalidade e o bem-estar subjetivo.....	76
Tabela 21. Análise de regressão múltipla do <i>coping</i> através do uso de mídias.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC – Análise Fatorial Confirmatória

AFE – Análise Fatorial Exploratória

AGFI – *Adjusted Goodness-of-Fit Index* ou índice de qualidade do ajuste ajustado

AMOS – *Analysis of Moment Structures*

BES – Bem-estar Subjetivo

CAIC – *Consistent Akaike Information Criterion*

CFI – *Comparative-Fit Index* ou índice comparativo de ajuste do modelo

EA – Escala de Afetos

ECOM – Escala de *Coping* através de Ouvir Música

ECVI – *Expected Cross-Validation Index* ou índice esperado de validação cruzada

GFI – *Goodness-of-Fit Index* ou índice de qualidade do ajuste

KMO – Índice de Kaiser-Meyer-Olkin

MANCOVA – *Multivariate Analysis of Covariance* ou análise multivariada de covariância

ML – *Maximum Likelihood* ou máxima verossimilhança

PAF – *Principal Axis Factoring* ou análise dos eixos principais

RMSEA – *Root-Mean-Square Error of Approximation* ou raiz quadrada média do erro de aproximação

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

ESV – Escala de Satisfação com a Vida

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIPI – Inventário de Dez Itens da Personalidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I. MARCO TEÓRICO.....	20
1.1. BEM-ESTAR	21
1.1.1. Bem-Estar Subjetivo (BES)	23
1.2. <i>COPING</i>	27
1.2.1. <i>Coping</i> através de Ouvir Música	30
1.3. OS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE	32
1.4. OBJETIVOS	37
1.4.1. Objetivo Geral	37
1.4.2. Objetivos Específicos	37
II. ESTUDOS EMPÍRICOS.....	38
2.1. ESTUDO 1 – ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA.....	39
2.1.1. Participantes	39
2.1.2. Instrumentos	39
2.1.3. Procedimentos	40
2.1.4. Análise dos Dados	41
2.1.5. Resultados	41
2.1.5.1. Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros	41
2.1.5.2. Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries	44
2.1.5.3. Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet	46
2.1.6. Discussão Parcial	49
2.2. ESTUDO 2 – ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA.....	51
2.2.1. Participantes	51
2.2.2. Instrumentos	51
2.2.3. Procedimentos	51
2.2.4. Análise dos Dados	52
2.2.5. Resultados	52
2.2.5.1. Escala de <i>Coping</i> através da Leitura de Livros	52
2.2.5.2. Escala de <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries	54

2.2.5.3. Escala de <i>Coping</i> através do Uso da Internet.....	56
2.2.6. Discussão Parcial	58
2.3. ESTUDO 3 – CORRELATOS.....	60
2.3.1. Participantes	60
2.3.2. Instrumentos	61
2.3.3. Procedimentos	62
2.3.4. Análise dos Dados	62
2.3.5. Resultados	62
2.3.5.1. <i>Coping</i> através de Ouvir Música, Personalidade e BES	62
2.3.5.2. <i>Coping</i> através da Leitura de Livros, Personalidade e BES	65
2.3.5.3. <i>Coping</i> através de Assistir Filmes e Séries, Personalidade e BES	68
2.3.5.4. <i>Coping</i> através do Uso da Internet, Personalidade e BES	71
2.3.5.5. <i>Coping</i> através do Uso de Mídias, Personalidade e BES	74
2.3.6. Discussão Parcial	77
2.4. DISCUSSÃO GERAL	80
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	100
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de novas tecnologias é, notadamente, um importante agente de mudanças na sociedade atual. As mídias advindas do processo de globalização sustentam a difusão de conhecimentos, informações e comunicação, bem como propõem novas formas de interação social e construção da subjetividade (Barros & Richter, 2017; Pedro, 2009).

A denominada sociedade da informação transformou as mídias na força motriz da civilização contemporânea, em que estas são utilizadas como ferramentas de entretenimento, comunicacionais e fomentadoras de discussões, de tal modo que proporcionam uma nova dimensão desde as relações interpessoais e de trabalho até as relações entre Estados e Nações (Barros & Richter, 2017).

Entende-se como mídia, portanto, os meios de comunicação de massa, destinados a transmissão de notícias e informações (Santaella, 2003). As mídias consideradas tradicionais são os jornais, as revistas, o rádio e a televisão. Entretanto, com o advento da tecnologia, este termo foi generalizado para os demais processos de comunicação provenientes de meios eletrônicos como, por exemplo, os computadores, tablets e smartphones (Barros & Richter, 2017).

Deste modo, a partir do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação no século XX, houve um acesso em larga escala da informação, tendo as mídias um papel importante na unificação social, certificando-se enquanto uma instância de poder. A distância entre as sociedades diminuiu, transformando o mundo em uma entidade globalizada (Borges, 2000). Nesta perspectiva, Castells (1999) destaca o surgimento de uma nova morfologia no âmbito do desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, nota-se a ascendente utilização dos meios tecnológicos de informação no processamento dos acontecimentos pessoais e sociais, tornando-os, conseqüentemente, uns dos agentes reguladores da vida em sociedade.

De acordo com Gramacho e Jácomo (2014), essa estreita relação entre o comportamento social e os meios de comunicação tem chamando a atenção de diversas áreas do saber, dentro e fora do mundo acadêmico. As ciências políticas, ciências da comunicação, sociologia, antropologia e psicologia social estão buscando compreender esse fenômeno e seu papel na dinâmica intrapessoal, interpessoal e social nos dias atuais.

Recentemente, em 2016, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República realizou uma pesquisa em território nacional sobre os hábitos de consumo de mídia dos brasileiros. O estudo buscou identificar como se dá a relação entre o indivíduo e os meios de comunicação, para tal utilizou um instrumento de coleta com 75 questões referentes aos meios de comunicação mais usados, frequência de uso, grau de confiança, entre outros aspectos. Os resultados coroaram a televisão como o meio de comunicação mais utilizado (89%) no país, seguida pela internet (49%), rádio (30%), jornais (12%) e revistas (1%) (Brasil, 2016).

Apesar da hegemonia da televisão, destaca-se o crescente consumo da internet e sua maior intensidade de conexão, quando comparada aos meios tradicionais (Brasil, 2016). Tais dados direcionam a TV e a internet como os meios mais influentes de comunicação e lazer no país, e dão espaço para a reflexão da relevância dessas duas mídias no nosso contexto social, sendo estas determinantes nas diversas esferas da vida, sociabilidade e subjetividade (Barros & Richter, 2017; Pedro, 2009).

O impacto das mídias, especialmente das mídias sociais, na vida da população vem sendo relatado por diversos autores, de diferentes campos teóricos, principalmente no público jovem (McMillan & Morrison, 2006; Deatherage, Servaty-Seib, & Aksoz, 2013; Damásio, Nunes, & Sobral, 2014; Barcelos & Rossi, 2014; Chou et al., 2015; Verzani, 2017). A população jovem é considerada a mais engajada, pois, aqueles que nasceram após o advento da internet tiveram as mídias presentes em seu desenvolvimento, estando a conectividade e as facilidades de informação intrinsecamente relacionadas ao amadurecimento, desenvolvimento da identidade e gerenciamento de relacionamentos sociais (Livingstone, 2007).

A onipresença das mídias na vida cotidiana trouxe à tona o paradoxo acerca de suas contribuições e implicações. Sabe-se que elas favorecem o desenvolvimento e a manutenção das relações sociais, a possibilidade de anonimato permite que os mais introspectivos sintam-se mais confortáveis e desenvolvam suas habilidades sociais, além do mais cria um ambiente favorável para a exposição de aspectos pessoais, encorajando a sociabilidade (Barker, 2009). Em contrapartida, essas novas tecnologias de comunicação também podem provocar menor qualidade nos relacionamentos (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009), exposição exacerbada da privacidade, risco elevado de vícios em internet (Meena, Mittal, & Solanki, 2013) e dependência das mídias para manter relacionamentos (Barcelos & Rossi, 2014).

Costa e Leal (2006) destacam que o ambiente onde o indivíduo está inserido, juntamente às suas crenças pessoais e valores, influencia diretamente sua percepção acerca dos acontecimentos. Assim, tendo em vista a cibercultura que vivemos mergulhados atualmente, os novos meios de informação e comunicação social possuem um papel determinante nas formas de perceber e lidar com os eventos da vida. O consumo das mídias relaciona-se, portanto, às estratégias usadas pelos jovens em diferentes situações, uma vez que através desses meios eles podem organizar, aprimorar e redefinir suas experiências (Santaella, 2003; Barcelos & Rossi, 2014).

Nesta perspectiva, o mesmo ocorre em situações consideradas estressantes, onde o uso das mídias pode constituir-se enquanto um comportamento de enfrentamento, denominado na Psicologia como *coping* (Lazarus & Folkman, 1984). Conforme Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998). O *coping*, de maneira geral, nada mais é do que um conjunto de estratégias usadas pelo indivíduo objetivando sua adaptação diante circunstâncias adversas. Assim sendo, os acontecimentos estressantes ou perturbadores são considerados causadores de prejuízos, logo, busca-se minimizar seus efeitos através de comportamentos que favoreçam o manejo da situação e das reações biopsicossociais relacionadas. Geralmente, a distração é usada para o alívio dos pensamentos e sentimentos negativos relacionados aos eventos estressores, estando as atividades solitárias, como ouvir música, ler e assistir televisão, entre as estratégias de *coping* que podem ser adotados (Costa & Leal, 2006).

A definição de *coping* proposta por Lazarus e Folkman (1984) constitui uma das mais importantes e utilizadas na literatura psicológica (Antoniazzi et al., 1998). Santeiro, Zanini e Santeiro (2017) indagam que o *coping* vêm sendo um dos construtos mais investigados na atualidade, gerando um número significativo de estudos na realidade brasileira (Lisboa et al., 2002; Noriega, Albuquerque, Alvarez, & Pimentel, 2003; Pinheiro, Tróccoli, & Tamayo, 2003; Panzini & Bandeira, 2007; Simonetti & Ferreira, 2008; Pimentel, Vargas, Almeida, Maynart, & Figueiredo, 2012).

As tendências atuais de investigação buscam correlatos entre o *coping* e os traços da personalidade, utilizando majoritariamente o modelo dos cinco grandes fatores (Antoniazzi et al., 1998). Tal interesse advém de evidências empíricas que demonstram que os fatores da personalidade interferem na reação e no manejo das pessoas diante circunstâncias conflituosas, desde a infância (Bertamoni, Ebert, & Dornelles, 2013).

Do mesmo modo, assim como as características da personalidade estão essencialmente ligadas à avaliação do estresse e dos recursos de *coping* do indivíduo, vem-se averiguando também como se dá a relação entre o bem-estar subjetivo e as estratégias de enfrentamento (Resende, Silva, Marques, & Abreu, 2008; Silva, 2012; Langane, 2013; Dias, 2014). O bem-estar subjetivo é, portanto, compreendido como outro importante fator pertinente ao *coping*, uma vez que as estratégias de *coping* favorecem um melhor ajuste diante situações-problema e a forma como essas são encaradas implica diretamente nos níveis de bem-estar (Woyciekoski, Natividade, & Hutz, 2014; Câmara & Sarriera, 2003).

Portanto, entende-se que os três construtos acima mencionados estão interligados. A personalidade é considerada um dos mais consistentes preditores dos estilos de *coping*, bem como associa-se impreterivelmente ao bem-estar subjetivo. Além disso, a maneira com que o indivíduo avalia sua qualidade de vida e o bem-estar está diretamente relacionada com sua forma de enfrentar os estressores (Zanon, Bastianello, Pacico, & Hutz, 2013; Woyciekoski et al., 2014; Câmara & Sarriera, 2003).

Tendo em vista a multiplicidade de estudos referentes ao *coping* utilizando o modelo teórico de Lazarus e Folkman (1984) no contexto nacional, é perceptível que, apesar deste ser amplamente difundido em diversos âmbitos, existe uma insuficiência de investigações que busquem entender o *coping* através do uso de mídias. Na bibliografia nacional, sobressaem-se os achados de Pimentel et al. (2012), que investigaram as propriedades psicométricas da *Escala de Coping através de Ouvir Música* (ECOM), que mensura situações em que ouvir músicas melhora as formas de lidar com os problemas. Os autores adaptaram e validaram para a realidade brasileira a *Coping by Music Listening Scale*, desenvolvida originalmente por Miranda e Claes (2009).

Isto posto, analisando a sociedade globalizada em que estamos inseridos, infere-se que o uso das mídias de comunicação também é determinante no que diz respeito a adoção de estratégias de enfrentamento diante circunstâncias que causam desconforto. Considerando as vantagens de possuir satisfatórias propriedades psicométricas e ser uma medida breve, a presente dissertação aspira a utilização da ECOM (Pimentel et al., 2012), bem como sua adaptação e validação em três escalas (Escala de *Coping* através de Ler Livros, Escala de *Coping* através assistir Filmes e Séries, e Escala de *Coping* através do Uso da Internet). Pretende-se averiguar as possíveis correlações dos referidos instrumentos com os fatores da personalidade e o bem-estar subjetivo, como também responder aos seguintes

questionamentos: Qual mídia é mais utilizada enquanto estratégia de enfrentamento? Qual fator do *coping* através do uso dessas mídias é o empregado com maior frequência? Existem diferenças entre os sexos na adoção de estilos de enfrentamento? Existe relação do *coping* através do uso de mídias com os traços da personalidade e o bem-estar subjetivo?

Para atender ao objetivo geral, bem como às possíveis questões análogas, este trabalho é dividido em três partes. A primeira é composta pelo marco teórico referente ao estudo dos três fenômenos investigados. Para tal, serão abordados os aportes teóricos e conceituais acerca do bem-estar subjetivo, da teoria transacional do *coping* e do modelo dos cinco grandes fatores da personalidade.

A segunda parte diz respeito aos estudos empíricos realizados, como também a metodologia adotada e a discussão dos resultados encontrados. O primeiro estudo trata-se da análise fatorial exploratória das escalas pretendidas, enquanto o segundo objetiva a análise fatorial confirmatória das mesmas. No terceiro estudo é possível averiguar os correlatos das estratégias de *coping* através do uso das mídias com os fatores da personalidade, a satisfação com a vida, os afetos positivos e os afetos negativos.

Na terceira e última parte são apresentadas as considerações finais, contemplando os principais achados dos estudos mencionados, como também suas limitações e desdobramentos futuros. Este trabalho ainda conta, ao final, com as referências utilizadas, os apêndices e os anexos.

I. MARCO TEÓRICO

1.1. BEM-ESTAR

Os debates acerca da definição do que seria uma experiência ideal, ou como Ryan e Deci (2001) descrevem de “boa vida”, têm levado a inúmeras definições e formas de operacionalização do bem-estar. A alusão a este construto nas investigações científicas voltadas para o domínio psicológico deu-se a partir da década de 1960, principalmente devido às transformações sociais e necessidade de indicadores de qualidade de vida no período pós Segunda Guerra Mundial (Machado & Bandeira, 2012).

Apesar dos estudos desenvolvidos na época, voltados essencialmente às enfermidades mentais e ao sofrimento psíquico, os psicólogos do comportamento e sociais deram-se conta da insuficiência de conhecimento sobre questões referentes a saúde mental e a felicidade. Dessa maneira, surgiram as primeiras indagações acerca deste novo campo de estudo, provocando uma multiplicidade de conceitos como felicidade, avaliação subjetiva da qualidade de vida, satisfação, afeto positivo, entre outros, na tentativa de conceituar o bem-estar (Diener, 1984; Machado & Bandeira, 2012).

Tais acepções, mesmo que diversas, vão ao encontro de duas perspectivas filosóficas distintas, o hedonismo e eudaimonismo. Estas duas filosofias buscam, desde os antigos filósofos gregos, compreender as questões relacionadas ao viver bem e, apesar de compartilharem de alguns pressupostos, divergem em pontos determinantes acerca do entendimento da vida humana e dos elementos que julgam essenciais para uma sociedade ideal, assim como possuem diferentes visões sobre os processos envolvidos na aquisição do bem-estar (Rosa, 2016).

O hedonismo, ou filosofia do bem-estar subjetivo, propõe que o significado da vida está nas experiências que proporcionam o máximo de prazer possível, ou seja, a felicidade estaria na totalidade dos momentos hedônicos vivenciados pelo indivíduo. De tal modo, o bem-estar é definido como uma felicidade subjetiva, estando atrelado às experiências de prazer *versus* experiências de desprazer (Ryan & Deci, 2001). Inicialmente, seu entendimento priorizava os prazeres corporais, entretanto, as perspectivas subsequentes buscam uma abordagem mais ampla e menos reducionista, também incluindo os prazeres da mente (Kubovy, 1999; Rosa, 2016).

Em contraste, a perspectiva eudaimônica, denominada de filosofia do bem-estar psicológico, enxerga a felicidade como o resultado de ações que o indivíduo realiza por acreditar que as mesmas valem a pena e contribuem de alguma maneira para a sociedade. Os

filósofos do eudaimonismo abordam questões referentes às virtudes e potencial humanos e não veem o sujeito como um mero escravo de seus desejos. Dessa maneira, o bem-estar é definido através dos seguintes aspectos: autoaceitação, autonomia, crescimento pessoal, propósito da vida, domínio sobre o ambiente e relações positivas (Ryan & Deci, 2001; McMahan & Estes, 2011; Ryff & Singer, 2008).

Assim, a partir das perspectivas citadas acima, entende-se que o bem-estar psicológico diz respeito ao quão satisfeito estamos em diversos domínios psicológicos, abrangendo um conjunto de dimensões que envolvem a percepção pessoal e interpessoal, a apreciação do passado, o envolvimento no presente e a mobilização para o futuro (Novo, 2005). Enquanto o bem-estar subjetivo indica o quão satisfeito estamos de maneira geral ou em áreas específicas da vida, sendo determinado pela percepção de satisfação com a vida e maior presença de afetos positivos do que de afetos negativos (Rosa, 2016; Diener, 1984).

O estudo científico do bem-estar partiu de teorias denominadas de *bottom up*. A priori, as proposições com essa orientação tinham como fatores determinantes para o bem-estar as variáveis externas ao indivíduo. No entanto, verificou-se posteriormente que as características sociodemográficas (como gênero, raça, posição socioeconômica, etc.) por si só não eram suficientemente consistentes para explicar este construto (Lima & Moraes, 2016).

Visto a carência das explicações propostas pelo modelo *bottom up*, surgiram novas investigações que, conseqüentemente, deram origem a um novo campo teórico na Psicologia. Como destaca Seligman e Csikszentmihalyi (2000), os estudos psicológicos estavam fundamentalmente voltados para o entendimento das psicopatologias e tratamento dos sintomas quando, diante as inquietações referentes a avaliação da experiência humana, urge a Psicologia Positiva. Com a Psicologia Positiva o enfoque volta-se para os aspectos saudáveis do ser humano, a fim de julgar o bem-estar com base na percepção do indivíduo perante sua vida, considerando a satisfação, a felicidade e os aspectos emocionais (Albuquerque & Troccóli, 2004).

Dessa maneira, atrelado ao movimento da Psicologia Positiva, surgem as teorias *top down*. Essa perspectiva aponta que uma boa avaliação da vida depende da predisposição do indivíduo para interpretar as situações da mesma, sejam elas positivas ou negativas. Portanto, a forma como o sujeito se autopercebe, bem como percebe os demais, pode influenciar na satisfação que experimenta em vivenciar circunstâncias cotidianas da vida e nos seus relacionamentos interpessoais (Giacomoni, 2004; Noronha, Freitas, Piovezan, & Joly, 2013).

Neste contexto, diante a adoção teórica de modelos *top down*, o bem-estar passa a ser entendido a partir da visão subjetiva do sujeito acerca de sua própria existência, independentemente das suas condições de vida e dos fatores externos que a permeiam. Logo, as pessoas felizes seriam aquelas que se percebem felizes, sendo a avaliação individual determinante para a definição do seu bem-estar (Lima & Moraes, 2016).

Isto posto, o interesse acerca do bem-estar subjetivo tem gerado um número significativo de estudos nas últimas três décadas (Diener, 1984; Lucas & Diener, 2008; McMahan & Estes, 2011). De acordo com Albuquerque, Noriega, Martins e Neves (2008), partindo de um modelo conceitual, o bem-estar subjetivo vem, majoritariamente, sendo entendido a partir da teoria hedônica, havendo uma ênfase nos aspectos positivos da vida, na obtenção de prazer e na diminuição dos aspectos negativos (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Sendo este, portanto, o ponto de vista teórico adotado na presente dissertação.

1.1.1. Bem-Estar Subjetivo (BES)

Conforme mencionado anteriormente, nas últimas décadas os cientistas sociais e do comportamento têm buscado diferentes configurações para sistematizar a felicidade, sendo o seu estudo designado cientificamente de bem-estar subjetivo. Os principais achados concordam que este fenômeno é subjetivo, uma vez que consiste na maneira como o próprio indivíduo avalia suas experiências, independente das determinações externas (Ryan & Deci, 2001; Diener, 1984).

Destarte, o BES resulta da avaliação emocional e cognitiva das situações vivenciadas pelo sujeito. De tal forma que, a partir de suas experiências, emoções e julgamentos cognitivos, o indivíduo constrói percepções singulares e individuais sobre sua vida. Assim sendo, o BES advém do balanceamento entre as respostas emocionais e a percepção geral dos aspectos da vida, representados por três indicadores que formam este construto: afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida (Woyciekoski et al., 2014; Mendes & Stobäus, 2017).

A dimensão afetiva do BES refere-se as apreciações de natureza emocional, portanto, representa a avaliação relativa as experiências emocionais positivas e negativas vivenciadas em determinadas situações. Essa avaliação é caracterizada pelo equilíbrio entre os afetos positivos e os afetos negativos, que nada mais são do que os sentimentos agradáveis e

desagradáveis experienciados pelo indivíduo, nesta mesma ordem (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Dessa maneira, os componentes afetivos do BES relacionam-se a circunstâncias específicas que geram uma multiplicidade de prazeres, dores e estados emocionais transitórios (Giacomoni, 2002).

De acordo com Novo (2005), tendo em vista o julgamento afetivo relativo ao bem-estar, as principais emoções positivas relacionadas são a alegria, a afeição e o contentamento, enquanto as emoções negativas pertinentes são desde a tristeza, o medo, a culpa, a vergonha e a inveja, até a ansiedade e a depressão. Assim, os sentimentos positivos referem-se aqueles que geram prazer temporário e favorecem a aproximação e a convivência com os demais, já os sentimentos negativos fazem alusão aos estados de insatisfação e desprazer, igualmente provisórios, que provocam desilusão e angústia (Diener, 1984; Fredrickson, 2001; Noronha et al., 2013).

Ao que diz respeito à dimensão cognitiva do BES, a mesma faz referência a satisfação com a vida, compreendida enquanto um julgamento geral acerca da vida em seus diferentes âmbitos, assim como uma avaliação entre as metas desejadas e alcançadas, de acordo com um critério próprio do sujeito (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Guedea, Albuquerque, Tróccoli, Noriega, Seabra et al., 2006). Na percepção da satisfação com a vida são ponderados os aspectos amplos da existência, como também os aspectos mais específicos (como lazer, família e trabalho, por exemplo), tendo em vista o presente, o passado e o futuro (Zanon et al., 2013; França-Freitas, Del Prette, & Del Prette, 2017).

Dessa forma, de acordo com Albuquerque e Tróccoli (2004), uma avaliação satisfatória do bem-estar subjetivo envolve uma vivência considerável de sentimentos positivos, rara experiência emocional negativa e satisfação com os aspectos específicos e da vida como um todo. Deste modo, a definição do BES subjaz a predominância dos aspectos positivos em detrimento dos aspectos negativos. No entanto, não implica na ausência dos mesmos, pois, a percepção da felicidade não advém da unanimidade de emoções agradáveis vividas. Portanto, de maneira geral, indivíduos com elevada percepção de bem-estar refletem uma boa satisfação com a vida, experienciam emoções de alegria e júbilo com certa constância, como também observa-se a presença incomum de emoções de consternação e raiva vivida pelos mesmos, indicando, todavia, a interdependência entre estas dimensões para o julgamento suficiente deste fenômeno (Giacomoni, 2002; Lima & Morais, 2016).

Lima e Moraes (2016) salientam que, embora os afetos positivos e negativos estejam relacionados e seu equilíbrio seja fundamental para uma avaliação subjetiva de bem-estar satisfatória, estes também devem ser considerados enquanto dimensões independentes. É comum destacar a imprescindibilidade da forte presença de afetos positivos e pouca ou quase nenhuma presença de afetos negativos no julgamento do BES, no entanto, o indivíduo não necessariamente carece da ausência de emoções desagradáveis para experimentar altos níveis de bem-estar, uma vez que o BES é determinado pela percepção do mesmo diante suas experiências, sendo determinante, além da frequência, a intensidade das emoções. Neste contexto, as autoras destacam que a satisfação com a vida funciona como um agente regulador das emoções, sejam elas de natureza aprazível ou não, podendo potencializá-las ou enfraquecê-las de acordo com a avaliação cognitiva do sujeito. Para alguns uma série de acontecimentos desagradáveis pode ser facilmente ponderada e superada, enquanto para outros um único episódio negativo pode constituir-se como o suficiente para provocar forte desajuste. Logo, faz-se importante que o indivíduo perceba os aspectos positivos de sua vida, mesmo que vivencie eventos negativos (Albuquerque & Tróccoli, 2004).

As investigações empíricas relativas ao estudo do BES foram, inicialmente, norteamericanas e realizadas por medidas de autorrelato, posteriormente evoluindo para medidas intervalares. Estes instrumentos foram desenvolvidos, num primeiro momento, para o público da terceira idade, no entanto, a necessidade de conhecer o fenômeno de forma mais completa e o reconhecimento do papel da cultura como um indicador de bem-estar proporcionou a construção e adaptação de inúmeras medidas de interesse transcultural e voltadas para outros contextos e públicos, especialmente a população jovem. O principal instrumento de avaliação do bem-estar subjetivo, apontado pela literatura e pelo número de pesquisas relacionadas, é a *Satisfaction With Life Scale*, desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985). A referida escala avalia a satisfação global com a vida em jovens, adultos e idosos, sendo esta adaptada para diferentes contextos, culturas e populações distintas, sendo amplamente utilizada nas verificações científicas que investigam o BES (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Maia, Raposo, Formiga, Tolentino, & Melo, 2016).

Diante do que foi exposto, faz-se relevante frisar que os julgamentos emocional e subjetivo da vida são impactados direta e indiretamente, de diferentes formas, por fatores intrínsecos como os aspectos psicológicos, as crenças, os valores e a percepção da saúde física do sujeito, por exemplo. Da mesma forma, recebe influência dos fatores externos ao mesmo, relacionados aos aspectos socioculturais e aos acontecimentos da vida no geral (Woyciekoski

et al., 2014). Igualmente, a avaliação do bem-estar subjetivo possui impacto no funcionamento humano em seus múltiplos aspectos ao longo da vida (Abreu, Vinãs, Casas, Montserrat, González-Carrasco et al., 2016). Em consequência, seu conceito emerge, concomitantemente, da relação com construtos de ajustamento psicossocial, autoestima, resiliência, estresse e estratégias de *coping* (Utsey, Hook, Belvet, & Fischer; Gaspar & Balancho, 2017).

Tais relações serão melhor discutidas nas seções subsequentes, entretanto, cabe ressaltar que as estratégias de enfrentamento contribuem substancialmente para as estimativas referentes ao BES, uma vez que minimizam os efeitos do estresse e fornecem ferramentas para que o indivíduo retorne ao seu funcionamento pessoal anterior à exposição desagradável, possuindo efeito amortecedor diante as circunstâncias adversas e as emoções negativas vivenciadas. Assim como a percepção subjetiva do bem-estar implica na escolha das estratégias de *coping* diante situações-problema, favorecendo a adaptação mediante eventos potencialmente estressantes (Guedea et al., 2006; Câmara & Sarriera, 2003; Woyciekoski et al., 2014).

Ao mesmo tempo, Woyciekoski et al. (2014) sugerem o impacto das características da personalidade nas dimensões do bem-estar. Os estudos que investigam os cinco grandes fatores da personalidade indicam os traços de extroversão e de neuroticismo como os mais correlacionados com o BES, sendo estes fortes preditores dos afetos positivos e negativos, respectivamente (Diener et al., 1999; Grant, Langan-Fox, & Anglim, 2009; Nunes, Hutz, & Giacomoni, 2009; Garcia & Erlandsson, 2011).

1.2. *COPING*

A primeira geração de pesquisadores que se debruçou sobre o conceito de *coping* estudou-o com base na Psicologia do Ego, relacionando as estratégias de enfrentamento aos mecanismos de defesa e as motivações inconscientes como formas de lidar com as pulsões. Entretanto, as críticas voltadas para essa perspectiva buscaram conceituar este construto enquanto seus determinantes cognitivos e situacionais (Lazarus & Folkman, 1984; Antoniazzi et al., 1998).

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), as averiguações destinadas ao estudo do *coping*, a partir deste ponto de vista, tiveram origem nas investigações científicas sobre o estresse. Tendo em vista que o estresse é compreendido em decorrência da avaliação realizada pelo indivíduo diante o desajuste dos seus recursos pessoais mediante circunstâncias consideradas adversas, são utilizadas estratégias para mitigar os julgamentos negativos diante situações desconfortáveis, sendo estas denominadas de estratégias de *coping* (Câmara & Carlotto, 2016).

Portanto, entende-se o estresse como a relação entre os eventos perturbadores e as reações — sentimentos, pensamentos e comportamentos — atreladas aos mesmos, em que as estratégias de enfrentamento situam-se enquanto comportamentos gerados por um processo de estresse. Logo, para superar os conflitos provocados por esses eventos faz-se necessária a adoção de táticas de *coping* por parte do sujeito. Tais indagações apoiam-se no fato de que, naturalmente, diante acontecimentos avaliados como desconfortáveis, o organismo tende a buscar formas de geri-los, ajustando-se de modo a evitar prejuízos (Costa & Leal, 2006).

Na presente dissertação, será abordado o conceito de *coping* com base no modelo transacional de Lazarus e Folkman (1984). Assim sendo, as estratégias de enfrentamento referem-se a um apanhado de esforços cognitivos e comportamentais em prol da avaliação e do manejo de uma situação entendida como ameaçadora e que excede os recursos pessoais, visando a adaptação do indivíduo mediante a mesma. Ou seja, o *coping* é uma resposta intencional, seja esta física ou mental, diante um estressor percebido. Nesse sentido, não são considerados os pensamentos e comportamentos de origem automática, tendo em vista que o evento deve ser percebido, avaliado e interpretado cognitivamente (Santeiro et al., 2017).

O processo de avaliação cognitiva intrínseco as estratégias de *coping*, definem a percepção do indivíduo diante circunstâncias causadoras de estresse e é deliberado com base em dois tipos de julgamentos que determinam o potencial estressante destas situações e quais

os recursos a serem adotados. Na avaliação primária, o sujeito determina qual o significado do evento e como este implica no seu bem-estar, enquanto na avaliação secundária, uma vez percebendo a situação como negativa, são julgados os recursos disponíveis para enfrentá-la (Lazarus & Folkman, 1984; Costa & Leal, 2006).

A avaliação do que é ou não um potencial estressor vai depender dos significados atribuídos pelo sujeito, independente de consistir em um risco real ou não. Na medida em que para uma pessoa algo pode ser extremamente angustiante, para outra pode ser indiferente. Dessa forma, fica nítida a multiplicidade da leitura de acontecimentos indutores de estresse, sendo o julgamento destes relacionado as características pessoais e ambientais do sujeito (Costa & Leal, 2006).

Lazarus e Folkman (1984) esclarecem que não existe uma ou outra forma mais adequada para lidar com situações-problema e que as estratégias devem ser jogadas de acordo com o indivíduo, o problema e a cultura em que está inserido. Através da percepção acerca de determinada circunstância, a escolha do melhor recurso para enfrentá-la baseia-se na adaptação do sujeito à mesma, pois, assim, diminui-se da probabilidade do evento estressor lhe causar algum prejuízo (Costa & Leal, 2006).

O modelo teórico acerca do *coping*, admitido neste trabalho, envolve alguns conceitos norteadores que serão resumidos a seguir. Inicialmente, deve-se levar em conta que as estratégias de enfrentamento advêm da interação indivíduo-meio. Sendo assim, o *coping* possui a função essencial de administrar os eventos estressores, não controlando-os. Todavia, os processos inerentes aos recursos de enfrentamento envolvem como o fenômeno é percebido, interpretado e representado cognitivamente pelo sujeito. Por fim, o processo de *coping* envolve a mobilização de esforços a fim de minimizar e tolerar as demandas internas e externas advindas da relação entre o indivíduo com os estressores (Antoniazzi et al., 1998).

Destarte, conforme o modelo multidimensional do estresse, as estratégias de *coping* podem ser classificadas em duas dimensões, de acordo com suas respectivas funções. O *coping* focado na emoção preza pela regulação emocional diante situações conflituosas. Enquanto o *coping* focado no problema envolve ações para modificar as circunstâncias consideradas ameaçadoras (Lazarus & Folkman, 1984). Ademais, outro tipo de estratégia vem sendo amplamente investigada, trata-se do *coping* evitação, que se refere à negação ou evitação de estressores. Originalmente, no modelo de Lazarus e Folkman (1984), a estratégia mencionada é tida como parte do *coping* focado na emoção, no entanto, as investigações

atuais reconhecem-no como uma variável única, embora esteja relacionada (Antoniuzzi et al., 1998).

A definição de *coping* proposta por Lazarus e Folkman (1984) constitui uma das mais importantes e utilizadas na literatura psicológica (Antoniuzzi et al., 1998). Santeiro, Zanini e Santeiro (2017) destacam que este vêm sendo um dos construtos mais investigados na atualidade, gerando um número significativo de estudos na realidade brasileira (Lisboa et al., 2002; Noriega et al., 2003; Pinheiro et al., 2003; Panzini & Bandeira, 2007; Simonetti & Ferreira, 2008; Pimentel et al., 2012).

Nos últimos 20 anos, a produção nacional sobre o *coping* esteve presente em estudos empíricos, teóricos, teóricos-sistemáticos, relatos de experiência e estudos de caso. Tais estudos abordam questões referentes às competências psicológicas, sociais e socioculturais, cuidados à saúde, metodologia em psicologia, mundo do trabalho, transtornos afetivos e de ansiedade, transtornos orgânicos, transtornos relacionados ao abuso de substâncias, entre outros. Os locus de pesquisa contemplam desde os serviços de saúde, como hospitais e serviços de saúde mental, até residências, empresas, instituições de ensino e locais públicos. As principais populações investigadas foram: estudantes, familiares e cuidadores de pessoas acometidas por doenças, idosos, profissionais de saúde, usuários de serviços de saúde, homens e mulheres (Santeiro et al., 2017).

A geração atual de pesquisadores interessados em investigações acerca do *coping* buscam correlatos deste com os traços da personalidade, utilizando majoritariamente o modelo dos cinco grandes fatores (Antoniuzzi et al., 1998). Tal interesse emergiu de indicadores empíricos que evidenciam a interferência das características da personalidade nas reações e manejos de situações conflituosas, desde a infância (Bertamoni et al., 2013; Costa & McCrae, 1980). Woyciekoski et al. (2014) indagam que, além dos aspectos contextuais e sociais, as características individuais também podem influenciar no repertório de respostas do indivíduo aos estressores, considerando-se os traços da personalidade como importantes para este entendimento.

Conforme Diniz e Zanini (2010), determinadas características de personalidade implicam na maneira em que são geridos os problemas. Nesse sentido, são apontadas relações entre os traços da personalidade com processos de estresse e *coping*. Estudos (McCrae & Costa, 1986; Endler & Parker, 1990) sugerem que sujeitos com fortes estimativas de neuroticismo percebem os eventos da vida como mais estressantes, como também tendem a

optar por estratégias mais voltadas para a emoção e a evitação, principalmente no sexo feminino. Além disso, são relatadas correlações entre a conscienciosidade e a extroversão com o estilo de *coping* focado no problema (Watson & Hubbard, 1996).

Ademais, assim como a personalidade é um importante agente na adoção de estratégias de enfrentamento, a maneira com que determinado evento impacta na vida do sujeito e o seu manejo mediante tal circunstância, reflete na percepção do bem-estar (Câmara & Sarriera, 2003). Folkman (1997) constatou em suas investigações com cuidadores de portadores do vírus HIV que as crenças individuais influenciavam na escolha de estratégias focadas no problema e, em consequência, resultavam em avaliações e estados emocionais positivos. Langane (2013) alerta que baixos níveis de satisfação com a vida são facilmente associados às respostas mal adaptativas, comportamentos agressivos e abuso de substâncias.

As estratégias do tipo evitação associam-se negativamente a satisfação com a vida, enquanto sugere-se que as estratégias de resolução de problemas se relacionam positivamente (Langane, 2013). Neste sentido, a adaptação das pessoas aos eventos da vida, em especial os eventos desagradáveis, é determinante para a compreensão do bem-estar subjetivo. De tal modo, o *coping* é tido como forte preditor da satisfação global da vida (Diener et al., 1999).

1.2.1. *Coping* através de Ouvir Música

Tendo em vista a multiplicidade de estudos referentes ao *coping* utilizando o modelo teórico de Lazarus e Folkman (1984) no contexto nacional, é perceptível que, apesar deste ser um construto amplamente difundido em diversos âmbitos, existe uma insuficiência de investigações que busquem entender o *coping* através do uso de mídias. Na bibliografia nacional, sobressaem-se os achados de Pimentel et al. (2012) como um estudo, de caráter excepcional, que propõe a verificação do *coping* mediante algum tipo de mídia, neste caso, a música.

Os autores investigaram as propriedades psicométricas da Escala de Coping através de Ouvir Música (ECOM). Para tal, adaptaram e validaram para a realidade brasileira a *Coping by Music Listening Scale*, desenvolvida originalmente por Miranda e Claes (2009), que consiste em um instrumento de dez itens distribuídos em uma escala *Likert* de cinco pontos, variando a frequência das respostas entre nunca e sempre. Na pesquisa realizada com 248 estudantes secundaristas e universitários, a ECOM apresentou indicativos de validade e

precisão de acordo com os critérios estatísticos subjacentes (Pasquali, 1999), correspondendo a 60,66% da variância explicada. Os índices de confiabilidade no *coping* focado na emoção ($\alpha=0,84$), *coping* focado no problema ($\alpha=0,50$) e *coping* evitação ($\alpha=0,55$) também foram satisfatórios. A análise fatorial indicou um autovalor limítrofe na estratégia do tipo evitação (0,94), entretanto, optou-se por mantê-lo, considerando a estrutura fatorial condizente com o aporte teórico. O instrumento apresentou maiores médias do sexo feminino para as dimensões de emoção e evitação das estratégias de enfrentamento.

1.3. OS CINCO GRANDES FATORES DA PERSONALIDADE

O estudo da Personalidade sempre foi um dos principais objetos de investigação da Psicologia, em especial na área da avaliação psicológica. São incontáveis os debates teóricos e metodológicos acerca de sua sistematização e possíveis formas de avaliação, no entanto, o estabelecimento do consenso de uma estrutura baseada em fatores deu origem a uma nova perspectiva para seu entendimento (Silva & Nakano, 2011).

A personalidade pode ser definida, em linhas gerais, como padrões comportamentais característicos de um indivíduo, dessa forma, os chamados traços de personalidade diferem de pessoa para pessoa. Através do entendimento das características da personalidade torna-se possível a previsão e explicação de condutas por meio destas, possibilitando a elucidação de determinado padrão comportamental do indivíduo em diferentes situações (Nunes et al., 2009). Os traços de personalidade são considerados, com base na literatura, constantes ao longo da vida, sendo caracterizados como imutáveis, no entanto, discute-se sua probabilidade de mudança derivada das interações sociais, uma vez que estes traços são formas de pensar, sentir e agir em determinado meio social, podendo, portanto, serem influenciados pelos aspectos afetivos, motivacionais, comportamentais e sociais do ambiente (Costa & McCrae, 1980; Sisto & Oliveira, 2007).

O principal modelo teórico de compreensão da personalidade na atualidade é o Modelo dos Cinco Grandes Fatores ou *Big Five Model*. Esta perspectiva é derivada de investigações dos traços da personalidade através de análises léxicas e de teorias fatoriais. Em sua origem, tais estudos consideravam que características pessoais relevantes socialmente seriam codificadas em palavras nas línguas de diferentes povos e culturas, com isso os pesquisadores buscaram adjetivos em diversos dicionários, de idiomas distintos, a fim de nomear possíveis descritores da personalidade. As análises fatoriais conduzidas a partir da seleção destes termos, em pesquisas transculturais, proporcionaram o desenvolvimento de instrumentos de avaliação da personalidade em fatores (Nunes et al., 2009; Natividade & Hutz, 2015).

As análises de correlação resultantes dos diversos instrumentos de avaliação da personalidade indicaram, num primeiro momento, a disposição de duas dimensões, nomeadas de extroversão e de neuroticismo. Posteriormente, estudos correlacionais de orientação psicológica, ou seja, que se utilizam dos adjetivos para definir tais características,

acrescentaram outras três dimensões, denominadas de agradabilidade, conscienciosidade e abertura à experiência (Vasconcelos, Gouveis, Pimentel, & Pessoa, 2008).

Os Cinco Grandes Fatores também são considerados provenientes da Teoria do Traço, que baseava seus arquétipos entre quatro e 16 dimensões básicas na estrutura da personalidade, e representam um inestimável avanço conceitual e empírico no estudo da personalidade, descrevendo seus fatores de forma sólida e replicável. Sua utilização tem sido ascendente, tendo em vista que vem sendo amplamente verificada por possuir uma descrição simples e consistente deste construto mediante os demais modelos fatoriais. As investigações relacionadas sucedem-se em diversas amostras, distintas culturalmente, bem como seu conceito estrutura-se em detrimento de numerosas fontes de informação, apresentando, deste modo, adequação para os mais diferentes usos. Independente da teoria subjacente, o emprego de análises fatoriais tem exibido soluções pentafatoriais compatíveis em diversos estudos (Nunes et al, 2009; Silva & Nakano, 2011).

Como sugerido anteriormente, o modelo *Big Five* é uma teoria explicativa e preditiva da personalidade, como de suas respectivas condutas. Por meio dele são apresentadas cinco dimensões globais que compreendem diversas facetas representativas de características específicas destes fatores, a saber: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, abertura à experiência e neuroticismo (Nunes & Hutz, 2006; Garcia, 2006; Noronha, Martins, Campos, & Mansão, 2015).

O fator extroversão relaciona-se as formas que o sujeito interaje com os demais e indica o quão comunicativos, ativos e assertivos os indivíduos são. Ela deriva da qualidade e intensidade das relações interpessoais, nível de atividade e capacidade de alegrar-se. Assim, pessoas com estimativas altas de extroversão tendem a serem mais sociáveis, otimistas e afetuosas, enquanto baixos níveis de extroversão indicam indivíduos reservados, introvertidos e independentes, entretanto não necessariamente implica que estes são infelizes ou pessimistas (Nunes & Hutz, 2006).

O traço de agradabilidade, também denominado de amabilidade ou socialização na literatura nacional, refere-se a tendência em ser uma pessoa generosa, prestativa, altruísta e confiável, no entanto, baixos níveis nesse fator definem indivíduos egoístas, manipuladores e vingativos, que não se interessam pelo bem-estar comum e priorizam seus atos em benefício próprio. Por outro lado, a conscienciosidade ou realização está relacionada a sujeitos honestos, disciplinados, organizados, perfeccionistas e persistentes, que possuem autocontrole

e motivação na realização de tarefas, entretanto, baixas pontuações significa dizer que estes possuem tendências a serem negligentes e preguiçosos, como também impulsivos e irresponsáveis (Gomes, 2011; Bertamoni et al., 2013).

A característica de abertura à experiência está presente naqueles que tendem a serem curiosos e criativos, que ousam em ideias inovadoras e divertem-se com as mesmas, demonstram complexidade intelectual, bem como são atraídos por valores e costumes tidos como não convencionais. Estimativas baixas nesse fator relacionam-se a pessoas menos responsáveis emocionalmente, rígidas e conservadoras em aspectos específicos da vida como crenças, atitudes e preferências (Gomes, 2011).

Finalmente, o traço do neuroticismo ou instabilidade emocional diz respeito as diferenças individuais do sujeito ao experienciar sentimentos de angústia e sofrimento, bem como estilos cognitivo-comportamentais desta natureza. Sabe-se que indivíduos com coeficientes salientes de neuroticismo tentem a vivenciar os sofrimentos emocionais de forma mais acentuada o que, conseqüentemente, envolve a probabilidade de ansiedade excessiva e dificuldade em tolerar frustrações derivadas da não saciação de desejos ou estratégias de enfrentamento mal adaptativas. Em contrapartida, pontuações baixas descrevem uma tendência em ser emocionalmente estável (Nunes et al., 2009; Bertamoni et al., 2013).

Ademais, se tem debatido acerca das dimensões da personalidade e seus correlatos com outros construtos psicológicos. Sabe-se que a personalidade contribui de maneira significativa para a felicidade, sendo seus traços apontados como determinantes por um terço da variação do bem-estar subjetivo. Além disso, se reconhece que a influência dos traços nos afetos é moderada pelo ambiente no qual o sujeito está inserido, assim, os atributos da personalidade também interagem com o ambiente para que, então, possam implicar no BES (Noronha et al., 2015; Diener et al., 1999).

Os achados de Gadermann e Zumbo (2007), acerca das relações entre as características intraindividuais e o BES, indicaram que alguns participantes apresentaram flutuações de humor por um determinado período, enquanto outros exibiram humores mais estáveis. Os autores sugeriram que tais variações influenciam na percepção do bem-estar e podem estar relacionadas aos traços da personalidade. Outros estudos (Magnus & Diener, 1991; Headey & Wearing, 1989) recomendaram que a personalidade prediz a satisfação com a vida em até quatro anos após um evento interveniente, bem como postularam que, após a ocorrência de eventos bons ou ruins, as pessoas tendem a retornar a uma espécie de ponto

neutro de afetos positivos e negativos. Ou seja, embora as predisposições para o bem-estar sejam consistentes ao longo do tempo, os fatores da personalidade podem exercer influência a longo prazo sobre a percepção do indivíduo mediante sua vida, sugerindo relação de implicação entre esses fatores e as respostas emocionais do sujeito (Diener et al., 1999). Dessa maneira, os traços da personalidade vêm sendo frequentemente associados aos afetos positivos e negativos, tendo em vista que os mesmos são elementos essenciais no entendimento do BES (Garcia & Erlandsson, 2011).

A extroversão, a agradabilidade e o neuroticismo são apontados como os fatores que melhor predizem o BES, segundo investigações relacionadas (Brajša-Žganec, Ivanović, & Lipovčan, 2011; Anglim & Grant, 2014). Os fatores extroversão e agradabilidade são comumente relacionados com a satisfação com a vida e os afetos positivos, enquanto o neuroticismo correlaciona-se fortemente com a baixa satisfação com a vida e os afetos negativos. Através da realização de estudos longitudinais, Costa e McCrae (1980) constatarem que a extroversão e o neuroticismo predizem, respectivamente, os afetos positivos e negativos, em uma faixa temporal de cinco anos.

Diener et al. (1999) destacam que indivíduos com fortes índices de extroversão tendem a serem mais sensíveis a recompensas, logo, diante exposição aos estímulos recompensadores, manifestam seus comportamentos de maneira mais agradável e sociável. Neste caso, indaga-se que as situações sociais tendem a ser mais recompensadoras, assim, os extrovertidos experimentam elevados níveis de recompensa, uma vez que esta característica da personalidade proporciona ajuste mais adequado às exigências do ambiente, motivando maiores afetos positivos. Entretanto, apesar das constatações no que diz respeito a essas relações, alguns autores indicam resultados contraditórios envolvendo os demais fatores da personalidade, uma vez que, embora este seja um tema amplamente estudado mundialmente, as interlocuções entre a personalidade e o BES ainda não são claramente definidas, principalmente nas investigações nacionais (Hayes & Joseph, 2003; Noronha et al., 2015).

Neste sentido, igualmente, discute-se no meio científico como as características pessoais implicam nas formas do indivíduo lidar com o estresse, indicando uma relação mútua na interação pessoa-ambiente, de modo que a personalidade é determinante na formação e na escolha de comportamentos perante cada circunstância, especialmente nas situações adversas. Sugere-se que, além das características sociodemográficas, os traços da personalidade são essencialmente decisivos na escolha de estratégias de *coping*, pois, cada perfil será afetado

pelos estressores de maneira distinta e, conseqüentemente, de acordo com as respectivas avaliações, enfrentará os acontecimentos de formas diversas (Bertamoni et al., 2013).

Investigações prévias sugerem, portanto, que altos escores de neuroticismo correspondem a tendência em utilizar estratégias focadas na emoção, ou seja, busca-se obter alívio do estresse e tensão emocional afastando o problema por meio de respostas emocionais. De tal modo, destaca-se que estratégias focadas na emoção podem gerar pensamentos negativos e culpabilização de si ou do outro pelo problema, indicando possível dificuldade em relacionamentos interpessoais e déficit nas habilidades sociais. Em contrapartida, quando correlacionado a agradabilidade, o *coping* focado na emoção indica tendência em acreditar no lado positivo da situação, em que as emoções desempenham papel determinante na forma que o indivíduo se adapta (Bertamoni et al., 2013; Reeve, 2006).

Em contrapartida, as estratégias focadas no problema associam-se aos traços de extroversão e aos baixos índices de neuroticismo, como também à conscienciosidade, uma vez que pessoas motivadas, com elevado senso de crescimento pessoal e propósitos definidos tendem a buscarem a resolução de problemas (Queroz & Neri, 2005).

1.4. OBJETIVOS

1.4.1. Objetivo Geral

Adaptar e reunir evidências de adequação psicométrica para as escalas de *coping* através do uso de mídias e verificar as possíveis correlações e predições deste tipo de *coping* com os fatores da personalidade e o bem-estar subjetivo.

1.4.2. Objetivos Específicos

- Adaptar e validar a Escala de Coping através da Leitura de Livros;
- Adaptar e validar a Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries;
- Adaptar e validar a Escala de Coping através do Uso da Internet;
- Verificar os efeitos do gênero e idade na utilização das estratégias de *coping*;
- Identificar as relações entre os estilos de *coping* através do uso de mídias com os cinco fatores da personalidade;
 - Averiguar as relações entre os estilos de *coping* através do uso de mídias com a satisfação com a vida;
 - Analisar as relações entre os estilos de *coping* através do uso de mídias com os afetos positivos e os afetos negativos;
 - Investigar as relações entre os fatores da personalidade e o bem-estar subjetivo na amostra estudada;
 - Examinar o *coping* através do uso de mídias como preditor do bem-estar subjetivo, controlando-se os traços da personalidade.

II. ESTUDOS EMPÍRICOS

2.1. ESTUDO 1 – ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

Este estudo pretende realizar a análise fatorial exploratória (AFE) das escalas de *coping* por meio do uso de mídias, a saber: da leitura de livros, de assistir filmes e séries, e do uso da internet.

2.1.1. Participantes

Trata-se de uma amostra não-probabilística ou por conveniência, definida de acordo com o indicado pela literatura psicométrica (Pasquali, 2010). Utilizou-se enquanto critério de inclusão ser estudante do ensino médio ou do ensino superior, de instituições públicas e privadas do Estado da Paraíba, Brasil. Na AFE da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros a amostra foi composta por 245 participantes, a maioria do sexo feminino (68,6%; F=168), entre 13 e 37 anos (M=18,47; DP=3,45), solteiros (94,7%; F=232), estudantes do ensino superior (52,7%; F=129), que se enxergam como pertencentes a classe média (83,3%; F=204), em que 58,4% (F=143) afirmam possuir aplicativos em seus dispositivos móveis para a leitura de livros e relatam que seu gênero favorito de leitura é romance (33,5%; F=82).

Para a AFE da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries contamos com 233 participantes, em sua maioria do sexo feminino (51,1%; F=119), com idades entre 14 e 46 anos (M=19,53; DP=3,92), solteiros (93,6%; F=218), estudantes universitários (62,2%; F=145), que percebem-se de classe média (81,1%; F=189), em que 97% (F=226) relatam possuir aplicativos específicos para assistir filmes e/ou séries em seus dispositivos móveis e 24,9% (F= 58) consideram o gênero comédia como o seu preferido.

Por último, a AFE da Escala de *Coping* através do Uso da Internet foi realizada com 220 participantes, predominantemente do sexo feminino (62,3%; F=137), entre 14 e 41 anos (M=18,47; DP=4,24), solteiros (93,6%; F=206), estudantes do ensino médio (55%; F=121), pertencentes a classe média (76,8%; F=169), em que 83,2% (F=183) acreditam que o uso da internet influencia no comportamento do indivíduo.

2.1.2. Instrumentos

Para a concretização deste estudo, foi realizada a adaptação da Escala de *Coping* através de Ouvir Música – ECOM (Pimentel et al., 2012) para outros três tipos de mídias: livros, filmes e séries, e internet. Para tal, a ECOM foi ajustada para a Escala de *Coping* através da Leitura de Livros, a Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, e a Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

Como mencionado, usou-se a *Escala de Coping através da Leitura de Livros*. Esta é uma medida adaptada da ECOM, validada para a realidade brasileira por Pimentel et al. (2012), com estudantes do ensino médio e superior. A versão conta com dez itens, em uma escala de cinco pontos, com afirmativas que variam de nunca à sempre. Seguindo as orientações dos autores, este instrumento almeja avaliar as estratégias de *coping* através de ler livros em estudantes secundaristas e universitários, diante situações estressantes que envolvam a escola/universidade, o trabalho, a família e os amigos.

Da mesma forma, foi utilizada a *Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries*. A referida medida, assim como a anterior, é uma adaptação da ECOM (Pimentel et al., 2012) e também conta com dez itens, em uma escala de cinco pontos, com respostas que variam de nunca à sempre. A partir dela pretende-se avaliar as estratégias de *coping* através de assistir filmes e séries diante situações conflituosas que envolvam a escola ou a universidade, o trabalho, a família e os amigos, em estudantes do ensino médio e superior.

Igualmente, a última escala que compõe o questionário é a *Escala de Coping através do Uso da Internet*. Esta também é uma adaptação da ECOM (Pimentel et al., 2012), composta por uma escala de cinco pontos, com afirmações que variam de nunca à sempre, possuindo dez itens. A partir desta medida busca-se avaliar as estratégias de *coping* através do uso da internet de estudantes do ensino médio e do ensino superior perante situações estressantes que abranjam a escola e/ou universidade, o trabalho, a família e os amigos.

Por fim, para a caracterização da amostra investigada, aplicou-se um questionário sociodemográfico que contempla perguntas sobre sexo, idade, estado civil, classe social, o acesso a aplicativos específicos das mídias mencionadas em dispositivos móveis, entre outras questões pertinentes ao estudo.

2.1.3. Procedimentos

A coleta de dados ocorreu por meio presencial. Inicialmente, foram solicitadas as autorizações, através de uma carta de anuência, para a realização da pesquisa nas Instituições de ensino médio e superior pretendidas, sendo estas: uma escola pública que oferece ensino médio da cidade de João Pessoa/PB, uma faculdade particular da cidade de Patos/PB e uma universidade federal da cidade de João Pessoa/PB. Após o retorno positivo por parte das mesmas, deu-se início às coletas por pesquisadores devidamente treinados, no período de setembro de 2018 a dezembro deste mesmo ano. Os participantes foram abordados em grupo ou individualmente, nas salas de aula (mediante o consentimento do professor responsável) ou

em ambientes comuns das Instituições, como praças e lanchonetes. Os participantes tiveram a total liberdade de responderem ou não a pesquisa.

O presente estudo considerou os preceitos éticos destinados à pesquisa envolvendo seres humanos, respeitando a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde, mediante o parecer favorável (CAAE: 12529119.2.0000.5188). Foi esclarecido aos participantes o caráter voluntário, a possibilidade de desistência a qualquer momento do estudo, bem como a garantia do sigilo das informações e resguardo da identidade. Após consentir sua participação, a mesma foi formalizada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, ficando uma cópia com o pesquisador e outra com o participante.

2.1.4. Análise dos Dados

Foi utilizada a versão 21 do Pacote Estatístico SPSS para Windows (*Statistical Package for the Social Sciences*) para a tabulação e análise dos dados. Realizou-se, a fim de caracterizar a amostra, análises descritivas de frequência, média e desvio padrão. Para a validação das escalas foi conduzida a análise fatorial exploratória pelo método dos eixos principais PAF (*Principal Axis Factoring*). Em um primeiro momento, foi usada a rotação *oblimin* direto sem a fixação dos fatores, enquanto, posteriormente, a extração foi realizada em um número fixo de três fatores. Usou-se também a comparação dos critérios de Cattel (*scree plot*) e Kaiser-Guttman (*eigenvalues* superiores a 1) para a retenção das variáveis latentes, bem como foi feita a análise de precisão da medida e de seus fatores por meio do coeficiente alfa de Cronbach e lambda-2 de Guttman.

2.1.5. Resultados

2.1.5.1. Escala de *Coping* através da Leitura de Livros

Para verificar a fatorabilidade desta escala foi verificada, inicialmente, a adequação do tamanho da amostra. O índice de Kaiser-Meyer-Olkin indicou que a matriz é favorável, apontando boa adequação da amostra aos dados (KMO=0,90). O teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(45)=1628,645$; $p<0,001$) também apresentou resultados favoráveis ao prosseguimento da análise. Não foram identificadas comunalidades com valores extremos, estando todas acima de 0,6. A priori, optou-se pelo ensaio fatorial sem a fixação do número de fatores com rotação oblíqua do tipo *oblimin* direto, sugerindo a retenção de dois fatores

com autovalores de 5,84 e 1,14, respectivamente. Posteriormente, a análise do gráfico de sedimentação *scree plot* também sugeriu a solução bifatorial.

No entanto, tendo em vista o modelo original do qual parte o instrumento, optou-se por uma nova análise de componentes principais, desta vez fixando os três fatores para a extração. A nova estrutura trifatorial apresentou cargas fatoriais aceitáveis, com comunalidades acima de 0,6, sendo os itens 1 e 2 os mais bem explicados. Observou-se a retenção dos três fatores extraídos através do teste de Cattell (Figura 1) e do critério de Kaiser-Guttman, sugerindo 76,80% da variância explicada. O terceiro fator exibiu *eigenvalue* inferior a 1 (0,70), porém, optou-se em manter a estrutura trifatorial deste instrumento, considerando que o mesmo advém de um modelo conceitual consolidado. Foram verificados notáveis índices de precisão, com $\alpha=0,90$ e $\lambda-2=0,92$, no primeiro fator observa-se estimativas altas de confiabilidade por meio do alfa de Cronbach e lambda-2 de Guttman, enquanto os fatores 2 e 3 demonstraram índices igualmente bons, contudo um pouco inferiores (Tabela 1).

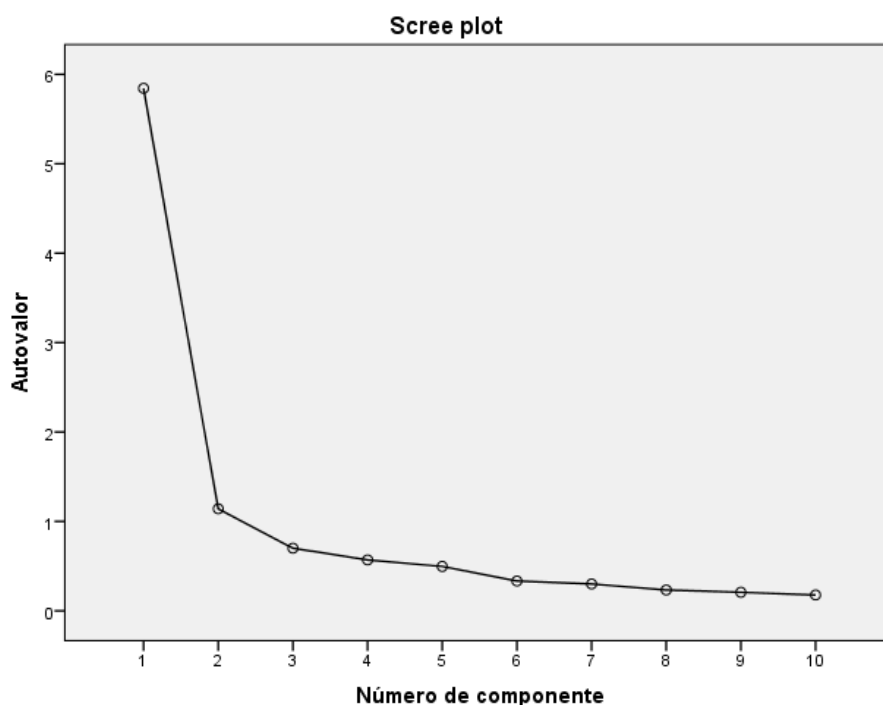


Figura 1. Gráfico de sedimentação da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

Tabela 1

Estrutura fatorial da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

	Itens	F1	F2	F3	h²
8	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade	0,89	-0,08	0,08	0,79
7	...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança	0,88	0,09	-0,07	0,81
10	...ajudar-me a desopilar	0,85	0,08	-0,05	0,75
6	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo	0,72	0,03	0,20	0,75
9	...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar	0,72	0,01	0,21	0,74
3	...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas	-0,17	0,91	0,19	0,81
4	...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor	0,15	0,74	-0,13	0,62
5	...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer	0,27	0,70	-0,02	0,74
1	...evitar pensar nos meus problemas	0,06	0,05	0,87	0,81
2	...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas	0,14	0,02	0,81	0,87
Nº de Itens		5	3	2	
Valor próprio		5,84	1,14	0,70	
% de variância explicada		58,44	11,41	7,00	
α de Cronbach		0,90	0,78	0,82	
λ -2 de Guttman		0,92	0,79	0,82	

O Fator 1, denominado *coping* focado na emoção, é composto por cinco itens: 6)...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo; 7)...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança; 8)...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade; 9)...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar; e 10)...ajudar-me a desopilar. O Fator 2, denominado *coping* focado problema, é composto por três itens: 3)...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas; 4)...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor; e 5)...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer. Por último, o Fator 3, denominado *coping* focado na evitação/desligamento, é composto por dois itens: 1)...evitar pensar nos meus problemas e 2)...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas.

Ademais, foi realizado o cálculo das correlações entre os itens dos três fatores da escala, como observa-se na Tabela 2. Desta forma, verifica-se que o fator *coping* focado na emoção demonstrou correlação positiva entre seus itens, variando de 0,62 a 0,78 ($r_{\text{média}}=0,70$), assim como o fator 2, *coping* focado no problema, oscilando entre 0,49 e 0,66 ($r_{\text{média}}=0,55$). Por último, o terceiro fator, *coping* do tipo evitação, apresentou correlação positiva de 0,70 entre seus itens.

Tabela 2

Matriz de correlações entre itens da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

Variáveis	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6	Item 7	Item 8	Item 9	Item 10
Item 1	1,00									
Item 2	0,70	1,00								
Item 3	0,39	0,32	1,00							
Item 4	0,26	0,30	0,49	1,00						
Item 5	0,37	0,40	0,66	0,51	1,00					
Item 6	0,60	0,60	0,43	0,40	0,57	1,00				
Item 7	0,51	0,52	0,48	0,44	0,59	0,72	1,00			
Item 8	0,54	0,60	0,36	0,41	0,51	0,77	0,75	1,00		
Item 9	0,64	0,56	0,42	0,38	0,52	0,66	0,67	0,66	1,00	
Item 10	0,50	0,49	0,46	0,42	0,55	0,62	0,72	0,64	0,78	1,00

2.1.5.2. Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries

Inicialmente, foi verificado se a matriz de dados deste instrumento é passível de fatoração. Para tal, usou-se o índice de Kaiser-Meyer-Olkin que indicou matriz favorável, apontando excelente índice de adequação ($KMO=0,87$) e o teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(45)=1144,535$; $p<0,001$), que também apresentou resultados adequados ao prosseguimento da análise. Não foram identificadas comunalidades com valores extremos, estando todas acima de 0,5. Assim como na escala anterior, em um primeiro momento, elegeu-se o ensaio fatorial sem a fixação do número de fatores, com rotação *oblimin* direto, em que esta sugeriu a retenção de dois fatores com autovalores de 5,03 e 1,21, respectivamente. Posteriormente, a análise do gráfico de sedimentação também resultou na retenção de duas variáveis latentes (fatores).

Todavia, considerando que esta escala parte de um modelo original, se optou por uma nova análise de componentes principais, desta vez fixando os três fatores para a extração. A nova estrutura fatorial com três fatores apresentou cargas fatoriais aceitáveis, com comunalidades acima de 0,5, sendo os itens 1 e 2 os mais bem explicados. Na Figura 2, observa-se que o teste de Cattell (*scree plot*) sugeriu a retenção dos três fatores, igualmente ao critério de Kaiser-Guttman, que explicou 71,65% da variância. O terceiro fator demonstrou autovalor inferior a 1 (0,93), no entanto, tendo em vista o modelo conceitual consolidado do instrumento, manteve-se a estrutura trifatorial. Os índices de precisão do instrumento mostraram-se adequados, com $\alpha=0,89$ e $\lambda-2=0,89$, como é possível visualizar na Tabela 3.

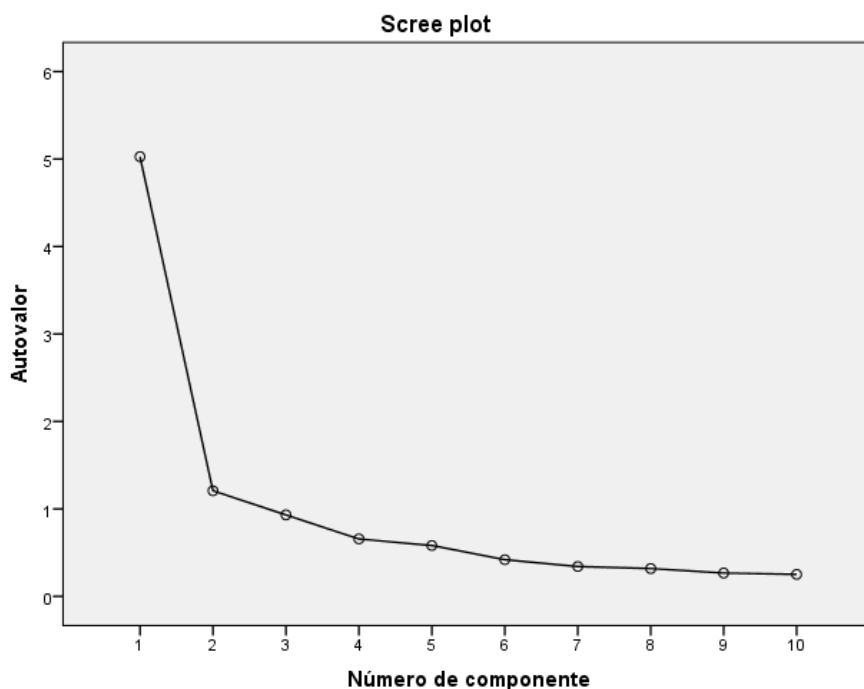


Figura 2. Gráfico de sedimentação da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

Tabela 3

Estrutura fatorial da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

	Itens	F1	F2	F3	h ²
6	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo	0,90	-0,08	0,00	0,75
9	...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar	0,84	0,03	0,05	0,76
8	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade	0,82	-0,07	0,11	0,71
7	...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança	0,75	0,20	-0,07	0,69
10	...ajudar-me a desopilar	0,56	0,09	0,21	0,54
4	...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor	-0,16	0,86	0,10	0,68
3	...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas	0,14	0,71	0,11	0,67
5	...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer	0,34	0,68	-0,18	0,70
2	...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas	0,01	0,10	0,87	0,83
1	...evitar pensar nos meus problemas	0,13	-0,03	0,86	0,84
Nº de Itens		5	3	2	
Valor próprio		5,03	1,21	0,94	
% de variância explicada		50,27	12,07	9,31	
α de Cronbach		0,88	0,74	0,82	
λ-2 de Guttman		0,88	0,75	0,82	

O Fator 1, *coping* focado na emoção, é composto por cinco itens: 6, 7, 8, 9 e 10. O Fator 2, *coping* focado problema, é composto por três itens: 3, 4 e 5. Por último, o Fator 3, *coping* focado na evitação/desligamento, é composto por dois itens: 1 e 2.

Através do cálculo das correlações entre os itens dos três fatores deste instrumento, foi possível identificar que estas são positivas (Tabela 4). No primeiro fator, *coping* focado na emoção, as correlações variaram de 0,48 a 0,68 ($r_{\text{média}}=0,60$). Do mesmo modo, no fator 2, *coping* focado no problema, as correlações positivas apresentaram valores entre 0,42 e 0,61 ($r_{\text{média}}=0,49$). Já o fator 3, *coping* do tipo evitação, exibiu correlação de 0,69 entre seus itens.

Tabela 4

Matriz de correlações entre itens da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

Variáveis	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6	Item 7	Item 8	Item 9	Item 10
Item 1	1,00									
Item 2	0,69	1,00								
Item 3	0,31	0,40	1,00							
Item 4	0,23	0,23	0,42	1,00						
Item 5	0,22	0,26	0,61	0,43	1,00					
Item 6	0,43	0,44	0,41	0,19	0,45	1,00				
Item 7	0,38	0,37	0,45	0,41	0,46	0,61	1,00			
Item 8	0,52	0,42	0,37	0,25	0,43	0,66	0,61	1,00		
Item 9	0,46	0,43	0,45	0,30	0,43	0,68	0,66	0,64	1,00	
Item 10	0,46	0,42	0,43	0,27	0,38	0,48	0,50	0,49	0,63	1,00

2.1.5.3. Escala de *Coping* através do Uso da Internet

Por fim, seguindo o padrão das análises anteriores, verificamos a adequação da matriz de dados desta escala. Dessa forma, o índice de Kaiser-Meyer-Olkin apontou matriz favorável com um bom índice de adequação ($KMO=0,88$), bem como o teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2(45)=1107,468$; $p<0,001$) apresentou resultados adequados ao seguimento da análise fatorial. Não foram identificadas comunalidades com valores extremos, estando todas acima de 0,5. Inicialmente, decidiu-se pelo ensaio fatorial sem a fixação do número de fatores, com rotação *oblímin* direto, que sugeriu a estrutura bifatorial com autovalores de 5,17 e 1,17, respectivamente. Após, com a análise do gráfico *scree plot*, também ficou claro o agrupamento das cargas fatoriais em dois fatores.

Contudo, considerando que este instrumento parte de um modelo original amplamente testado, realizou-se uma nova análise de componentes principais fixando os três fatores para a extração. A nova estrutura trifatorial indicou cargas fatoriais aceitáveis, com comunalidades acima de 0,6, sendo os itens 1 e 2 os mais bem explicados. O teste de Cattell (Figura 3) e o critério de Kaiser-Guttman igualmente sugeriram a retenção dos três fatores, explicando 72,06% da variância. O terceiro fator demonstrou *eigenvalue* inferior a 1 (0,87), entretanto, tendo em vista que a escala parte de um modelo conceitual já consolidado, optou-se em manter sua estrutura em três variáveis latentes. No que concerne aos índices de precisão do instrumento, estes mostraram-se adequados com $\alpha=0,89$ e $\lambda-2=0,90$ (Tabela 5).

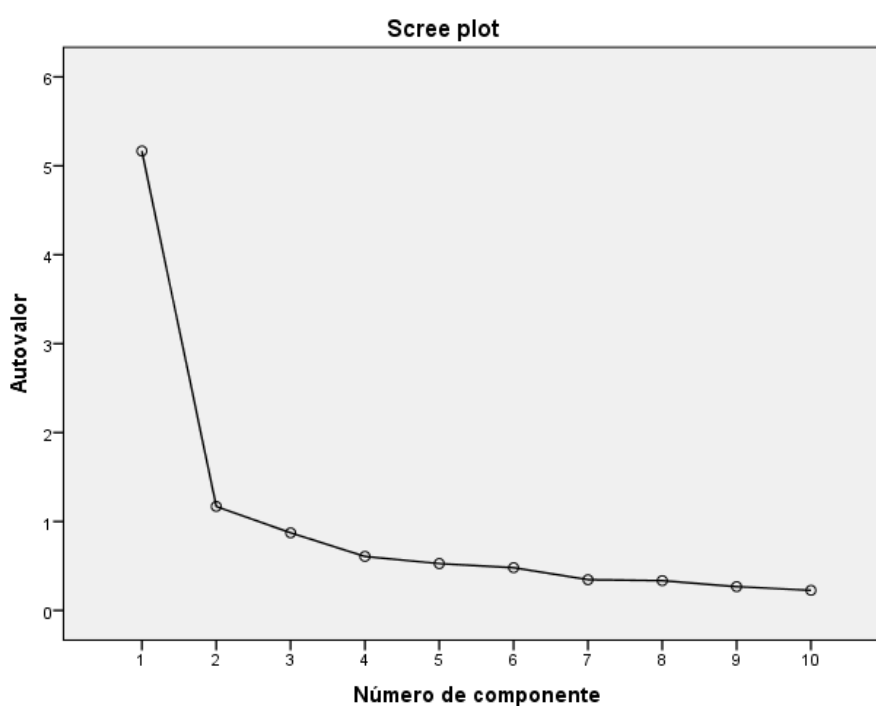


Figura 3. Gráfico de sedimentação da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

Tabela 5

Estrutura fatorial da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

	Itens	F1	F2	F3	h²
10	...ajudar-me a desopilar	0,90	-0,05	-0,15	0,66
8	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade	0,78	-0,01	0,14	0,73
6	...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo	0,75	0,06	0,06	0,67
9	...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar	0,74	0,06	0,09	0,68
7	...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança	0,66	0,19	0,10	0,67
4	...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor	0,05	0,83	-0,15	0,65
5	...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer	0,01	0,81	0,06	0,71
3	...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas	0,04	0,73	0,23	0,74
2	...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas	-0,06	0,12	0,91	0,86
1	...evitar pensar nos meus problemas	0,30	-0,10	0,77	0,83
Nº de Itens		5	3	2	
Valor próprio		5,16	1,17	0,87	
% de variância explicada		51,61	11,71	8,74	
α de Cronbach		0,88	0,77	0,81	
λ -2 de Guttman		0,88	0,77	0,81	

O Fator 1, *coping* focado na emoção, é composto por cinco itens: 6, 7, 8, 9 e 10. O Fator 2, *coping* focado problema, é composto por três itens: 3, 4 e 5. Por último, o Fator 3, *coping* focado na evitação/desligamento, é composto por dois itens: 1 e 2.

Por fim, realizou-se o cálculo das correlações entre os itens dos três fatores nesta escala. Através dessa análise, conforme a Tabela 6, percebe-se que no fator 1, *coping* focado na emoção, as correlações positivas variaram de 0,48 a 0,69 ($r_{\text{média}}=0,59$). Do mesmo modo, o segundo fator, *coping* focado no problema, exibiu correlações com valores entre 0,46 e 0,53 ($r_{\text{média}}=0,63$). Já o fator 3, *coping* do tipo evitação, exibiu correlação de 0,69 entre seus itens.

Tabela 6

Matriz de correlações entre itens da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

Variáveis	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6	Item 7	Item 8	Item 9	Item 10
Item 1	1,00									
Item 2	0,69	1,00								
Item 3	0,42	0,47	1,00							
Item 4	0,21	0,28	0,49	1,00						
Item 5	0,31	0,36	0,63	0,46	1,00					
Item 6	0,50	0,44	0,46	0,32	0,38	1,00				
Item 7	0,53	0,42	0,52	0,33	0,47	0,60	1,00			
Item 8	0,56	0,46	0,45	0,31	0,36	0,69	0,63	1,00		
Item 9	0,58	0,39	0,47	0,30	0,41	0,50	0,65	0,64	1,00	
Item 10	0,43	0,33	0,32	0,29	0,30	0,56	0,48	0,53	0,57	1,00

2.1.6. Discussão Parcial

Através das análises fatoriais exploratórias das três escalas acima, é possível verificar evidências de validade de construto favoráveis às mesmas. Os instrumentos apresentam estrutura fatorial satisfatória semelhante ao estudo base de Pimentel et al. (2012), bem como ao estudo original de Miranda e Claes (2009).

As escalas apontaram para índices de KMO com valores entre 0,8 e 0,9, considerados, nesta ordem, ótimo e excelente. Enquanto o teste de esfericidade de Bartlett obteve valor com nível de significância $p < 0,05$, indicando matriz favorável ao prosseguimento da análise fatorial (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009; Tabachnick & Fidell, 2007). Estes dados, além de representarem resultados satisfatórios, corroboram com a literatura, que enfatiza a uniformidade entre os achados dos métodos citados no que diz respeito a possibilidade ou não de fatorabilidade de uma matriz de dados (Damásio, 2012).

Tendo em vista que os instrumentos supracitados partem de um modelo teórico previamente testado, decidiu-se por reter os três fatores durante a análise fatorial (Fabrigar, Wegener, MacCallum, & Strahan, 1999). De tal modo, as escalas estudadas adequaram-se em três variáveis latentes, assim como indica a bibliografia específica (Lazarus & Folkman, 1984; Antoniazzi et al., 1998; Carver & Connor-Smith, 2010): *coping* focado na emoção (Fator 1), *coping* focado no problema (Fator 2) e *coping* focado na evitação/desligamento (Fator 3). Os três fatores extraídos através da análise dos eixos principais revelaram-se válidos, em decorrência das boas cargas fatoriais de seus respectivos itens. As cargas encontradas variaram entre 0,54 e 0,87, sendo que valores entre 0,30 e 0,40 são aceitáveis em estudos exploratórios

e valores acima de 0,50 são considerados imprescindíveis para a significância prática (Hair et al., 2009).

O agrupamento dos itens resultou em variâncias com valores de 76,80%, 71,65% e 72,06% nas escalas de *coping* através da leitura de livros, de assistir filmes e séries e do uso da internet, respectivamente. Para Hair et al. (2009), a extração dos fatores deve captar, ao menos 60% da variância, assim, as soluções fatoriais deste estudo explicam suficientemente o conjunto dos dados, inclusive com percentuais de variância explicada substancialmente superiores aos encontrados nos estudos anteriores sobre o *coping* através de ouvir música, que totalizaram apenas 62,71% (Miranda & Claes, 2009) e 60,66% (Pimentel et al., 2012).

Os índices de confiabilidade aqui apresentados foram mais elevados aos verificados no estudo prévio no qual se basearam as referidas medidas. Do mesmo modo, como sugerem os achados de Pimentel et al. (2012), é possível observar maiores alfas de Cronbach e lambda-2 de Guttman no *coping* focado na emoção. Em contrapartida, na investigação dos referidos autores, o menor índice de precisão foi referente ao fator de *coping* focado na evitação, enquanto no presente estudo os menores índices verificados encontram-se no *coping* focado no problema. Assim, considera-se que o valor das correlações e o número de itens de um fator influenciam nos valores de seus alfas, em que fatores com menor número de itens apresentam alfas inferiores (Cortina, 1993). Além disso, tais resultados sugerem que este tipo de *coping* (através do uso de mídias) é predominantemente focado na emoção, confirmando constatações anteriores (Pimentel et al., 2012) e indicando que, para a amostra estudada, as respostas emocionais são de fundamental importância para sua adaptação diante situações estressoras, onde ler livros, assistir filmes e séries e usar a internet podem constituir-se como uma forma de lidar com possíveis problemas, objetivando o alívio do estresse emocional (Bertamoni et al., 2013).

2.2. ESTUDO 2 – ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA

O objetivo deste estudo é realizar uma análise fatorial confirmatória (AFC) das escalas de *coping* por meio do uso de mídias, a saber: da leitura de livros, de assistir filmes e séries, e da internet.

2.2.1. Participantes

Trata-se de uma amostra não-probabilística ou por conveniência, definida de acordo com o indicado pela literatura psicométrica (Pasquali, 2010). Utilizou-se enquanto critérios de inclusão ser estudante do ensino médio ou do ensino superior, de Instituições públicas e privadas do Estado da Paraíba, Brasil. Para a AFC da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros contamos com 237 participantes, em sua maioria do sexo feminino (66,7%; F=158), com idades entre 14 e 40 anos (M=19,32; DP=4,53), solteiros (90,3%; F=214), estudantes universitários (56,1%; F=133), que percebem-se de classe média (75,1%; F=178), em que 51,5% (F=122) relatam possuir aplicativos específicos para a leitura de livros em seus dispositivos móveis e 28,3% (F= 67) consideram o gênero romance como o seu preferido.

A AFC da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries foi realizada com 200 participantes, predominantemente do sexo feminino (67%; F=134), entre 13 e 57 anos (M=18,51; DP=4,38), solteiros (93%; F=186), estudantes do ensino médio (53%; F=106), pertencentes a classe média (82,5%; F=165), em que 89% (F=178) afirmam possuir aplicativos em seus dispositivos móveis para assistir filmes e séries, e relatam que seu gênero favorito é ação (23%; F=46).

Finalmente, na AFC da Escala de *Coping* através do Uso da Internet a amostra foi composta por 207 participantes, a maioria do sexo feminino (69,6%; F=144), entre 13 e 35 anos (M=18,99; DP=3,87), solteiros (90,8%; F=188), estudantes do ensino superior (55,2%; F=108), que se enxergam como pertencentes a classe média (82,1%; F=170), em que 87% (F=180) acreditam que o uso da internet influencia no comportamento.

2.2.2. Instrumentos

Foram utilizados os mesmos instrumentos do Estudo 1: Escala de *Coping* através da Leitura de Livros, Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, Escala de *Coping* através do Uso da Internet e questionário sociodemográfico.

2.2.3. Procedimentos

Foram seguidos os mesmos procedimentos do Estudo 1.

2.2.4. Análise dos Dados

Será utilizada a versão 21 do Pacote Estatístico SPSS para Windows (*Statistical Package for the Social Sciences*) na tabulação dos dados e análises descritivas (média, desvio-padrão e percentuais) da caracterização da amostra. Além disso, o SPSS será empregado na verificação de correlações entre os fatores e os efeitos do gênero e da idade, através do MANCOVA (*Multivariate Analysis of Covariance*) e análise de correlações de Pearson (r). Para a testagem da adequação das escalas ao modelo original, bem como aos modelos alternativos, será usado o pacote estatístico AMOS (*Analysis of Moment Structures*), na versão 25. Serão considerados enquanto indicadores de ajuste a Razão $\chi^2/g.l.$, o *Goodness-of-Fit Index* (GFI), o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), o *Comparative-Fit Index* (CFI), o índice *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), o *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC).

2.2.5. Resultados

2.2.5.1. Escala de *Coping* através da Leitura de Livros

Para verificar em que medida a estrutura fatorial apresentada na análise fatorial exploratória ajustou-se aos dados, foi realizada uma análise fatorial confirmatória. Para tal, usou-se o estimador *maximum likelihood* (ML), analisando-se a matriz de covariâncias. Testaram-se os seguintes modelos fatoriais:

- a. Modelo 1 (M1): Unifatorial;
- b. Modelo 2 (M2): Bifatorial. Juntou-se os fatores *coping* focado na emoção e *coping* focado na evitação no Fator 1, e o *coping* focado no problema compôs o Fator 2;
- c. Modelo 3 (M3): Trifatorial, modelo original;
- d. Modelo 4 (M4): Trifatorial, modelo original reduzido com nove itens. Exclui-se o item quatro do fator *coping* focado no problema, ficando este com 2 itens ($\alpha=0,92$).

Em um primeiro momento, foi verificado o quiquadrado dos modelos divididos por seus graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$), obtendo-se os seguintes valores: 2,06, 2,08, 1,77 e 2,08 para os modelos testados, respectivamente. Avaliando este e os demais índices de ajuste, descritos na Tabela 7, observa-se que o modelo trifatorial original (M3), adequou-se de forma satisfatória aos dados, obtendo melhor ajuste que os modelos M1 e M2. O modelo trifatorial reduzido, com nove itens, apresentou melhores indicadores de adequação e menores valores de CAIC e ECVI. No entanto, estes modelos (M3 e M4) foram os que exibiram melhor

adequação aos dados, sendo considerados equivalentes neste estudo. Os pesos de regressão do conjunto dos itens foram estatisticamente significantes com $p < 0,001$. Faz-se relevante frisar que foi necessário correlacionar três pares de erros no fator 1 (*coping* focado na emoção), uma vez que, com isso, o modelo apresentou melhor ajuste em razão da alta covariância desses erros. A estrutura fatorial da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros pode ser visualizada na Figura 4.

Tabela 7

Índices de ajuste dos modelos da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

Modelos	χ^2	g.l.	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (IC 90%)	CAIC	ECVI
M1	61,643	30	0,95	0,91	0,98	0,067 (0,043;0,091)	223,344	0,473
M2	64,591	31	0,95	0,91	0,99	0,068 (0,044;0,091)	219,824	0,477
M3	51,371	29	0,96	0,92	0,99	0,057 (0,030; 0,082)	219,540	0,438
M4	43,672	21	0,96	0,92	0,99	0,068 (0,039;0,096)	198,905	0,388

Notas: M1 = Modelo unifatorial; M2 = Modelo bifatorial; M3 = Modelo original (trifatorial); M4 = Modelo original reduzido.

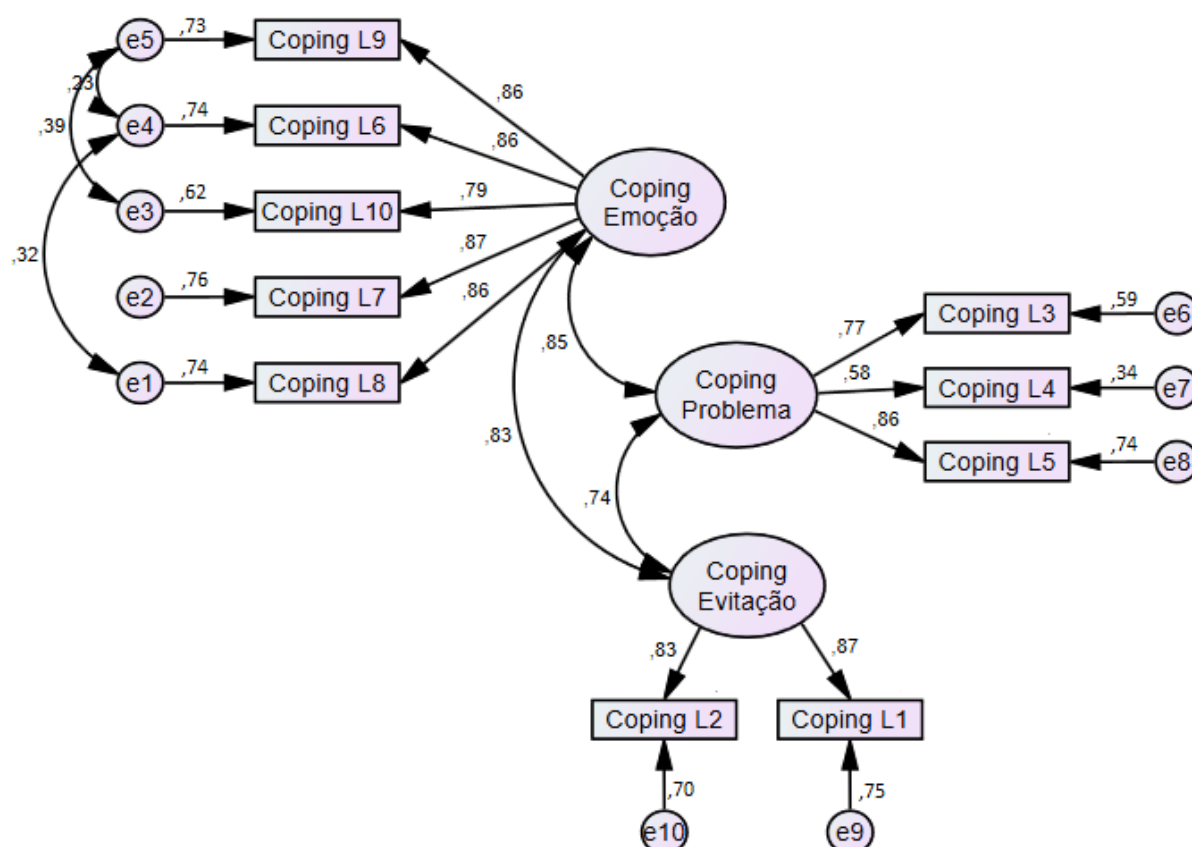


Figura 4. Análise fatorial confirmatória da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

A seguir, realizou-se uma MANCOVA a fim de averiguar possíveis efeitos do gênero nos fatores desta escala, controlando-se a idade. Foram verificados efeitos multivariados ($F[1,233]=4,912$; $p<0,05$; λ de Wilks=0,97; $\eta^2=0,21$) do gênero apenas no fator *coping* focado na emoção, em que as mulheres pontuaram mais alto ($M=2,95$; $DP=0,10$). Além disso, a amostra apresentou efeitos univariados do gênero nos fatores *coping* focado na emoção ($F[1,234]=6,983$; $p<0,05$; $\eta^2=0,29$) e evitação ($F[1,234]=4,314$; $p<0,05$; $\eta^2=0,18$), com diferenças médias significativas para o sexo feminino ($p<0,05$). Por outro lado, o fator *coping* focado no problema não foi estatisticamente significativo, apontando que o gênero não possui efeito sobre o mesmo neste instrumento. Não foram apresentados efeitos da idade nos fatores. Através da correlação de Pearson, constatou-se que os fatores estão positivamente correlacionados, estando o *coping* focado na emoção ($M=2,78$; $DP=1,27$; $p<0,01$) melhor correlacionado com o *coping* evitação ($M=2,41$; $DP=1,53$; $r=0,72$; $p<0,01$) do que com o *coping* focado no problema ($M=2,67$; $DP=1,53$; $r=0,71$; $p<0,01$), também observa-se que o *coping* focado no problema correlacionou positivamente com o *coping* evitação ($r=0,62$; $p<0,01$).

2.2.5.2. Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries

Assim como foi feito na escala anterior, para se verificar em que medida a estrutura fatorial apresentada na AFE ajustou-se aos dados, foi realizada uma AFC. Para tal, usou-se o estimador *maximum likelihood* (ML), avaliando-se a matriz de covariâncias. Foram testados quatro modelos fatoriais, detalhados a seguir:

- a. Modelo 1 (M1): Unifatorial;
- b. Modelo 2 (M2): Bifatorial. Juntou-se os fatores *coping* focado na emoção e *coping* focado na evitação no Fator 1, e o *coping* focado no problema compôs o Fator 2;
- c. Modelo 3 (M3): Trifatorial, modelo original;
- d. Modelo 4 (M4): Trifatorial, modelo original reduzido com nove itens. Exclui-se o item quatro do fator *coping* focado no problema, ficando este com 2 itens ($\alpha=0,90$).

Inicialmente, averiguou-se o quiquadrado dos modelos divididos por seus graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$), obtendo-se os seguintes valores para os modelos testados, respectivamente: 2,69, 2,48, 1,46 e 1,50. A partir deste e dos demais índices de ajuste (Tabela 8), pode-se observar, do mesmo modo, que o modelo trifatorial original (M3) adequou-se de forma

satisfatória aos dados, obtendo melhor ajuste quando comparado aos modelos unifatorial e bifatorial. O modelo trifatorial reduzido, com nove itens, apresentou melhores indicadores de ajuste e menores estimativas de CAIC e ECVI. No entanto, tais modelos (M3 e M4) foram os que exibiram melhor adequação aos dados, podendo ser considerados equivalentes. Os pesos de regressão do conjunto dos itens foram estatisticamente significantes com $p < 0,001$. Faz-se importante comentar que foi necessário correlacionar dois pares de erros no fator *coping* focado na emoção, uma vez que, com isso, o modelo apresentou melhor ajuste em razão da alta covariância desses erros. A estrutura fatorial da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries pode ser observada na Figura 5.

Tabela 8

Índices de ajuste dos modelos da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

Modelos	χ^2	g.l.	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (IC 90%)	CAIC	ECVI
M1	83,281	31	0,93	0,88	0,95	0,092 (0,068;0,116)	224,441	0,660
M2	46,120	31	0,96	0,93	0,99	0,050 (0,011;0,078)	197,280	0,473
M3	43,882	30	0,96	0,93	0,99	0,048 (0,004; 0,077)	201,340	0,472
M4	32,979	22	0,97	0,93	0,99	0,050 (0,000;0,083)	177,840	0,397

Notas: M1 = Modelo unifatorial; M2 = Modelo bifatorial; M3 = Modelo original (trifatorial); M4 = Modelo original reduzido.

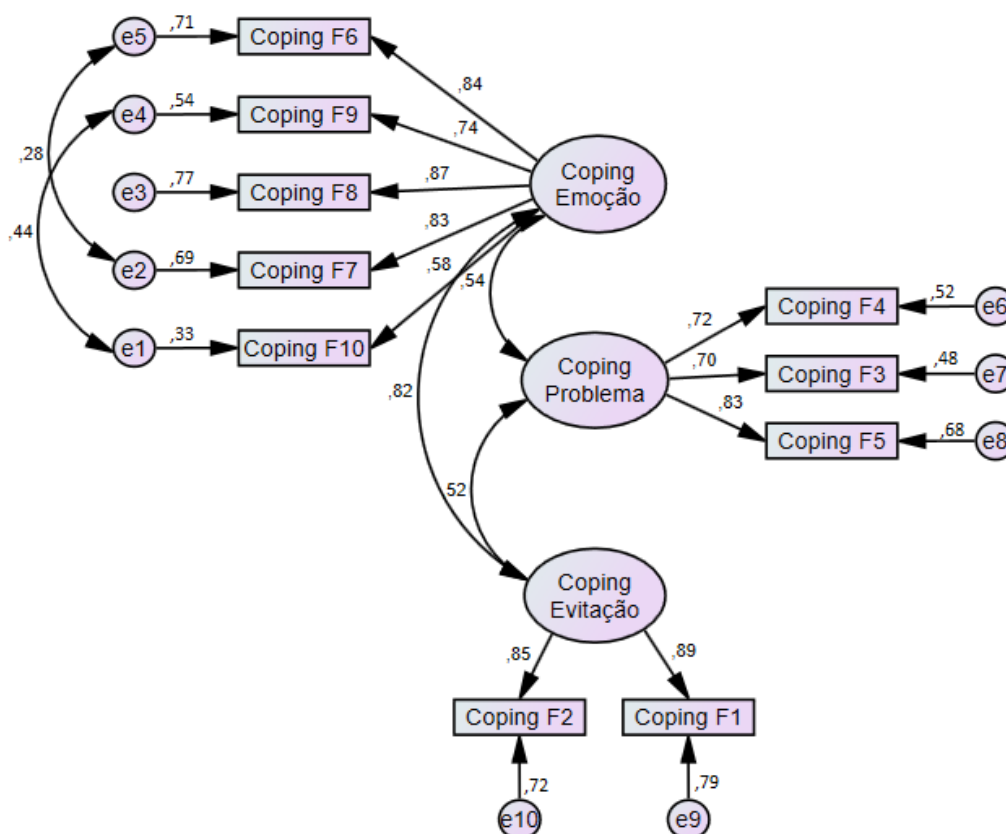


Figura 5. Análise fatorial confirmatória da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

Posteriormente, foi realizada uma MANCOVA com a pretensão de verificar possíveis efeitos do gênero nos fatores desta escala, controlando-se a idade. A partir da referida análise, não foram identificados efeitos multivariados do gênero nos fatores, com estimativas estatisticamente não significativas. No entanto, averiguou-se efeitos univariados no fator *coping* evitação ($F[1,197]=6,472$; $p<0,05$; $\eta^2=0,32$), em que as mulheres apresentaram diferença média significativa ($p<0,05$). Não foram verificados quaisquer efeitos da idade. Por meio da correlação de Pearson, constatou-se que os fatores estão positivamente correlacionados, em que o *coping* focado na emoção ($M=3,80$; $DP=0,99$; $p<0,01$) encontra-se melhor correlacionado com o *coping* evitação ($M=2,64$; $DP=1,19$; $r=0,72$; $p<0,01$) do que com o *coping* focado no problema ($M=2,67$; $DP=1,06$; $r=0,44$; $p<0,01$), também é possível observar que o *coping* focado no problema correlacionou positivamente com o *coping* evitação ($r=0,43$; $p<0,01$).

2.2.5.3. Escala de *Coping* através do Uso da Internet

Por fim, por meio das análises já realizadas nos instrumentos anteriores, averiguou-se em que medida a estrutura fatorial apresentada na AFE desta escala ajustou-se aos dados, sendo realizada uma AFC. Dessa forma, foi utilizado o estimador *maximum likelihood* (ML), verificando-se a matriz de covariâncias. Foram testados os seguintes modelos fatoriais:

- e. Modelo 1 (M1): Unifatorial;
- f. Modelo 2 (M2): Bifatorial. Juntou-se os fatores *coping* focado na emoção e *coping* focado na evitação no Fator 1, e o *coping* focado no problema compôs o Fator 2;
- g. Modelo 3 (M3): Trifatorial, modelo original;
- h. Modelo 4 (M4): Trifatorial, modelo original reduzido com nove itens. Exclui-se o item quatro do fator *coping* focado no problema, ficando este com 2 itens ($\alpha=0,89$).

A priori, foi visualizado os valores estimados do quiquadrado dos modelos divididos por seus graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$) para os modelos testados: 1,51, 2,19, 1,50 e 1,81, respectivamente. Com base neste e nos demais índices de ajuste, expostos na Tabela 9, pode-se observar, igualmente, que o modelo trifatorial original (M3) adequou-se de forma satisfatória aos dados, obtendo melhor ajuste quando comparado aos modelos unifatorial e bifatorial. O modelo M4, com nove itens, apresentou melhores indicadores de ajuste e menores valores de CAIC e ECVI. Dessa forma, estes modelos (M3 e M4) foram os que exibiram melhor adequação aos dados, podendo ser considerados equivalentes. Os pesos de

regressão do conjunto dos itens foram estatisticamente significantes com $p < 0,001$. É relevante frisar que foi necessário correlacionar um par de erros no fator 1, uma vez que, com isso, o modelo apresentou melhor ajuste em razão da alta covariância desses erros. A estrutura fatorial da Escala de *Coping* através do Uso da Internet pode ser visualizada na Figura 6.

Tabela 9

Índices de ajuste dos modelos da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

Modelos	χ^2	g.l.	GFI	AGFI	CFI	RMSEA (IC 90%)	CAIC	ECVI
M1	46,925	31	0,96	0,93	0,99	0,048 (0,014;0,075)	200,373	0,433
M2	72,418	33	0,94	0,90	0,96	0,074 (0,051;0,097)	213,078	0,532
M3	46,520	31	0,96	0,93	0,99	0,048 (0,013; 0,075)	199,967	0,432
M4	41,631	23	0,96	0,92	0,98	0,061 (0,029;0,090)	182,291	0,391

Notas: M1 = Modelo unifatorial; M2 = Modelo bifatorial; M3 = Modelo original (trifatorial); M4 = Modelo original reduzido.

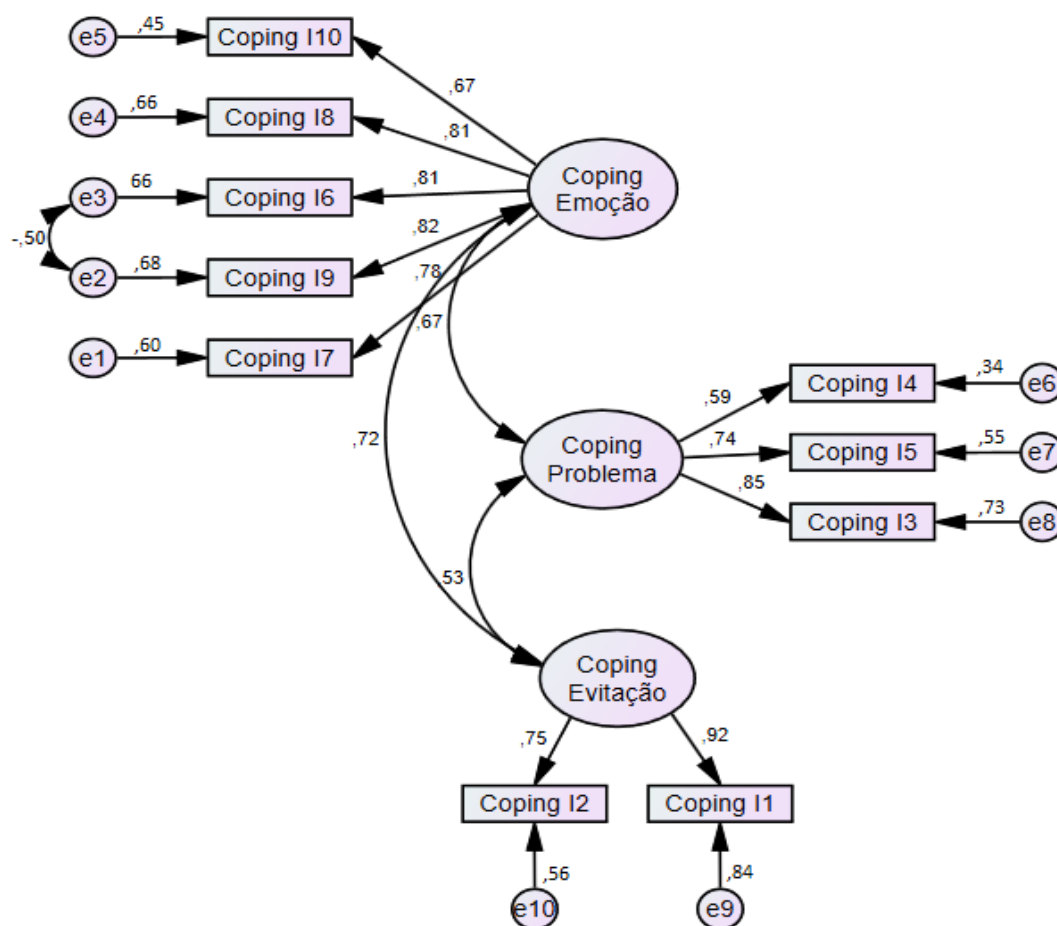


Figura 6. Análise fatorial confirmatória da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

Finalmente, foi realizada uma MANCOVA com intuito de averiguar os possíveis efeitos do gênero nas dimensões desta escala, controlando-se a variável idade. A partir desta análise, não foram identificados efeitos multivariados do gênero, com estimativas não

significativas estatisticamente. No entanto, verificaram-se efeitos univariados no fator *coping* focado na emoção ($F[1,204]=11,201$; $p<0,05$; $\eta^2=0,52$), *coping* focado no problema ($F[1,204]=15,689$; $p<0,05$; $\eta^2=0,71$) e *coping* evitação ($F[1,204]=8,139$; $p<0,05$; $\eta^2=0,38$), em que os homens apresentaram diferença média significativa ($p<0,05$) em ambos os fatores. Não foram apresentados efeitos da idade nos fatores. Mediante os achados da correlação de Pearson verificou-se, assim como nas escalas anteriores, que os fatores estão positivamente correlacionados. O *coping* focado na emoção ($M=3,60$; $DP=1,03$; $p<0,01$) encontra-se melhor correlacionado com o *coping* evitação ($M=3,40$; $DP=1,27$; $r=0,67$; $p<0,01$) do que com o *coping* focado no problema ($M=3,27$; $DP=1,12$; $r=0,56$; $p<0,01$), também é possível observar que o *coping* focado no problema correlacionou positivamente com o *coping* evitação ($r=0,40$; $p<0,01$).

2.2.6. Discussão Parcial

Por meio da análise fatorial confirmatória das três escalas propostas, foi possível confirmar a estrutura fatorial formada por três fatores, como indica a literatura especializada (Antoniuzzi et al., 1998; Lazarus & Folkman, 1984; Pimentel et al., 2012). Assim como recomendado, testou-se o modelo original e outros três modelos alternativos em amostras com um número de participantes adequado para as referidas análises (DiStefano & Hess, 2005; Tabachnick & Fidell, 2007; Hair et al., 2009).

Os valores apresentados para o qui-quadrado dividido pelos seus graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$) foram considerados ajustados, entre 1 e 3, nos quatro modelos de ambas as escalas, em que valores inferiores a 3 são considerados aceitáveis e inferiores a 2 sugerem bom ajustamento (Kline, 2011). Da mesma forma, as estimativas de índice de qualidade do ajuste, índice de qualidade do ajuste ajustado e índice comparativo de ajuste do modelo, em sua maioria, também indicaram adequação, com valores iguais ou próximos aos recomendados, 0,90 para GFI e 0,95 para AGFI e CFI (Hu & Bentler, 1999; Byrne, 2001). No entanto, as análises dos instrumentos revelaram que, de acordo com os indicadores de ajuste mencionados, os modelos mais explicativos foram: a. Escala de *Coping* através da Leitura de Livros, modelos M3 e M4; b. Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, modelos M2, M3 e M4; e, c. Escala de *Coping* através do Uso da Internet, modelos M1, M3 e M4.

No que diz respeito à raiz quadrada média do erro de aproximação ou RMSEA, os arquétipos que ofereceram índices mais próximos a 1, com valores até 0,06 (Hu & Bentler, 1999), revelando ajuste aceitável nas três escalas, foram os trifatorial original (M3) e

trifatorial reduzido (M4). Ademais, por meio da comparação dos quatro modelos através dos indicadores ECVI e CAIC (Hu & Bentler, 1999; DiStefano & Hess, 2005), observa-se os mesmos resultados, indicando menores valores para M3 e M4 em ambos os instrumentos. Portanto, considera-se que estes modelos, trifatorial e trifatorial reduzido, foram os que melhor se acordaram aos dados.

O modelo trifatorial reduzido, como o esperado, apresentou melhores índices de ajuste que o modelo original nas três escalas. Entretanto, os índices de adequação dos respectivos modelos foram muito próximos, não havendo aumento considerável das estimativas de confiabilidade do modelo M4 quando comparado ao M3, sendo estes considerados equivalentes (McDonald & Ho, 2002). Isto posto, tendo em vista que os instrumentos testados se apoiam em uma teoria consistente, bem como em investigações empíricas prévias, optou-se pelo modelo original, considerando seu significado conceitual e adequação suficiente aos dados.

As análises de correlação revelaram que para o *coping* através da leitura de livros e através de assistir filmes e séries, o estilo focado na emoção foi o mais utilizado, sendo esta estratégia de *coping* mais empregada pelas mulheres, enquanto o *coping* evitação foi o menos usado, corroborando com os achados de Miranda e Claes (2009) e Pimentel et al. (2012). No entanto, no *coping* através do uso da internet as estatísticas exibiram resultados diferentes, pois, apesar do *coping* focado na emoção manter-se como o mais utilizado, os participantes do sexo masculino pontuaram mais alto nos três fatores e a estratégia menos usada foi a focada no problema, contrariando os estudos prévios os quais indagam que as mulheres pontuam mais alto em todos os fatores e que as mulheres pontuam mais, impreterivelmente, no *coping* focado na emoção (Miranda & Claes, 2009). Por outro lado, averiguou-se que o *coping* focado na emoção correlacionou-se melhor com o *coping* evitação. Sugere-se, com base na teoria multidimensional do construto, que tal correlação deve-se ao *coping* do tipo evitação ser caracterizado conceitualmente como um tipo de estratégia focada na emoção, entretanto, perspectivas atuais o consideram enquanto um fator distinto, embora relacionado (Lazarus e Folkman, 1984; Antoniazzi et al., 1998; Pimentel et al., 2012).

2.3. ESTUDO 3 – CORRELATOS

O objetivo do terceiro estudo é verificar a possível correlação entre as estratégias de *coping* através do uso de mídias com os cinco fatores da personalidade, satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos. Assim como, averiguar se este tipo de *coping* prediz o BES, controlando-se os traços da personalidade.

2.3.1. Participantes

Trata-se de uma amostra não-probabilística ou por conveniência, definida de acordo com o indicado pela literatura psicométrica (Pasquali, 2010). Utilizou-se enquanto critérios de inclusão ser estudante do ensino médio ou do ensino superior, de Instituições públicas e privadas do Estado da Paraíba, Brasil. A amostra foi composta por 444 participantes, em sua maioria do sexo feminino (66,4%; F=295), com idades entre 13 e 36 anos (M=18,77; DP=3,86), solteiros (92,1%; F=409), estudantes universitários (50,5%; F=224), majoritariamente da cidade de João Pessoa (71,8%; F=319) e que percebem-se de classe média (79,5%; F=353). Os demais dados sociodemográficos podem ser visualizados nas Tabelas 10 e 11, abaixo.

Tabela 10

Dados sociodemográficos referente ao uso das mídias (música, livros, filmes/séries e internet).

Itens	Sim (%)	DP	F
Usa dispositivos móveis para ouvir músicas?	96,8 %	0,18	430
Usa dispositivos móveis para ler livros?	52 %	0,50	231
Usa dispositivos móveis para assistir filmes e/ou séries?	89,4 %	0,31	397
Acha que ouvir músicas influencia no comportamento?	76,1 %	0,43	338
Acha que ler livros influencia no comportamento?	81,1 %	0,39	360
Acha que assistir filmes e séries influencia no comportamento?	74,8 %	0,44	332
Acha que usar a internet influencia no comportamento?	85,4 %	0,35	379

Notas: %= porcentagem; DP= desvio padrão; F= frequência.

Tabela 11

Preferência dos participantes referente as mídias (música, livros e filmes/séries).

Mídias	Gênero Preferido	%	F
Música	MPB	16,9 %	75
	Pop	16,4%	73
	Eletrônica	11,3%	50
	Sertanejo	10,8%	48
	Rock	7,2%	32
Livros	Romance	29,7 %	132
	Ficção Científica	7,9%	35
	Ação	5,6%	25
	Suspense	5%	22
	Fantasia	3,2%	14
	Drama	2,5%	11
	Ação	24,5 %	109
Filmes e/ou séries	Romance	17,7%	77
	Comédia	13,7%	61
	Drama	13,3%	59
	Suspense	7,4%	33

Notas: %= porcentagem; F= frequência. F=115 (26,1%) relataram não possuir o hábito de ler livros.

2.3.2. Instrumentos

Além das escalas de *Coping* através da Leitura de Livros, *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, *Coping* através do Uso da Internet e o questionário sociodemográfico, usados nos Estudos 1 e 2, também foram utilizados os instrumentos a seguir.

Escala de *Coping* através de Ouvir Música – ECOM (Pimentel et al., 2012). Versão validada da *Coping by Music Listening Scale* (Miranda & Claes, 2009). Possui dez itens que avaliam o *coping* através de ouvir música, em uma escala de frequência de cinco pontos, que varia de nunca à sempre. Os itens são distribuídos em três fatores de *coping*: *coping* focado na emoção ($\alpha=0,84$), focado no problema ($\alpha=0,50$) e de evitação/desligamento ($\alpha=0,55$).

Inventário de Dez Itens da Personalidade – TIPI. Trata-se de uma tradução em português brasileiro da *Tem-Item Personality Inventory* (Gosling, Rentfrow, & Swann, 2003), disponível no site do autor (<https://gosling.psy.utexas.edu/scales-weve-developed/ten-item-personality-measure-tipi>). Esta é uma medida de avaliação da personalidade baseada no modelo dos cinco grandes fatores. Possui dez itens, em uma escala de sete pontos, que varia entre discordo fortemente e concordo fortemente. Os itens são respondidos a partir da frase estímulo “eu me vejo como alguém...” e distribuem-se em dois para cada fator, que representam os cinco traços da estrutura da personalidade: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência (Gosling et al., 2003).

Escala de Satisfação com a Vida – ESV (Albuquerque, Rodrigues, Gouveia, Martins & Neves, 2007). Versão validada para o contexto paraibano da *Satisfaction With Life Scale*,

desenvolvida por Diener et al. (1985). Esta escala avalia o componente cognitivo do bem-estar subjetivo, dimensionando o quanto as pessoas estão satisfeitas com suas vidas, possuindo estrutura unifatorial. É composta por cinco itens, em uma escala de sete pontos, que variam de discordo fortemente à concordo fortemente.

Escala de Afetos – EA. Elaborada e validada por Zanon et al. (2013), é composta de 20 itens, divididos igualmente em dois fatores que representam as dimensões de afetos positivos e afetos negativos. Cada item é avaliado por uma escala Likert de cinco pontos, em que quanto mais próximo de cinco, melhor o item descreve o respondente e, quanto mais próximo de um, menos o item descreve o participante.

2.3.3. Procedimentos

Foram seguidos os mesmos procedimentos dos Estudos 1 e 2.

2.3.4. Análise dos Dados

Será utilizada a versão 21 do Pacote Estatístico SPSS para Windows (*Statistical Package for the Social Sciences*) na tabulação dos dados e análises descritivas (média, desvio-padrão e percentuais). Também serão realizadas análises de correlação r de Pearson e análises de regressão múltipla hierárquica a fim de verificar relações preditivas entre as estratégias de *coping* através do uso de mídias e o bem-estar subjetivo, controlando-se os fatores da personalidade.

2.3.5. Resultados

2.3.5.1. *Coping* através de Ouvir Música, Personalidade e BES

Inicialmente, optou-se por realizar análises descritivas objetivando obter as estimativas de média e desvio padrão das dimensões do *coping* através de ouvir música, dos fatores da personalidade, da satisfação com a vida, dos afetos positivos e dos afetos negativos. Assim, foi possível verificar em que medida os participantes estão situados dentro da escala de respostas.

Os dados descritivos revelaram que no *coping* focado na emoção ($M=3,77$; $DP=0,10$), *coping* focado no problema ($M=3,38$; $DP=0,98$) e *coping* de evitação/desligamento ($M=3,17$; $DP=1,06$) as médias situam-se entre às vezes e frequentemente, sendo esta a frequência em que escutar músicas é utilizada enquanto estratégia de enfrentamento. Por outro lado, para os fatores da personalidade extroversão ($M=4,73$; $DP=1,02$), agradabilidade ($M=4,70$; $DP=1,13$),

conscienciosidade ($M=4,68$; $DP=1,13$), neuroticismo ($M=4,58$; $DP=1,10$) e abertura à experiência ($M=4,32$; $DP=1,06$) as médias verificadas foram altas e demonstraram concordância para estes traços da personalidade na amostra estudada.

As estimativas de satisfação com a vida ($M=4,65$; $DP=1,32$) também apresentaram aquiescência para uma boa avaliação global do bem-estar. Enquanto as médias de afetos positivos ($M=3,56$; $DP=0,75$) e afetos negativo ($M=3,05$; $DP=0,80$) demonstraram que os mesmos descrevem esta população, variando entre às vezes e frequentemente, com índice sutilmente mais favorável aos afetos positivos.

Posteriormente, utilizou-se a correlação r de Pearson para verificar o relacionamento entre as variáveis mencionadas. Foi possível constatar que o fator *coping* focado na emoção relacionou-se positivamente com os fatores da personalidade de agradabilidade ($r=0,13$) e conscienciosidade ($r=0,12$), bem como com a satisfação com a vida ($r=0,19$) e afetos positivos ($r=0,20$). O *coping* focado no problema apresentou correlações com a abertura à experiência ($r=0,12$) e afetos positivos ($r=0,25$). Enquanto o *coping* evitação relacionou-se positivamente com o neuroticismo ($r=0,10$) e com os afetos negativos ($r=0,24$).

No que diz respeito aos fatores da personalidade e as dimensões do BES, a extroversão correlacionou-se positivamente com a satisfação com a vida ($r=0,12$) e com os afetos positivos ($r=0,10$), e negativamente com os afetos negativos ($r=-0,10$). Foram observadas correlações da agradabilidade com os afetos positivos ($r=0,22$) e afetos negativos ($r=0,28$), do neuroticismo com os afetos negativos ($r=0,13$) e da abertura à experiência com os afetos negativos ($r=0,13$), não havendo correlações do fator conscienciosidade com os demais. Para melhor visualização das correlações, ver Tabela 12.

Tabela 12

Correlações dos fatores do coping através de ouvir música com a personalidade e o bem-estar subjetivo.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Coping Emoção										
2. Coping Problema	0,39**									
3. Coping Evitação	0,37**	0,29**								
4. Extroversão	0,07	0,02	0,01							
5. Agradabilidade	0,13**	-0,03	0,12	0,05						
6. Conscienciosidade	0,12**	0,08	0,06	0,12*	0,22**					
7. Neuroticismo	0,09	0,06	0,10*	0,23**	0,11*	0,20**				
8. Abertura à experiência	0,09	0,12*	0,09	0,05	0,19**	0,20**	0,16**			
9. Satisfação com a vida	0,19**	0,09	-0,04	0,12*	0,08	0,06	0,12*	0,05		
10. Afetos Positivos	0,20**	0,25**	0,02	0,10*	0,22**	0,06	0,12*	0,09	0,48**	
11. Afetos Negativos	0,07	0,05	0,24**	-0,10*	0,28**	0,01	0,13**	0,13**	-0,32**	-0,13**

Notas: **. A correlação é significativa no nível 0,01; *. A correlação é significativa no nível 0,05.

Em seguida, com o intuito de identificar possível predição das dimensões das estratégias de *coping* através de ouvir música com o BES, controlando-se os traços de personalidade, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica. Optou-se em fazer esta análise com os fatores que apresentaram correlações anteriormente.

Como é possível visualizar na Tabela 13, na primeira análise de regressão realizada, o *coping* focado na emoção (M1) predisse a satisfação com a vida ($\beta=0,18$; $p<0,001$), sendo 3% explicativo. Enquanto o M2 apresentou incremento significativo na porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação do *coping* focado na emoção com os afetos positivos ($\beta=0,17$; $p<0,001$), indicando que indivíduos com fortes traços de agradabilidade tendem a recorrer as estratégias focadas na emoção, predizendo maiores pontuações nos afetos positivos. A segunda e a terceira análises sugeriram o *coping* focado no problema como preditor dos afetos positivos ($\beta=0,26$; $p<0,001$) e o *coping* evitação como preditor dos afetos negativos ($\beta=0,26$; $p<0,001$).

Tabela 13

Análise de regressão múltipla da Escala de *Coping* através de Ouvir Música.

VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	T
M1. <i>Coping</i> emoção	0,20	0,04	0,26	0,000	0,18	3,79
M2. Agradabilidade	0,28	0,08	0,13	0,000	0,19	4,11
<i>Coping</i> emoção			0,14	0,000	0,17	3,73
Nota: Modelo 1 - VD. Satisfação com a vida; Modelo 2 - VD. Afetos positivos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	T
<i>Coping</i> problema	0,26	0,07	0,19	0,000	0,25	5,29
Nota: VD. Afetos positivos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	T
<i>Coping</i> evitação	0,26	0,07	0,17	0,000	0,22	4,84
Nota: VD. Afetos negativos.						

2.3.5.2. *Coping* através da Leitura de Livros, Personalidade e BES

A priori, optou-se por realizar análises descritivas objetivando obter as estimativas de média e desvio padrão dos fatores do *coping* através da leitura de livros, dos fatores da personalidade, da satisfação com a vida, dos afetos positivos e dos afetos negativos. Assim, foi possível verificar em que medida os participantes estão situados dentro da escala de respostas.

Os dados descritivos revelaram que no *coping* focado na emoção ($M=2,87$; $DP=1,25$), *coping* focado no problema ($M=2,73$; $DP=1,14$) e *coping* de evitação/desligamento ($M=2,55$; $DP=1,27$) as médias situam-se entre raramente e às vezes, sendo esta a frequência em que o hábito de ler livros é tido enquanto uma estratégia de enfrentamento.

Assim como na escala anterior, visto que trata-se da mesma amostra, os fatores da personalidade extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência apresentaram médias altas, demonstrando concordância para estes traços da personalidade. Igualmente, as estimativas de satisfação com a vida também exibiram aquiescência para uma boa avaliação global do bem-estar, enquanto as médias de afetos positivos e afetos negativos demonstraram que os mesmos descrevem a população estudada, variando entre às vezes e frequentemente, com índice sutilmente mais favorável aos afetos positivos.

Posteriormente, realizou-se a correlação r de Pearson para verificar o relacionamento entre as variáveis mencionadas. Foi possível constatar que os fatores *coping* focado na emoção e *coping* focado no problema relacionaram-se positivamente com os afetos positivos, apresentando $r=0,11$ e $r=0,16$, respectivamente. Enquanto o *coping* evitação se correlacionou positivamente com os afetos negativos ($r=0,13$). Ademais, verificou-se que não se obteve correlação entre os fatores do *coping* através da leitura de livros com as características da personalidade e da satisfação com a vida.

No que diz respeito aos fatores da personalidade e as dimensões do BES, estes exibiram as mesmas correlações relatadas anteriormente. A extroversão se relacionou positivamente com a satisfação com a vida e com os afetos positivos, e negativamente com os afetos negativos. Foram observadas correlações da agradabilidade com os afetos positivos e negativos, do neuroticismo e da abertura à experiência com os afetos negativos, não sendo observadas correlações do fator conscienciosidade com os demais. Para melhor visualização das correlações, ver Tabela 14.

Tabela 14

Correlações dos fatores do *coping* através da leitura de livros com a personalidade e o bem-estar subjetivo.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Coping Emoção										
2. Coping Problema	0,69**									
3. Coping Evitação	0,72**	0,54**								
4. Extroversão	0,00	-0,02	-0,01							
5. Agradabilidade	0,05	-0,01	0,04	0,05						
6. Conscienciosidade	0,03	0,00	0,02	0,12*	0,22**					
7. Neuroticismo	-0,04	0,01	0,13	0,23**	0,11*	0,20**				
8. Abertura à experiência	-0,01	-0,07	0,01	0,05	0,19**	0,20**	0,16**			
9. Satisfação com a vida	0,03	0,01	-0,02	0,12*	0,08	0,06	0,12*	0,05		
10. Afetos Positivos	0,11**	0,16**	0,07	0,10*	0,22**	0,06	0,12*	0,09	0,48**	
11. Afetos Negativos	0,05	0,03	0,13**	-0,10*	0,28**	0,01	0,13**	0,13**	-0,32**	-0,13**

Notas: **. A correlação é significativa no nível 0,01; *. A correlação é significativa no nível 0,05.

A fim de verificar a predição dos fatores do *coping* através da leitura de livros com o BES, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica, controlando-se a personalidade. Optou-se em fazer esta análise com os fatores que apresentaram correlações anteriormente, sendo possível observar as estimativas resultantes da regressão na Tabela 15, a seguir.

Tabela 15

Análise de regressão múltipla da Escala de *Coping* através da Leitura de Livros.

VI	R	R ²	B	Sig(f)	B	T
Agradabilidade	0,27	0,07	0,13	0,000	0,19	4,05
<i>Coping</i> emoção			0,06	0,025	0,10	2,24
Nota: VD. Afetos positivos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	B	T
Agradabilidade	0,29	0,09	0,13	0,000	0,20	4,20
<i>Coping</i> problema			0,10	0,000	0,16	3,57
Nota: VD. Afetos positivos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	B	T
Extroversão	0,37	0,14	-0,11	0,002	-0,14	-3,10
Neuroticismo			0,10	0,004	0,14	2,92
<i>Coping</i> evitação			0,08	0,013	0,11	2,49

Nota: VD. Afetos negativos.

Observa-se que a primeira análise indicou incremento significativo na porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação entre o *coping* focado na emoção e os afetos positivos ($\beta=0,19$; $p<0,05$). De forma semelhante, o segundo modelo de análise verificou incremento significativo porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação do *coping* focado no problema com os afetos positivos ($\beta=0,16$; $p<0,001$), sugerindo que indivíduos com fortes traços de agradabilidade tendem a recorrer as estratégias focadas na emoção e no problema, predizendo maiores pontuações nos afetos positivos. O último modelo analisado sugeriu incremento significativo na porcentagem da variância com a entrada da variável neuroticismo ($\beta=0,14$; $p<0,005$) e decréscimo na porcentagem da variância com a entrada da variável extroversão na relação com os afetos negativos ($\beta=-0,14$; $p<0,005$). Esses resultados apontam que sujeitos com altos níveis de neuroticismo buscam estratégias de evitação, acarretando em afetos negativos.

2.3.5.3. *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, Personalidade e BES

Num primeiro momento, elegeu-se por realizar análises descritivas objetivando obter as estimativas de média e desvio padrão dos fatores do *coping* através de assistir filmes e séries, dos fatores da personalidade, da satisfação com a vida, dos afetos positivos e dos afetos

negativos. Assim, foi possível verificar em que medida os participantes estão situados dentro da escala de respostas.

Os dados descritivos revelaram que no *coping* focado na emoção ($M=3,70$; $DP=1,04$), *coping* focado no problema ($M=2,66$; $DP=1,10$) e *coping* de evitação/desligamento ($M=3,52$; $DP=1,23$) as médias situam-se entre às vezes e frequentemente, sendo esta a frequência em que assistir a filmes e séries é tido enquanto uma estratégia de enfrentamento.

Assim como nas escalas anteriores, visto que trata-se da mesma amostra, os fatores da personalidade extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência apresentaram médias altas, demonstrando concordância para estes traços da personalidade. Igualmente, as estimativas de satisfação com a vida também exibiram aquiescência para uma boa avaliação global do bem-estar, enquanto as médias de afetos positivos e afetos negativos demonstraram que os mesmos descrevem a população estudada, variando entre às vezes e frequentemente, com índice sutilmente mais favorável aos afetos positivos.

Posteriormente, realizou-se a correlação r de Pearson para verificar o relacionamento entre as variáveis mencionadas. Foi possível constatar que o fator *coping* focado na emoção relacionou-se com a agradabilidade ($r=0,11$), abertura à experiência ($r=0,12$), afetos positivos ($r=0,13$) e negativos ($r=0,22$). O *coping* focado no problema apresentou correlações com abertura à experiência ($r=0,12$), afetos positivos ($r=0,13$) e afetos negativos ($r=0,16$). Enquanto o *coping* evitação exibiu correlação mais forte com os afetos negativos ($r=0,20$).

No que diz respeito aos fatores da personalidade e as dimensões do BES, estes exibiram as mesmas correlações relatadas anteriormente. A extroversão se relacionou positivamente com a satisfação com a vida e com os afetos positivos, e negativamente com os afetos negativos. Foram observadas correlações da agradabilidade com os afetos positivos e negativos, do neuroticismo e da abertura à experiência com os afetos negativos, não sendo observadas correlações do fator conscienciosidade com os demais. Para melhor visualização das correlações, ver Tabela 16.

Tabela 16

Correlações dos fatores do *coping* através de assistir filmes e séries com a personalidade e o bem-estar subjetivo.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Coping Emoção										
2. Coping Problema	0,45**									
3. Coping Evitação	0,74**	0,49**								
4. Extroversão	-0,04	0,01	0,00							
5. Agradabilidade	0,12*	0,00	0,10**	0,05						
6. Conscienciosidade	0,09	-0,02	0,05	0,12*	0,22**					
7. Neuroticismo	0,05	0,07	0,07	0,23**	0,11*	0,20**				
8. Abertura à experiência	0,12*	0,12**	0,16**	0,05	0,19**	0,20**	0,16**			
9. Satisfação com a vida	0,00	-0,01	0,02	0,12*	0,08	0,06	0,12*	0,05		
10. Afetos Positivos	0,13**	0,13**	0,10**	0,10*	0,22**	0,06	0,12*	0,09	0,48**	
11. Afetos Negativos	0,22**	0,16**	0,20**	-0,10*	0,28**	0,01	0,13**	0,13**	-0,32**	-0,13**

Notas: **. A correlação é significativa no nível 0,01; *. A correlação é significativa no nível 0,05.

Com o objetivo de identificar a predição das estratégias de *coping* através de assistir filmes e séries com o BES, controlando-se os fatores da personalidade, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica. Optou-se em fazer esta análise com os fatores que apresentaram correlações anteriormente, sendo possível observar as estimativas resultantes das regressões na Tabela 17, abaixo.

Tabela 17

Análise de regressão múltipla da Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries.

VI	R	R²	B	Sig(f)	β	T
Agradabilidade	0,34	0,12	0,18	0,000	0,25	5,47
<i>Coping</i> emoção			0,14	0,000	0,18	3,97
Nota: VD. Afetos Negativos;						
VI	R	R²	B	Sig(f)	β	T
M2. <i>Coping</i> problema	0,20	0,04	0,11	0,001	0,15	3,21
Nota: VD. Afetos negativos.						
VI	R	R²	B	Sig(f)	β	T
<i>Coping</i> evitação	0,23	0,05	0,12	0,000	0,19	3,97
Nota: VD. Afetos negativos.						

Na análise do primeiro modelo de predição é possível visualizar incremento significativo porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação do *coping* focado na emoção com os afetos positivos ($\beta=0,25$; $p<0,001$), sugerindo que indivíduos com fortes traços de agradabilidade tendem a recorrer as estratégias focadas na emoção, predizendo maiores pontuações nos afetos positivos. O segundo bloco verificou que o *coping* focado no problema prediz os afetos negativos ($\beta=0,15$; $p<0,005$), sendo este 4% explicativo. Já a terceira análise de regressão revelou o *coping* evitação ($\beta=0,19$; $p<0,001$) como 5% explicativo dos afetos negativos, constituindo-se como preditor.

2.3.5.4. *Coping* através do Uso da Internet, Personalidade e BES

Realizou-se, inicialmente, análises descritivas objetivando obter as estimativas de média e desvio padrão dos fatores do *coping* através do uso da internet, dos fatores da personalidade, da satisfação com a vida, dos afetos positivos e dos afetos negativos. Assim, foi possível verificar em que medida os participantes estão situados dentro da escala de respostas.

Os dados descritivos revelaram que no *coping* focado na emoção ($M=3,47$; $DP=1,03$), *coping* focado no problema ($M=3,18$; $DP=1,12$) e *coping* de evitação/desligamento ($M=3,35$;

DP=1,24) as médias situam-se entre às vezes e frequentemente, sendo esta a frequência em que o uso da internet é tido enquanto uma estratégia de enfrentamento.

Assim como nas medidas anteriores, visto que trata-se da mesma amostra, os fatores da personalidade extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência apresentaram médias altas, demonstrando concordância para estes traços da personalidade. Igualmente, as estimativas de satisfação com a vida também exibiram aquiescência para uma boa avaliação global do bem-estar, enquanto as médias de afetos positivos e afetos negativos demonstraram que os mesmos descrevem a população estudada, variando entre às vezes e frequentemente, com índice sutilmente mais favorável aos afetos positivos.

Posteriormente, realizou-se a correlação r de Pearson para verificar o relacionamento entre as variáveis mencionadas. Foi possível constatar que o fator *coping* focado na emoção relacionou-se com a conscienciosidade ($r=0,13$), afetos positivos ($r=0,15$) e afetos negativos ($r=0,13$). O *coping* focado no problema apresentou correlações com os afetos positivos ($r=0,12$), enquanto o *coping* evitação exibiu correlação com a conscienciosidade ($r=0,10$) e com os afetos negativos ($r=0,19$).

No que diz respeito aos fatores da personalidade e as dimensões do BES, estes exibiram as mesmas correlações relatadas anteriormente. A extroversão se relacionou positivamente com a satisfação com a vida e com os afetos positivos, e negativamente com os afetos negativos. Foram observadas correlações da agradabilidade com os afetos positivos e negativos, do neuroticismo e da abertura à experiência com os afetos negativos, não sendo observadas correlações do fator conscienciosidade com os demais. Para melhor visualização das correlações, ver Tabela 18.

Tabela 18

Correlações dos fatores do *coping* através do uso da internet com a personalidade e o bem-estar subjetivo.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Coping Emoção										
2. Coping Problema	0,56**									
3. Coping Evitação	0,62**	0,40**								
4. Extroversão	0,07	0,04	0,01							
5. Agradabilidade	0,04	-0,01	0,06	0,05						
6. Conscienciosidade	0,13**	0,07	0,10*	0,12*	0,22**					
7. Neuroticismo	0,07	0,08	0,07	0,23**	0,11*	0,20**				
8. Abertura à experiência	0,03	0,02	0,08	0,05	0,19**	0,20**	0,16**			
9. Satisfação com a vida	0,05	0,03	-0,03	0,12*	0,08	0,06	0,12*	0,05		
10. Afetos Positivos	0,15**	0,12*	0,04	0,10*	0,22**	0,06	0,12*	0,09	0,48**	
11. Afetos Negativos	0,13**	0,08	0,19**	-0,10*	0,28**	0,01	0,13**	0,13**	-0,32**	-0,13**

Notas: **. A correlação é significativa no nível 0,01; *. A correlação é significativa no nível 0,05.

Por fim, realizou-se análises de regressão múltipla hierárquica com o objetivo de verificar possível predição dos fatores do *coping* através do uso da internet com o BES, controlando-se os fatores da personalidade. Nesse sentido, optou-se por realizar as análises com os fatores que apresentaram correlações anteriormente.

Na primeira análise de regressão os dois modelos sugeridos indicaram que o *coping* focado na emoção prediz tanto os afetos positivos ($\beta=0,14$; $p<0,005$) quanto os afetos negativos ($\beta=0,13$; $p<0,005$). A segunda configuração analisada não apresentou estimativas significativas estatisticamente do *coping* focado no problema para a predição dos afetos positivos. Enquanto a terceira análise de regressão indicou o *coping* evitação como preditor dos afetos negativos ($\beta=0,18$; $p<0,001$), com 5% de variância explicada. As estimativas relatadas podem ser melhor observadas na Tabela 19, a seguir.

Tabela 19

Análise de regressão múltipla da Escala de *Coping* através do Uso da Internet.

VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
M1. <i>Coping</i> emoção	0,15	0,02	0,10	0,003	0,14	2,99
M2. <i>Coping</i> emoção	0,13	0,02	0,10	0,005	0,13	2,84
Nota: Modelo 1 - VD. Afetos positivos. Modelo 2 - VD. Afetos negativos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
Agradabilidade	0,27	0,08	0,14	0,000	0,20	4,25
<i>Coping</i> problema			0,08	0,013	0,12	2,50
Nota: VD. Afetos positivos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
<i>Coping</i> evitação	0,23	0,05	0,12	0,000	0,18	3,92
Nota: VD. Afetos negativos.						

2.3.5.5. *Coping* através do Uso de Mídias, Personalidade e BES

Neste tópico, inicialmente, foram realizadas análises descritivas objetivando aferir as estimativas de média e desvio padrão das escalas validadas para que, assim, seja possível identificar qual delas apresentou maiores médias, inferindo-se o tipo de mídia mais utilizada como estratégia de enfrentamento.

A Escala de *Coping* através de Ouvir Música (M=3,54; DP=0,74), a Escala de *Coping* através da Leitura de Livros (M=2,76; DP=1,09), a Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries (M=3,35; DP=0,93) e a Escala de *Coping* através do Uso da Internet (M=3,36; DP=0,93) situaram suas médias entre raramente e frequentemente, sendo esta a

frequência em que as mesmas são utilizadas enquanto formas de enfrentamento. Além disso, tais médias também promovem a dedução de que, na amostra estudada, ouvir músicas é o comportamento de coping mais utilizado diante situações adversas, seguido pelo uso da internet, enquanto a leitura de livros é o menos usado, apresentando média consideravelmente inferior.

Posteriormente, utilizou-se a correlação r de Pearson para verificar o relacionamento entre os fatores do *coping* e as variáveis da personalidade e do bem-estar subjetivo. Foi possível constatar que o *coping* focado na emoção relacionou-se positivamente com os fatores da personalidade de agradabilidade ($r=0,13$) e conscienciosidade ($r=0,13$), bem como com os afetos positivos ($r=0,21$) e afetos negativos ($r=0,17$). O *coping* focado no problema apresentou correlação com os afetos positivos ($r=0,24$) e os afetos negativos ($r=0,12$). Enquanto o *coping* evitação exibiu relações com o neuroticismo ($r=0,10$) e os afetos negativos ($r=0,28$).

No que diz respeito aos fatores da personalidade e as dimensões do BES, estes exibiram as mesmas correlações relatadas anteriormente, visto que trata-se da mesma amostra. A extroversão se relacionou positivamente com a satisfação com a vida e com os afetos positivos, e negativamente com os afetos negativos. Foram observadas correlações da agradabilidade com os afetos positivos e negativos, do neuroticismo e da abertura à experiência com os afetos negativos, não sendo observadas correlações do fator conscienciosidade com os demais. Para observar melhor as correlações, ver Tabela 20.

Tabela 20

Correlações dos fatores do *coping* através do uso de médias com a personalidade e o bem-estar subjetivo.

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Coping Emoção										
2. Coping Problema	0,56**									
3. Coping Evitação	0,67**	0,51**								
4. Extroversão	0,03	0,02	0,00							
5. Agradabilidade	0,13**	-0,02	0,09	0,05						
6. Conscienciosidade	0,13**	0,05	0,08	0,12**	0,22**					
7. Neuroticismo	0,06	0,08	0,10*	0,23**	0,11*	0,20**				
8. Abertura à experiência	0,08	0,06	0,12**	0,05	0,19*	0,20**	0,16**			
9. Satisfação com a vida	0,09	0,04	-0,03	0,12*	0,08	0,06	0,12*	0,05		
10. Afetos Positivos	0,21**	0,24**	0,09	0,10*	0,22**	0,06	0,12*	0,09	0,48**	
11. Afetos Negativos	0,17**	0,12**	0,28**	-0,04*	0,28**	0,01	0,13**	0,13**	-0,32**	-0,13**

Notas: **. A correlação é significativa no nível 0,01; *. A correlação é significativa no nível 0,05.

Em seguida, realizou-se análises de regressão múltipla hierárquica com a fim de verificar possível predição do *coping* através do uso de mídias com o BES, sendo controlado os traços de personalidade. Nesse sentido, optou-se por realizar as análises com os fatores que apresentaram correlações anteriormente.

Tabela 21

Análise de regressão múltipla do *coping* através do uso de mídias.

VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
M1. Agradabilidade	0,29	0,08	0,13	0,000	0,19	4,11
<i>Coping</i> emoção			0,20	0,000	0,19	4,10
M2. Agradabilidade	0,29	0,08	0,20	0,000	0,28	6,06
<i>Coping</i> emoção			0,17	0,001	0,15	3,24
Nota: Modelo 1 - VD. Afetos positivos; Modelo 2 - VD. Afetos negativos.						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
Agradabilidade	0,12	0,11	0,14	0,000	0,21	4,48
<i>Coping</i> problema			0,25	0,000	0,24	5,33
Nota: VD. Afetos positivos;						
VI	R	R ²	B	Sig(f)	β	t
<i>Coping</i> evitação	0,30	0,09	0,26	0,000	0,27	5,83
Nota: VD. Afetos negativos.						

Através dos dados expostos na Tabela 21, observa-se que a primeira análise de regressão sugeriu incremento significativo na porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação do *coping* focado na emoção e os afetos positivos ($\beta=0,19$; $p<0,001$) e negativos ($\beta=0,28$; $p<0,001$). O mesmo pode ser observado no segundo modelo de predição, havendo incremento significativo na porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade na relação do *coping* focado no problema e os afetos positivos ($\beta=0,21$; $p<0,001$). Por outro lado, a última análise de regressão verificou que o *coping* evitação prediz os afetos negativos ($\beta=0,27$; $p<0,001$), sendo 9% explicativo.

2.3.5. Discussão Parcial

Por meio das estatísticas descritivas das quatro escalas de *coping* através do uso das mídias — música, livros, filmes/séries e internet — foi possível aferir, através das estimativas de média e desvio padrão, que ouvir músicas é o comportamento de *coping* mais utilizado diante situações adversas na presente amostra, seguido pelo uso da internet, com frequência situada entre às vezes e frequentemente. Miranda e Claes (2009) alertam para a frequente utilização da música como uma maneira de regular as emoções de adolescentes e jovens em

situações estressantes, sendo usada pelos mesmos como uma forma de relaxar e animar-se, como verificado neste estudo.

Em contrapartida, a leitura de livros foi a estratégia menos usada, apresentando média consideravelmente inferior e frequência de uso centrada entre raramente e às vezes. Assim, infere-se que as mídias atuais são mais populares entre o público investigado e possuem maior implicação no manejo de situações e/ou pensamentos conflituosos, quando comparadas às mídias tradicionais, corroborando com os achados de Smith, Jones, Mitchell, Newlin e Hamby (2015) acerca das relações entre o *coping* e o acesso de filmes e seriados em plataformas virtuais.

Com respeito aos fatores do *coping* nos instrumentos citados anteriormente, o *coping* focado na emoção foi o mais empregado pela amostra como estratégia de enfrentamento através do uso das referidas mídias, esse resultado vai ao encontro dos achados de Pimentel et al. (2012) e corrobora com a preposição de que comportamentos passivos (como ler, assistir vídeos e, neste caso, utilizar as mídias) dirigem-se a mudança de estados emocionais relacionados a situações de tensão, em que o indivíduo recorre aos mesmos objetivando o alívio emocional (Costa & Leal, 2006).

Ademais, as análises de correlação entre as dimensões das estratégias de enfrentamento com as características da personalidade revelaram que o *coping* focado na emoção relacionou-se, impreterivelmente, com a agradabilidade e a conscienciosidade, sendo a última indicada em estudos anteriores como fortemente relacionada a este fator (Watson & Hubbard, 1996). No entanto, o *coping* focado no problema apresentou relacionamento com a abertura à experiência, enquanto o *coping* evitação correlacionou-se positivamente com o neuroticismo, como recomendado pela teoria subjacente (McCrae & Costa, 1986; Endler & Parker, 1990).

As correlações entre os fatores do *coping* com as variáveis do BES também foram estatisticamente significativas. O *coping* focado na emoção correlacionou-se com a satisfação com a vida e afetos positivos. Já o *coping* focado no problema arrolou-se apenas com os afetos positivos e o *coping* evitação com os afetos negativos. Estes resultados vão ao encontro das constatações preconizadas por Utsey, Ponterotto, Reynolds e Cancelli (2000) ao afirmarem que a satisfação não se correlaciona com estratégias focadas no problema e relaciona-se negativamente com estratégias de evitação.

As análises de correlação entre os fatores da personalidade e as dimensões do bem-estar subjetivo revelaram, como apontado em estudos anteriores (Garcia & Erlandsson, 2011;

Lucas & Diener, 2008), relacionamento estatisticamente significativo. Foram observadas maiores correlações da satisfação com a vida com os fatores de extroversão e neuroticismo, de acordo com postulados de Diener et al. (1999) e Huebner (1991). Além disso, os afetos positivos arrolaram-se positivamente com a extroversão e a agradabilidade, enquanto os afetos negativos demonstraram correlações positivas com o neuroticismo e negativas com a extroversão, corroborando com o aporte teórico acerca do tema (Costa e McCrae, 1980; Diener et al., 1999; Nunes et al., 2009). A partir desses resultados pode-se inferir que as características pessoais, neste caso os traços de personalidade, implicam na percepção do bem-estar subjetivo e, conseqüentemente, na avaliação da felicidade.

Tendo em vista que o método de regressão múltipla é uma prática amplamente difundida para a análise do relacionamento entre variáveis e interação entre os preditores de um construto (Abbad & Torres, 2002), utilizou-se a regressão hierárquica para verificar o efeito exercido dos fatores do *coping* no bem-estar subjetivo, controlando-se os traços da personalidade. Os padrões de relacionamento verificados determinaram que o *coping* focado na emoção prediz a satisfação com a vida, os afetos positivos e os afetos negativos. O *coping* focado no problema predisse os afetos positivos e negativos, enquanto o *coping* evitação os afetos negativos.

Nas regressões hierárquicas observou-se aumento da porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade nas relações do *coping* focado na emoção com os afetos positivos e negativos, como também do *coping* focado no problema com os afetos positivos, sugerindo que, nesta amostra, os indivíduos com fortes traços de agradabilidade tendem a recorrer às estratégias emocionais e focadas na resolução de problemas a fim de otimizarem seus afetos positivos. Observou-se também que, com a inserção do fator neuroticismo, houve incremento da porcentagem da variância na relação do *coping* evitação e afetos negativos, indicando que os participantes com estimativas altas deste traço da personalidade recorrem às estratégias de evitação, ocasionando na maior experiência de emoções negativas.

2.4. DISCUSSÃO GERAL

A partir dos resultados apresentados através dos dois primeiros estudos, constatou-se evidências de validade de construto favoráveis às medidas pretendidas. Os instrumentos apresentaram estrutura fatorial satisfatória, de acordo com a concepção multidimensional do *coping*, semelhante ao estudo base de Pimentel et al. (2012), bem como ao estudo original de Miranda e Claes (2009), como discutiremos a seguir.

Sabe-se que a análise fatorial é um dos procedimentos estatísticos mais utilizado no desenvolvimento de instrumentos psicológicos (Laros, 2004). Através da análise fatorial exploratória é possível identificar o número e a natureza dos fatores que representam o conjunto de variáveis de um instrumento, como também definir os fatores que melhor explicam sua covariância (Hair, et al., 2009). De acordo com Brown (2006), a análise exploratória é utilizada em dois casos. No primeiro, ela é conduzida quando o pesquisador não possui uma teoria prévia ou evidências empíricas que ditem como os itens se agrupam. Enquanto no segundo, usa-se esse tipo de análise de modo a confirmar ou refutar uma estrutura fatorial, como é o caso do primeiro estudo desta dissertação.

A adequabilidade da base de dados foi avaliada por meio do critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Pasquali, 1999). Os índices de KMO verificados apresentaram valores excelentes, estando acima de 0,80. Assim como o teste de esfericidade de Bartlett estimou nível de significância $p < 0,05$, indicando rejeição da hipótese da matriz de correlações da amostra ser a matriz identidade e determinando, portanto, correlações entre as variáveis (Hair et al., 2009; Tabachnick & Fidell, 2007). Estes dados corroboram com a literatura psicométrica, que enfatiza a uniformidade entre os resultados dos métodos citados no que diz respeito a possibilidade ou não de fatorabilidade de uma matriz de dados, indicando que as matrizes apresentadas são passíveis de fatoraçoão (Damásio, 2012).

A análise da matriz de correlações entre os itens das três escalas revelou correlações positivas e significativas ($p < 0,001$). Os padrões de correlações exibidos entre as variáveis apresentaram matrizes de correlação com a grande maioria dos coeficientes acima de 0,30, como indica a bibliografia especializada (Hair et al., 2009). Dessa maneira, por meio da confirmação da relação entre itens, seguiu-se a procura de componentes principais através da análise fatorial.

Na análise dos componentes principais utilizou-se o método de rotação oblíqua *oblimin* direto, tal escolha baseou-se no fato deste ser o método indicado pelos autores do

instrumento original, uma vez que os mesmos partem do pressuposto de que os fatores do construto estudado estão correlacionados, havendo, assim, interdependência entre seus componentes (Pereira, 1999). A posteriori, tendo em vista que os instrumentos supracitados partem de um modelo teórico previamente testado, decidiu-se pela retenção dos fatores em uma estrutura trifatorial (Fabrigar et al., 1999). De tal modo, observou-se que as escalas adequaram-se a retenção em três fatores, assim como indica o aporte teórico (Lazarus & Folkman, 1984; Antoniazzi et al., 1998; Carver & Connor-Smith, 2010), apresentando as variáveis latentes: *coping* focado na emoção (Fator 1), *coping* focado no problema (Fator 2) e *coping* evitação/desligamento (Fator 3).

Os três fatores extraídos na PAF revelaram-se válidos, em decorrência das boas cargas fatoriais de seus respectivos itens. As cargas encontradas variaram entre 0,57 e 0,84, em que valores entre 0,30 e 0,40 são aceitáveis em estudos exploratórios e valores acima de 0,50 são considerados imprescindíveis para a significância prática (Hair et al., 2009). Apesar desta retenção ter sido bem sucedida, os fatores 3 de ambos os instrumentos exibiram valores próprios limítrofes, sutilmente inferiores a 1, no entanto, a estrutura fatorial não foi comprometida, de modo a contradizer tal determinação. Este fato pode estar atrelado as constatações de Tabachnick e Fidell (2007), que advertem que regra do *eigenvalue* funciona melhor em instrumentos de 20 a 50 variáveis.

Por meio do critério de Cattell, apesar de indicar a retenção dos três fatores, foram identificadas representações gráficas dúbias, sugerindo também estruturas bifatoriais e, até mesmo, unifatoriais. Tal ocorrido pode ser atribuído ao fato do *scree plot* ser uma representação, muitas vezes, abstrusa em casos de construtos mais complexos, tornando a escolha dos fatores subjetiva e imprecisa (Fabrigar et al., 1999). Portanto, optou-se em não reter os fatores obedecendo veementemente a este critério estatístico, considerando que a retenção em três dimensões é teoricamente mais satisfatória.

O percentual de variância exibidos, além de enquadrar-se nos padrões exigidos, estando todas acima de 60% (Hair et al., 2009), foram superiores aos encontrados nas investigações anteriores sobre o *coping* através de ouvir música (Miranda & Claes, 2009; Pimentel et al., 2012). Todavia, tendo em vista que, nas pesquisas em Psicologia, dificilmente um comportamento será compreendido em sua totalidade, deve-se ter uma visão crítica acerca das variâncias enquanto um indicador de acurácia de algum construto (O'Grady, 1982).

As escalas apresentaram estrutura fatorial confiável, com bons índices de consistência interna, todas com alfa de Cronbach acima de 0,80 (Pasquali, 2003). Comumente, assumem-se valores de 0,70 como adequados, entretanto, quando se trata de construtos psicológicos, espera-se valores inferiores, tendo em vista a complexidade dos conceitos que se pretende medir (Hair et al., 2009). No Brasil, são aceitos coeficientes iguais a 0,60, sendo estes considerados suficientes para fins de pesquisa (CFP, 2003). No que diz respeito a estimativa de confiabilidade λ -2 de Guttman, Tellegen e Laros (2004) sugerem seu uso em medidas breves compostas por poucos itens. Os valores exibidos foram satisfatórios, uma vez que λ -2 $\geq$ 0,70 é bem estimado em estudos em grupo (Callender & Osburn, 1979; Osburn, 2000), estando os λ s aqui apresentados acima de 0,89, concebendo variações devido ao erro baixas (menos de 11%) e com coeficientes iguais ou superiores aos alfas encontrados.

Os índices de confiabilidade aqui obtidos foram substancialmente superiores aos verificados no estudo prévio no qual se basearam as medidas. Todavia, ambos apresentaram maior alfa de Cronbach no *coping* focado na emoção. Em contrapartida, no estudo de Pimentel et al. (2012) o menor índice de precisão foi do fator de *coping* focado na evitação, enquanto na presente investigação os menores alfas verificados encontram-se no fator *coping* focado no problema. Assim, podemos considerar que o valor das correlações e o número de itens de um fator influenciam nos valores de seus respectivos alfas, em que fatores com menor número de itens apresentam alfas inferiores e matrizes com maiores correlações interitem verificam confiabilidade superior (Cortina, 1993; Damásio, 2012)

As validades das estruturas trifatoriais das escalas propostas foram confirmadas por meio da análise fatorial confirmatória, ratificando a literatura especializada (Antoniazzi et al., 1998; Lazarus & Folkman, 1984; Pimentel et al., 2012). Assim como recomendado, testou-se o modelo original e outros três modelos alternativos, revelando os modelos trifatorial e trifatorial reduzido como os melhores ajustados aos dados. Como já esperado, o modelo trifatorial reduzido foi o que melhor se adequou aos dados nos três instrumentos. Entretanto, os índices de adequação deste modelo com o trifatorial original foram muito próximos, não havendo aumento considerável das estimativas de confiabilidade quando comparados, podendo ser considerados equivalentes (McDonald & Ho, 2002). Portanto, tendo em vista a adequação satisfatória aos dados e considerando que o significado teórico apresentado pelos fatores é determinante na escolha da melhor solução fatorial em que, além dos critérios estatísticos, faz-se relevante ponderar as razões teóricas pertinentes à extração de fatores

(Laros, 2004; Figueiredo Filho & Silva Júnior, 2010), optou-se pelo modelo trifatorial original com dez itens.

As análises de correlação revelaram que para o *coping* através da leitura de livros e através de assistir filmes e séries, o estilo focado na emoção foi o mais empregado, principalmente pelas mulheres, tendo em vista que o sexo feminino tende a optar por estratégias centradas na regulação emocional (Guerreiro, Cruz, Figueira & Sampaio, 2014). Enquanto o *coping* evitação foi o menos usado, corroborando com os achados de Miranda e Claes (2009) e Pimentel et al. (2012). No entanto, no *coping* através do uso da internet as estatísticas exibiram resultados dessemelhantes, pois, apesar do *coping* focado na emoção manter-se como o mais utilizado, os participantes do sexo masculino pontuaram mais alto nos três fatores e a estratégia menos usada foi a focada no problema, contrariando os estudos prévios os quais indagam que as mulheres pontuam mais alto em todos os fatores (Miranda & Claes, 2009).

Por outro lado, averiguou-se que o *coping* focado na emoção correlacionou-se melhor com o *coping* evitação. Sugere-se, com base na teoria multidimensional do construto, que tal correlação deve-se ao *coping* evitação ser caracterizado conceitualmente como um tipo de estratégia focada na emoção. A testagem dos modelos realizada no Estudo 2 demonstrou que o modelo bifatorial (F1: *coping* focado na emoção + F2: *coping* evitação) não apresentou melhor ajuste quando comparado ao modelo trifatorial, para as três escalas, corroborando com os indicativos das perspectivas atuais que, embora considerem o *coping* evitação relacionado ao *coping* focado na emoção, o classificam enquanto um fator distinto (Lazarus e Folkman, 1984; Antoniazzi et al., 1998; Pimentel et al., 2012).

O Estudo 3 revelou que ouvir músicas é o comportamento de *coping* mais utilizado pela amostra em questão, conforme já alertado por Miranda e Claes (2009). Enquanto a leitura de livros apresentou média consideravelmente inferior, sendo esta a estratégia menos usada, uma vez que mídias atuais são mais populares entre o público investigado e possuem, portanto, maior implicação no manejo de acontecimentos estressantes (Smith et al., 2015). Esses dados puderam ser confirmados nas análises de regressão realizadas, em que o *coping* através de ouvir música predisse os afetos positivos, sendo, portanto, determinante nos índices de bem-estar. Enquanto o *coping* através de ler livros não predisse as dimensões do bem-estar subjetivo.

O fator *coping* focado na emoção foi o mais empregado, principalmente pelas mulheres, apresentando correlações com a agradabilidade, conscienciosidade, satisfação com a vida e afetos positivos. O *coping* focado no problema exibiu relacionamento positivo com a abertura à experiência e com os afetos positivos, no entanto o *coping* evitação correlacionou-se com o neuroticismo e os afetos negativos, sendo a estratégia menos utilizada. Tais resultados são consonantes ao aporte teórico adotado e investigações empíricas relacionadas que indicam o relacionamento entre as dimensões focadas na emoção e no problema com as características positivas da personalidade e o BES, enquanto o estilo evitação com traços negativos da personalidade e afetos negativos (McCrae & Costa, 1986; Endler & Parker, 1990; Watson & Hubbard, 1996).

Também foi verificada a presença de relações significativas entre os traços de personalidade e as dimensões do bem-estar subjetivo. Os fatores da extroversão e da agradabilidade correlacionaram-se com a satisfação com a vida e os afetos positivos, bem como o neuroticismo exibiu relação com os afetos negativos, como previsto em estudos anteriores (Garcia & Erlandsson, 2011; Lucas & Diener, 2008).

O método de regressão múltipla hierárquica foi utilizado para verificar o relacionamento entre as variáveis de interesse e a interação entre os preditores do BES, assim, usou-se-a para verificar o efeito exercido das dimensões do *coping* no bem-estar subjetivo, controlando-se os fatores da personalidade. Os padrões de relacionamento verificados determinaram que o *coping* focado na emoção prediz a satisfação com a vida, os afetos positivos e os afetos negativos. O *coping* focado no problema predisser os afetos positivos e negativos, enquanto o *coping* evitação os afetos negativos. Tais resultados corroboram que o *coping* é um forte preditor da satisfação com a vida, relacionando-se fortemente aos afetos positivos, em que o BES correlacione-se negativamente com estratégias de evitação e positivamente com estratégias orientadas ao problema (Nunes et al., 2009).

Observou-se também o aumento da porcentagem da variância com a entrada da variável agradabilidade nas relações do *coping* focado na emoção e afetos positivos, como também do *coping* focado no problema e afetos positivos, sugerindo que, nesta amostra, os indivíduos com traços mais altruístas e prestativos tendem a recorrer às estratégias emocionais e focadas na resolução de problemas a fim de otimizar seus sentimentos de alegria e felicidade, como apontado por Reeve (2006). Assim como foi exibido que, com a inserção do traço de neuroticismo, houve incremento da porcentagem da variância na relação entre o

coping evitação e os afetod negativos, indicando a predisposição de sujeitos emocionalmente instáveis em recorrer às estratégias de evitação e, conseqüentemente, vivenciar emoções de angústia e tristeza (Albuquerque, Lima, Matos, & Figueiredo, 2012).

A partir dos resultados apresentados nos Estudos 1, 2 e 3, através das estimativas de consistência interna e análise de correlação entre os fatores, sugere-se que este tipo de *coping* (através do uso de mídias) é majoritariamente focado na emoção, ratificando constatações anteriores (Pimentel et al., 2012) e indicando que, para população em questão, as respostas emocionais são de fundamental importância para sua adaptação diante situações estressoras, em que ler livros, assistir filmes/séries, acessar a internet e, principalmente, ouvir músicas constituem-se como formas de lidar com possíveis problemas, objetivando o alívio do estresse emocional. Assim, o uso das mídias citadas pela amostra estudada pode ser entendido como um mecanismo de adaptação emocional diante as situações potencialmente estressoras (Bertamoni et al., 2013).

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como objetivo adaptar e reunir evidências de validade e precisão de três escalas de *coping* através do uso de mídias, a Escala de *Coping* através da Leitura de Livros, a Escala de *Coping* através de Assistir Filmes e Séries, e a Escala de *Coping* através do Uso da Internet. Além disso, buscou-se investigar suas relações com os traços da personalidade e o bem-estar subjetivo.

Frete ao exposto nas seções anteriores, constatou-se que os referidos instrumentos são empiricamente válidos para avaliar os tipos de *coping* aos quais se propõem, uma vez que foram encontrados satisfatórios índices psicométricos, semelhantes aos apresentados em estudos prévios acerca deste tema. Bem como foram exibidas correlações relevantes entre os construtos investigados e sugeridas predições deste tipo de *coping* sob o bem-estar subjetivo.

Tendo em vista as limitações do estudo, considerando que amostras não probabilísticas inviabilizam a generalização dos dados encontrados para diferentes populações, as medidas validadas podem ser usadas para fins acadêmicos. Além disso, a aplicação dos métodos de análise fatorial confirmatória subjaz entraves acerca da escolha do modelo fatorial mais adequado, considerando o fato deste desígnio ser determinado não apenas pelos índices estatísticos apresentados, mas também pela teoria subjacente ao construto. Ademais, as correlações exibidas, embora significantes, são tidas como baixas, explicando as proposições parcialmente, porém, não elucidando-as integralmente.

Devido a incipiência de pesquisas brasileiras sobre o *coping* e o uso de mídias, ressalta-se que a realização de verificações empíricas acerca do tema e seus resultados representam avanços tanto no âmbito psicométrico, quanto no conhecimento científico, podendo ser úteis para a fomentação de discussões e intervenções que busquem ampliar as estratégias de *coping* usadas por adolescentes e jovens que consomem estas mídias.

Isto posto, sugere-se a realização de análises mais robustas como modelos explicativos de mediação e moderação (*path analysis*) entre as variáveis consideradas, a fim de identificar relações de causalidade entre as mesmas. Recomenda-se também novos estudos em diferentes populações, contextos e delineamentos de pesquisa para obter maior compreensão do fenômeno e generalização dos dados. Também se aconselha a investigação de correlatos com outros construtos psicológicos, como a autoestima e a resiliência, por exemplo. Deste modo, espera-se que as medidas validadas e suas implicações sejam úteis para pesquisas futuras voltadas à temática do *coping* e mídias.

REFERÊNCIAS

- Abbad, G., & Torres, C. V. (2002). Regressão múltipla stepwise e hierárquica em psicologia organizacional: Aplicações, problemas e soluções. *Estudos de Psicologia*, 7, 19-29. doi: 10.1590/S1413-294X2002000300004
- Abreu, D. P. D., Viñas, F., Casas, F., Montserrat, C., González-Carrasco, M., & Alcântara, S. C. D. (2016). Estressores psicossociais, senso de comunidade e bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes de zonas urbanas e rurais do Nordeste do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(9), 01-12. doi: 10.1590/0102-311X00126815
- Albuquerque, I., Lima, M. P., Matos, M., & Figueiredo, C. (2012). Personality and subjective well-being: What hides behind global analyses? *Social Indicators Research*, 105(3), 447-460. doi: 10.1007/s11205-010-9780-7
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Martins, C. R., & Neves, M. T. S. (2008). Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. *Psicologia para América Latina*, 13, 0-0. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200011
- Albuquerque, F. J. B., Rodrigues, C. F. F., Gouveia, C. N. N. A., Martins, C. R., & Neves, M. T. S. (2007). Validação de uma escala de satisfação com a vida para idosos de baixa renda na Paraíba. *III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, João Pessoa - PB*. Recuperado de: <http://www.ibapnet.org.br/congresso2007/>
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 20(2), 153-164. doi: 10.1590/S0102-37722004000200008
- Anglim, J., & Grant, S. (2014). Predicting psychological and subjective well-being from personality: incremental prediction from 30 facets over the big 5. *Journal of Happiness Studies*, 17(1), 59-80. doi: 10.1007/s10902-014-9583-7
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglío, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf>

- Barcelos, R. H., & Rossi, C. A. V. (2014). Mídias sociais e adolescentes: Uma análise das consequências ambivalentes e das estratégias de consumo. *BASE: Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 11(2), 93-110. doi: 10.4013/base.2014.112.01
- Barker, V. (2009). Older adolescents motivations for social network site use: The influence of gender, group identity, and collective self-esteem. *CyberPsychology & Behavior*, 12(2), 209-213. doi: 10.1089/cpb.2008.0228
- Barros, B. M. C., & Richter, D. (2017). A informação e o consumo de mídia pelos brasileiros: Uma ótica do controle e monopólio da difusão da informação a partir da pesquisa brasileira de mídia 2016. *4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e direitos da sociedade em rede*, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS. Recuperado de: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/6-19.pdf>
- Bertamoni, T., Ebert, G., & Dornelles, V. G. (2013). Estudo correlacional sobre diferentes perfis de estratégias de coping de acordo com os traços de personalidade. *Aletheia*, 42, 92-105. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n42/n42a09.pdf>
- Borges, M. A. G. (2000). A Compreensão da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, 29(3), 25-32. doi: 10.1590/S0100-19652000000300003
- Brajša-Žganec, A., Ivanović, D., & Lipovčan, L. K. (2011). Personality traits and social desirability as predictors of subjective well-being. *Psihologijske Teme*, 20(2), 261-276. Recuperado de: <http://pt.ffri.hr/index.php/pt/article/view/2/2>
- Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social (2016). *Pesquisa brasileira de mídia 2016: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom. Recuperado de: http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

- Callender, J. C., & Osburn, H. G. (1979). An empirical comparison of coefficient alpha, guttman's lambda-2, and MSPLIT maximized split-half reliability estimates. *Journal of Educational Measurement*, 16(2), 89–99. doi: 10.1111/j.1745-3984.1979.tb00090.x
- Câmara, S. G., & Sarriera, J. C. (2003). Estilos de coping na predição de bem-estar psicológico de adolescentes. *Aletheia*, 17, 83-93. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013455009.pdf>
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2016). Escala brasileira de coping para adolescentes (EBCA): Versão revisada. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 94-102. doi: 10.24879/201600100010051
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual Review of Psychology*, 61(1), 679-704. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100352
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede – A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chou, W. P., Ko, C. H., Kaufman, E. A., Crowell, S. E., Hsiao, R. C., Wang, P. W., Lin, J. J., & Yen, C. F. (2015). Association of stress coping strategies with Internet addiction in college students: The moderating effect of depression. *Comprehensive Psychiatry*, 62(1), 27-33. doi: 10.1016/j.comppsy.2015.06.004
- Conselho Federal de Psicologia - CFP (2003). Resolução n.º 02/2003. Recuperado de: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/05/resoluxo022003.pdf>
- Cortina, J. M. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78(1), 98-104. doi: 10.1037/0021-9010.78.1.98
- Costa, E. S., & Leal, I. P. (2006). Estratégias de coping em estudantes do ensino superior. *Análise Psicológica*, 24(2), 189-199. Recuperado de: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n2/v24n2a06.pdf>
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: Happy and unhappy people. *Journal of personality and social psychology*, 38(4), 668. doi: 10.1037/0022-3514.38.4.668
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação psicológica*, 11(2), 213-228. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>

- Damásio, C., Nunes, L., & Sobral, J. M. (2014). A análise de redes sociais no estudo do processo da construção da ajuda mútua da pessoa com doença oncológica com blogue. *REDES - Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, 25(1), 153-189. Recuperado de: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13751/1/A_Analise_de_Redes_Sociais_no_estudo_do.pdf
- Deatherage, S., Servaty-Seib, H. L., & Aksoz, I. (2013). Stress, coping, and internet use of college students. *Journal of American College Health*, 62(1), 40-46. doi: 10.1080/07448481.2013.843536
- Dias, M. C. (2014). *Relação entre coping, bem-estar psicológico e satisfação com a vida, numa população de adolescentes* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa. Recuperado de: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20448/1/ulfpie047398_tm.pdf
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575. doi: 10.1037/0033-2909.95.3.542
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75. doi: 10.1207/s15327752jpa4901_13
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological bulletin*, 125(2), 276-302. doi: 10.1037/0033-2909.125.2.276
- DiStefano, C., & Hess, B. (2005). Using confirmatory factor analysis for construct validation: An empirical review. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 23(3), 225-241. doi: 10.1177/073428290502300303
- Endler, N. S., & Parker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 844-854. doi: 10.1037//0022-3514.58.5.844
- Fabrigar, L. R., Wegener, D. T., MacCallum, R. C., & Strahan, E. J. (1999). Evaluating the use of exploratory factor analysis in psychological research. *Psychological Methods*, 4(3), 272-299. doi: 10.1037/1082-989X.4.3.272

- Figueiredo Filho, D. B., & Silva Júnior, J. A. D. (2010). Visão além do alcance: Uma introdução à análise fatorial. *Opinião pública*, 16(1), 160-185. doi: 10.1590/S0104-62762010000100007
- França-Freitas, M. L. P., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Dotação, habilidades sociais e bem-estar subjetivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(3), 133-149. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v69n3/10.pdf>
- Fredrickson, B. L. (2001). The role of positive emotions in positive psychology: The broaden-and-build theory of positive emotions. *American psychologist*, 56(3), 218. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3122271/>
- Gaderman, A., & Zumbo, B. D. (2007). Investigating the intra-individual variability and trajectories of subjective well-being. *Social Indicators Research*, 81(1), 1-33. doi: 10.1007/s11205-006-0015-x
- Garcia, L. F. (2006). Teorias psicométricas da personalidade. In Flores-Mendoza, C. E., & Colom, R. (Orgs.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.
- Garcia, D., & Erlandsson, A. (2011). The relationship between personality and subjective well-being: Different association patterns when measuring the affective component in frequency and intensity. *Journal of Happiness Studies*, 12(6), 1023-1034. doi: 10.1007/s10902-010-9242-6
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3158>
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: Em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, 12(1), 43-50. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a05.pdf>
- Gomes, A. I. A. S. B. (2011). *A escolha de parceiro(a) ideal por hetero e homossexuais: Uma leitura a partir dos valores e traços de personalidade* (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Recuperado de: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6880/1/arquivototal.pdf>

- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B., Jr. (2003). A very brief measure of the big-five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504-528. doi: 10.1016/S0092-6566(03)00046-1
- Gramacho, W. G., & Jácomo, A. (2014). Padrões de uso dos meios de comunicação no Brasil. *IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, Brasília - DF*. Recuperado de: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/03/estudo-brasileiro-midia-panorama-dos-habitos-uso-e-consumo.pdf>
- Grant, S., Langan-Fox, J., & Anglim, J. (2009). The big five traits as predictors of subjective and psychological well-being. *Psychological reports*, 105(1), 205-231. doi: 10.2466/PRO.105.1.205-231
- Guedea, M. T. D., Albuquerque, F. D., Tróccoli, B. T., Noriega, J. A. V., Seabra, M. A. B., & Guedea, R. L. D. (2006). Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 301-308. doi: 10.1590/S0102-79722006000200017.
- Guerreiro, D. F., Cruz, D., Figueira, M. L., & Sampaio, D. (2014). Estudo de adaptação e características psicométricas da versão portuguesa da adolescent coping scale: Escala de coping para adolescentes. *Acta Médica Portuguesa*, 27(2), 35-40. doi: 10.20344/amp.4729
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed.
- Hayes, N., & Joseph, S. (2003). Big 5 correlates of three measures of subjective well-being. *Personality and Individual Differences*, 34(4), 723-727. doi: 10.1016/S0191-8869(02)00057-0
- Headey, B., & Wearing, A. (1989). Personality, life events, and subjective well-being: Toward a dynamic equilibrium model. *Journal of Personality and Social psychology*, 57(4), 731-739. doi: 10.1037/0022-3514.57.4.731
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118

- Huebner, E. S. (1991). Correlates of life satisfaction in children. *School Psychology Quarterly*, 6(2), 103-111. doi: 10.1037/h0088805
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. 3ed. New York: The Guilford Press.
- Kubovy, M. (1999). On the pleasures of the mind. In Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N., *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp. 134-154). New York: Russell Sage Foundation.
- Langane, M. C. (2013). *Estratégias de coping, satisfação com a vida, ansiedade e auto-estima: O papel do álcool* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias. Recuperado de: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5119/Manuel%20Custodio%20Tese%2028%20Nov.pdf?sequence=1>
- Laros, J. A. (2004). O uso da análise fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores. Em Pasquali, L. (Org.), *Análise fatorial para pesquisadores*. Petrópolis: Vozes.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lima, R. F. F., & Moraes, N. A. (2016). Caracterização qualitativa do bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. *Temas em Psicologia*, 24(1), 1-15. doi: 10.9788/TP2016.1-01
- Lisboa, C. S. D. M., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K. C. B., Oliveira, L. H., Porciuncula, L. P., & De Marchi, R. B. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 345-362. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v15n2/14358.pdf>
- Livingstone, S. (2007). From family television to bedroom culture: Young people's media at home (pp. 302-321). In Devereux, E. (org.), *Media Studies: Key issues and debates*. London: Sage Publications.
- Lucas, R. E., & Diener, E. (2008). Personality and subjective well-being. In John, O. P., Robins, R. W. & Pervin, L. A. (Eds.), *Handbook of personality-theory and research* (pp. 795-814). New York: The Guilford Press.

- Machado, W. D. L., & Bandeira, D. R. (2012). Bem-estar psicológico: Definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 587-595. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400013
- Maia, M. F. M., Raposo, J. J. B. V., Formiga, N. S., Tolentino, T. M., & Melo, G. F. (2016). Verificação empírica da consistência fatorial do inventário de bem-estar subjetivo munsh em jovens brasileiros. *Psicologia em Pesquisa*, 10(2), 76-84. doi: 10.24879/201600100020062
- Magnus, K. B., & Diener, E. (1991). *A longitudinal analysis of personality, life events, and subjective well-being* (Tese de Baixarel em Artes e Ciências Liberais). Urbana-Champaign: University of Illinois. Recuperado de: https://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_bib/freetexts/magnus_k_1991.pdf
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1986). Personality, coping, and coping effectiveness in an adult sample. *Journal of Personality*, 54 (2), 385-405. doi: 10.1111/j.1467-6494.1986.tb00401.x
- McDonald, R. P., & Ho, M. H. R. (2002). Principles and practice in reporting structural equation analyses. *Psychological Methods*, 7(1), 64-82. doi: 10.1037//1082-989X.7.1.64
- McMahan, E., & Estes, D. (2011). Measuring lay conceptions of well-being: The beliefs about well-being scale. *Journal of Happiness Studies*, 12(2), 267-287. doi: 10.1007/s10902-010-9194-x
- McMillan, S. J., & Morrison, M. (2006). Coming of age with the Internet: A qualitative exploration of how the Internet has become an integral part of young people's lives. *New Media & Society*, 8(1), 73-95. doi: 10.1177/1461444806059871
- Meena, P. S., Mittal, P. K., & Solanki, R. K. (2013). Problematic use of social networking sites among urban school going teenagers. *Industrial Psychiatry Journal*, 21(2), 94-97. doi: 10.4103/0972-6748.119589
- Mendes, A. R., & Stobäus, C. D. (2017). Oficina vida emocional: Repercussões no bem-estar subjetivo de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 24(1), 44-54. doi: 10.18764/2178-2229.v24n1p44-54

- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationships and problematic internet use in adolescence. *CyberPsychology & Behavior*, 12(6), 681-684. doi: 10.1089/cpb.2009.0071
- Miranda, D., & Claes, M. (2009). Music listening, coping, peer affiliation and depression in adolescence. *Psychology of Music*, 37(2), 215-233. doi: 10.1177/0305735608097245
- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Escala reduzida de descritores dos cinco grandes fatores de personalidade: Prós e contras. *Psico*, 46(1), 79-89. doi: 10.15448/1980-8623.2015.1.16901
- Noriega, J. A. V., Albuquerque, F. J. B. D., Alvarez, J. F. L., & Pimentel, C. E. (2003). Coping em uma população do nordeste brasileiro. *Avaliação Psicológica*, 2(1), 17-27. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n1/v2n1a03.pdf>
- Noronha, A. P. P., Freitas, P. C. S., Piovezan, N. M., & Joly, M. C. R. A. (2013). Afetos positivos e negativos e autoeficácia em jovens do ensino médio. *Rev. Psicol. Trujillo (Perú)* 15(1), 9-21. Recuperado de: http://revistas.ucv.edu.pe/index.php/R_PSI/article/view/206/117
- Noronha, A. P. P., Martins, D. D. F., Campos, R. R. F., & Mansão, C. S. M. (2015). Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(2), 92-101. doi: 10.5935/1678-4669.20150011.
- Novo, R. (2005). Bem-Estar e Psicologia: Conceitos e Propostas de Avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica - RIDEP*, 20(2), 183-203. Recuperado de: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17844/1/2005%20BEP%20RIDEP.pdf>
- Nunes, C. H. S. D. S., & Hutz, C. S. (2006). Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *PsicoUSF*, 11(2), 147-155. doi: 10.1590/S1413-82712006000200003
- Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v8n1/v8n1a09.pdf>
- O'Grady, K. E. (1982). Measures of explained variance: Cautions and limitations. *Psychological Bulletin*, 92(3), 766-777. doi: 10.1037/0033-2909.92.3.766

- Osburn, H. G. (2000). Coefficient alpha and related internal consistency reliability coefficients. *Psychological Methods*, 5(2), 343-355. doi: 10.1037/1082-989X.5.3.343
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34(1), 126-135. doi: 10.1590/S0101-60832007000700016.
- Pasquali, L. (1999). *Análise fatorial: Um manual teórico-prático*. Brasília: Editora UnB.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Pedro, R. (2009). A tecnologia das mídias: A relação dos sujeitos com os meios tecnológicos de comunicação (pp. 59-64). In Conselho Federal de Psicologia, *Mídia e psicologia: Produção de subjetividade e coletividade*. 2 ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Pereira, J. C. R. (2004). *Análise de dados qualitativos: Estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais*. 3 ed. São Paulo: EDUSP.
- Pimentel, C. E., Vargas, M. M., Almeida, T. O., Maynard, V. A. P., & Figueiredo, S. M. C. T. (2012). Evidências de validade e precisão da Escala de Coping através de Ouvir Música. *Psico-USF*, 17(1), 141-151. doi: 10.1590/S1413-82712012000100015
- Pinheiro, F. A., Tróccoli, B. T., & Tamayo, M. R. (2003). Mensuração de coping no ambiente ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 153-158. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v19n2/a07v19n2.pdf>
- Queroz, N. & Neri, A. (2005). Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. *Psicol. Reflex. Crit*, 18(2), 74-91. doi: 10.1590/S0102-79722005000200018
- Reeve, J. (2006). *Motivação e emoção*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Resende, M. C., Silva, R. M., Marques, T. P., & Abreu, M. V. (2008). Coping e satisfação com a vida em adultos com AIDS. *Psico*, 39(2), 232-239. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161612>

- Rosa, M. F. C. (2016). *Bem-estar psicológico e estratégias de coping em adolescentes com e sem obesidade* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa. Recuperado de: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26689/1/ulfpie051176_tm.pdf
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.141
- Ryff, C. D., & Singer B. H. (2008). Know thyself and become what you are: A eudaimonic approach to psychological well-being. *Journal of Happiness Studies*, 9(1), 13-39. doi: 10.1007/s10902-006-9019-0
- Santaella, L. (2003). Da Cultura das mídias à cibercultura: O advento do pós-humano. *Revista Famecos*, 10(22), 61-62. Recuperado de: <http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf>
- Santeiro, F. R. M., Zanini, D. S., & Santeiro, T. V. (2017). Análise empírica de tendências na produção científica sobre coping (SciELO, 1993/2012). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33(1), 01-09. doi: 10.1590/0102.3772e3349
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5-14. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.5
- Silva, L. F. (2012). *Estratégias de coping e bem-estar subjetivo: Estudo com trabalhadores desempregados* (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Recuperado de: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1795/1/LIDIANE%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>
- Silva, I. B., & Nakano, T. C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: Análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51-62. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a06.pdf>
- Simonetti, J. P., & Ferreira, J. C. (2008). Estratégias de coping desenvolvidas por cuidadores de idosos portadores de doença crônica. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 42(1), 19-25. doi: 10.1590/S0080-62342008000100003

- Sisto, F. F., & Oliveira, A. F. (2007). Traços de personalidade e agressividade: Um estudo de evidência de validade. *Psic*, 8(1), 89-99. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v8n1/v8n1a11.pdf>
- Smith, A., Jones, L., Mitchell, K., Newlin, C., & Hamby, S. (2015). “Netflix and cope”: Down time as a potential form of coping and self-regulation. *Southeastern Psychological Association*, 01-01. doi: 10.13140/RG.2.2.29468.49284
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics*. 5 ed. Boston: Allyn and Bacon.
- Tellegen, P. J. & Laros, J. A. (2004). Cultural bias in the SON-R test: Comparative study of brazilian and dutch children. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 103-111. doi: 10.1590/S0102-37722004000200002
- Utsey, S. O., Hook, J. N., Fischer, N., & Belvet, B. (2008). Cultural orientation, ego resilience, and optimism as predictors of subjective well-being in African Americans. *The Journal of Positive Psychology*, 3(3), 202-210. doi: 10.1080/17439760801999610
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., & Pessoa, V. S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: Testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65. doi: 10.1590/S0103-166X2008000100006
- Verzani, R. H. (2017). *Novas mídias sociais, atletas e o coping: Relações impertinentes* (Dissertação de Mestrado). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista. Recuperado de: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148842/verzani_rh_me_rcla.pdf?sequence=3
- Watson, D., & Hubbard, B. (1996). Adaptational style and dispositional structure: Coping in the context of the five-factor model. *Journal of Personality*, 64(4), 737-774. doi: 10.1111/j.1467-6494.1996.tb00943.x
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 30(4), 401-409. doi: 10.1590/S0102-37722014000400005
- Zanon, C., Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201. doi: 10.1590/S1413-827120130002000

APÊNDICES

Apêndice I

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar Subjetivo

Pesquisador: THAMIRES PEREIRA ALVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12529119.2.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.487.315

Apresentação do Projeto:

Trata-se de analisar o projeto de pesquisa intitulado "Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar subjetivo" da aluna Thamires Pereira Alves, discente de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Adaptar e reunir evidências de adequação psicométrica para três escalas (Escala de Coping através da Leitura de Livros, Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries, e Escala de Coping através do Uso da Internet) e verificar possíveis correlações desses instrumentos com os fatores da personalidade e o bem estar subjetivo.

Objetivos Secundários:

1. Verificar a adequação psicométrica da Escala de Coping através de Ouvir Música em uma população geral;
2. Adaptar e validar a Escala de Coping através da Leitura de Livros;
3. Adaptar e validar a Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries;
4. Adaptar e validar a Escala de Coping através do Uso da Internet;

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.487.315

5. Analisar as diferenças de gênero na utilização das estratégias de coping;
6. Verificar os efeitos mediadores da extroversão e do neuroticismo na relação entre o coping e o bem-estar subjetivo;
7. Investigar a predição dos afetos positivos e negativos sobre as estratégias de coping.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Prevê-se riscos mínimos à colaboração nesta pesquisa, visto que o questionário pode gerar fadiga, desconforto psicológico e constrangimento. Neste caso, a participação será imediatamente interrompida.

Benefícios:

Com a análise dos estudos delineados será possível, além da validação das escalas propostas para o contexto nacional, verificar a predição da personalidade e do bem-estar subjetivo sobre o coping através do uso das mídias de comunicação. Dessa forma, os resultados obtidos serão úteis para fomentar discussões relevantes sobre o tema, como também estimular estudos futuros, uma vez que este é um tema pouco explorado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O método utilizado no presente projeto será com estudos psicométricos e correlacionais, de corte transversal, com procedimento de coleta de dados quantitativos. O delineamento encontra-se dividido em três estudos. Os Estudos 1 e 2 objetivam a adaptação e validação de três instrumentos, a saber: Escala de Coping através da Leitura de Livros, Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries, e Escala de Coping através do Uso da Internet. Serão realizadas análises fatoriais exploratória e confirmatória, respectivamente. Para tal, espera-se contar com uma amostra por conveniência ou não probabilística de, em média, 200 participantes em cada estudo (totalizando em 400 participantes), que deverão responder voluntariamente ao questionário com as escalas mencionadas. Pretende-se distribuir equitativamente a amostra entre os sexos e a mesma será composta por participantes da população geral.

O Estudo 3 propõe verificar o efeito da personalidade, dos afetos e da satisfação com a vida sobre o coping através do uso das referidas mídias de comunicação. Assim como os estudos anteriores, a amostra será por conveniência ou não probabilística com, em média, 400 participantes, que deverão responder voluntariamente ao questionário de pesquisa. Também pretende-se distribuir equitativamente a amostra entre os sexos, sendo esta formada por participantes da população em

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N		
Bairro: CASTELO BRANCO		CEP: 58.051-900
UF: PB	Município: JOÃO PESSOA	
Telefone: (83)3216-7791	Fax: (83)3216-7791	E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.487.315

geral.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto em apreciação se encontra de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho nacional de Saúde.

Recomendações:

Recomenda-se manter a metodologia proposta.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1283829.pdf	11/06/2019 21:44:48		Aceito
Outros	certidao_projeto.pdf	11/06/2019 21:43:27	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento.docx	10/06/2019 11:03:39	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo.docx	10/06/2019 11:03:24	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	10/06/2019 11:02:47	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	10/04/2019 21:59:41	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	07/03/2019 17:05:43	THAMIRES PEREIRA ALVES	Aceito

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.487.315

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 06 de Agosto de 2019

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Apêndice II



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL



CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins, que aceito o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado **Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar** nesta Instituição. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pela discente de mestrado **Thamires Pereira Alves**, sob orientação do **Prof.º Dr.º Carlos Eduardo Pimentel**, vinculados ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo é adaptar e reunir evidências de adequação psicométrica para três escalas de coping através do uso de mídias e verificar possíveis correlações desses instrumentos com outros construtos psicológicos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

João Pessoa, 21 de novembro de 2019.

Carlos Eduardo Pimentel - Orientador
PPGPS - Universidade Federal da Paraíba

Thamires Pereira Alves
PPGPS - Universidade Federal da Paraíba

Assinatura do Responsável pela Instituição



Apêndice III



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaro para os devidos fins, que aceito o pesquisador **Isaac Rodas** a desenvolver o projeto de pesquisa **Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar** nesta Instituição. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pela mestranda **Thamires Pereira Alves**, sob orientação do **Prof.º Dr.º Carlos Eduardo Pimentel**, vinculados ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo é adaptar e reunir evidências de adequação psicométrica para três escalas de coping através do uso de mídias e verificar possíveis correlações desses instrumentos com outros construtos psicológicos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Patos, 01 de Fevereiro de 2019.

Thamires Pereira Alves

Thamires Pereira Alves
PPGPS - Universidade Federal da Paraíba

Sylvania Falcão Gomes Alves
Assinatura do Responsável pela Instituição

ANEXOS

Anexo I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar **Subjetivo**

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que está sendo desenvolvida por Thamires Pereira Alves, discente de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

Trata-se de um estudo sobre o coping e o uso de mídias de comunicação e informação. Assim, gostaríamos de contar com a sua colaboração para responder o presente formulário (com duração média de 15 minutos), como também sua autorização para a divulgação dos resultados em livros, artigos científicos e eventos da área.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Estamos a sua disposição para qualquer esclarecimento adicional, bem como para o encaminhamento dos resultados deste estudo. Você pode contatar-nos através dos e-mails: thamirespereiraalves@hotmail.com e carlosepimentel@bol.com.br.

Antes de prosseguir, de acordo com o disposto nas resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento. A participação na pesquisa só será iniciada após a concordância com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) em duas vias, uma ficando com o participante e a outra com os pesquisadores.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa “***Coping através do Uso de Mídias e sua Relação com a Personalidade e o Bem-estar Subjetivo***” e ter lido os esclarecimentos prestados anteriormente no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu **CONCORDO** em participar do presente estudo, permitindo que os dados obtidos sejam utilizados para os fins da pesquisa, estando ciente que os resultados serão publicados para a difusão e progresso do conhecimento científico e que minha identidade será preservada. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

_____, ____/____/____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Aluno Pesquisador



Espaço para impressão dactiloscópica

Em caso de dúvidas com respeito a presente pesquisa, você poderá consultar:

Contato do Pesquisador Responsável

Thamires Pereira Alves

Mestranda em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba – Campus I, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

Endereço: Castelo Branco, CEP 58051900, João Pessoa, PB – Brasil.

Telefone: (83) 99939-5629. E-mail: thamirespereiraalves@hotmail.com

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB

Endereço: Universidade Federal da Paraíba – Campus I, Cidade Universitária. Castelo Branco, CEP: 58051900, João Pessoa, PB – Brasil.

Telefone: (83) 3216-7791. E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br

Anexo II – INSTRUMENTOS

Escala de Coping através de Ouvir Música (Pimentel et al., 2012)

INSTRUÇÕES. Vários jovens escutam música quando se encontram numa situação estressante. Por favor, leia as frases a seguir e responda com que frequência realiza cada comportamento descrito nos itens 1 a 10. Marque um “X” no número que melhor representa sua resposta.

Quando estou estressado com problemas (na escola ou universidade, com amigos ou com a família) escuto meu tipo de **música favorito** para...

Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4	5

1) ...evitar pensar nos meus problemas.	1	2	3	4	5
2) ...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas.	1	2	3	4	5
3) ...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
4) ...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor.	1	2	3	4	5
5) ...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer.	1	2	3	4	5
6) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo.	1	2	3	4	5
7) ...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança.	1	2	3	4	5
8) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade.	1	2	3	4	5
9) ...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar.	1	2	3	4	5
10) ...ajudar-me a desopilar.	1	2	3	4	5

Escala de Coping através da Leitura de Livros

INSTRUÇÕES. Agora, gostaríamos que respondesse algumas questões relacionadas aos seus comportamentos em relação a leitura de livros.

Quando estou estressado com problemas (na escola ou universidade, com amigos ou com a família) leio meus **livros favoritos** para...

Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4	5

1) ...evitar pensar nos meus problemas.	1	2	3	4	5
2) ...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas.	1	2	3	4	5
3) ...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
4) ...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor.	1	2	3	4	5
5) ...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer.	1	2	3	4	5
6) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo.	1	2	3	4	5
7) ...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança.	1	2	3	4	5
8) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade.	1	2	3	4	5
9) ...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar.	1	2	3	4	5
10) ...ajudar-me a desopilar.	1	2	3	4	5

Escala de Coping através de Assistir Filmes e Séries

INSTRUÇÕES. Agora, gostaríamos que respondesse algumas questões relacionadas aos seus comportamentos em relação a assistir filmes e séries.

Quando estou estressado com problemas (na escola ou universidade, com amigos ou com a família) assisto a **filmes e seriados do meu gênero favorito** para...

Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4	5

1) ...evitar pensar nos meus problemas.	1	2	3	4	5
2) ...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas.	1	2	3	4	5
3) ...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
4) ...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor.	1	2	3	4	5
5) ...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer.	1	2	3	4	5
6) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo.	1	2	3	4	5
7) ...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança.	1	2	3	4	5
8) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade.	1	2	3	4	5
9) ...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar.	1	2	3	4	5
10) ...ajudar-me a desopilar.	1	2	3	4	5

Escala de Coping através do Uso da Internet

INSTRUÇÕES. Agora, gostaríamos que respondesse algumas questões relacionadas aos seus comportamentos em relação ao uso da internet.

Quando estou estressado com problemas (na escola ou universidade, com amigos ou com a família) **acesso à internet** para...

Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4	5

1) ...evitar pensar nos meus problemas.	1	2	3	4	5
2) ...evitar pensar em pessoas que estão me causando problemas.	1	2	3	4	5
3) ...ajudar-me a refletir melhor para encontrar soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
4) ...ajudar-me a estudar (ou trabalhar) melhor.	1	2	3	4	5
5) ...motivar-me a fazer o que acho que devo fazer.	1	2	3	4	5
6) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, tais como sentimentos de depressão, ansiedade e medo.	1	2	3	4	5
7) ...ajudar-me a ter emoções positivas, como alegria, felicidade e esperança.	1	2	3	4	5
8) ...ajudar-me a reduzir minhas emoções negativas, como frustração, raiva e agressividade.	1	2	3	4	5
9) ...ajudar-me a reduzir o estresse, a relaxar e me acalmar.	1	2	3	4	5
10) ...ajudar-me a desopilar.	1	2	3	4	5

Inventário de Dez Itens da Personalidade – TIPI (Gosling et al., 2003)

INSTRUÇÕES. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

Eu me vejo como alguém...

- | | |
|---|---|
| 1. _____ Extrovertido, entusiasta. | 6. _____ Reservado, quieto. |
| 2. _____ Crítico, briguento. | 7. _____ Simpático, acolhedor. |
| 3. _____ Confiável, auto-disciplinado. | 8. _____ Desorganizado, descuidado. |
| 4. _____ Ansioso, que se chateia facilmente | 9. _____ Calmo, emocionalmente estável. |
| 5. _____ Aberto a novas experiências, complexo. | 10. _____ Convencional, sem criatividade. |

Escala de Satisfação com a vida (Albuquerque et al., 2007)

INSTRUÇÕES. Por favor, indique o quanto concorda ou discorda com cada afirmação, escrevendo um número que melhor lhe representa no espaço ao lado da afirmação.

Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente
1	2	3	4	5	6	7

1. ____ Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal.
2. ____ As condições da minha vida são excelentes.
3. ____ Estou satisfeito(a) com minha vida.
4. ____ Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.
5. ____ Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria quase nada na minha vida.

Escala de Afetos (Zanon et al., 2013)

INSTRUÇÕES. Por favor, responda o quão as afirmações abaixo descrevem **seus sentimentos e emoções passadas e presentes**. Use a escala de respostas abaixo e marque com um X.

Não me descreve	Me descreve parcialmente	Às vezes me descreve	Me descreve frequentemente	Me descreve muito
1	2	3	4	5

1. Muitas vezes, eu fico nervoso.	1	2	3	4	5
2. Me sinto confiante no dia a dia.	1	2	3	4	5
3. Sou corajoso.	1	2	3	4	5
4. Tenho me sentido cansado nos últimos meses.	1	2	3	4	5
5. Ando muito preocupado nos últimos tempos.	1	2	3	4	5
6. Sou determinado para conseguir o que eu quero.	1	2	3	4	5
7. Me sinto culpado por coisas que eu fiz no passado.	1	2	3	4	5
8. Sou apaixonado por algumas coisas que eu faço.	1	2	3	4	5
9. Muitas situações me deixaram alegre nos últimos tempos.	1	2	3	4	5
10. Fico zangado quando sou contrariado.	1	2	3	4	5
11. As pessoas dizem que sou mal-humorado.	1	2	3	4	5
12. Ultimamente ocorreram situações em que senti muita raiva de algumas pessoas.	1	2	3	4	5
13. Em geral eu me sinto forte para superar as dificuldades da vida.	1	2	3	4	5
14. Me dá prazer experimentar coisas novas.	1	2	3	4	5
15. Sinto orgulho de mim mesmo.	1	2	3	4	5
16. Eu me irrita facilmente.	1	2	3	4	5
17. Sou valente quando estou diante de um desafio.	1	2	3	4	5
18. Sou uma pessoa feliz.	1	2	3	4	5
19. Nos últimos tempos ocorreram situações em que me senti humilhado.	1	2	3	4	5
20. Tenho me sentido triste ultimamente	1	2	3	4	5

Anexo III - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

INSTRUÇÕES. Finalmente, gostaríamos de obter algumas informações sobre você. Não pretendemos identificá-lo (a), estas informações unicamente descrevem os participantes deste estudo.

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
3. Estado Civil: ☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ Divorciado(a) ☐ Viúvo(a)
4. Cidade onde mora? _____
5. Escolaridade: ☐ Ensino Fundamental Completo ☐ Ensino Superior Incompleto
☐ Ensino Médio Incompleto ☐ Ensino Superior Completo
☐ Ensino Médio Completo ☐ Pós-graduação
6. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que sua família é da:
☐ Classe baixa ☐ Classe média ☐ Classe Alta
7. Usa dispositivos móveis para ouvir música? Sim ☐ Não ☐
8. Usa dispositivos móveis para ler livros? Sim ☐ Não ☐
9. Usa dispositivos móveis e aplicativo específico para assistir séries e filmes? Sim ☐ Não ☐
10. Qual seu gênero favorito de música? _____
11. Qual seu gênero favorito de leitura? _____
12. Qual seu gênero favorito de filmes e séries? _____
13. Acha que ouvir músicas influencia no comportamento? Sim ☐ Não ☐
14. Acha que ler influencia no comportamento? Sim ☐ Não ☐
15. Acha que assistir filmes e séries influencia no comportamento? Sim ☐ Não ☐
16. Acha que usar a internet influencia no comportamento? Sim ☐ Não ☐

